

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E METODOLOGIAS DE ENSINO DAS MODALIDADES E ATENDIMENTO ESPECIALIZADO

Volume 1



**GOVERNO DO ESTADO
SÃO PAULO**

Secretaria da Educação

Créditos**Secretaria da Educação do Estado de São Paulo – SEDUC****Secretário da Educação**

Rossieli Soares da Silva

Secretaria Executiva

Renilda Peres de Lima

Chefe de Gabinete

Renilda Peres de Lima

Coordenadoria Pedagógica – COPED

Caetano Pansani Siqueira

Dep. de Modalidades Educacionais e Atendimento Especializado – DEMOD

Nadine de Assis Camargo

Centro de Apoio Pedagógico – CAPE

Carolina Molinari Carvalho Ruiz

Centro de Educação de Jovens e Adultos – CEJA

Luane Martins Belarmino

Centro de Inclusão Educacional – CINC

Danilo Scalabrinini

Equipe Técnica

Adriano Rodrigues Biajone, Angela Maria dos Santos, Dorisdalva Jardim de Jesus, Fernanda Barletta Martins, Jefferson Diego de Paulo, Juvenal de Gouveia, Lidney Soares Agostinho, Maria Aurecy Pinheiro Chagas, Neli Maria Mengalli, Pedro Irio Angulo Ferreira de Mendonça, Raquel Magalhães de Almeida, Raquel Maria Rodrigues, Ricardo Ossami Paris, Roberto Da Silva Rodrigues, Rodrigo Helmeister de Melo, Rosana de Paulo Pereira.

Colaboração

Adriana dos Santos Cunha, Beatriz Santana Ferreira, Laís Modesto, Pedro de Souza Santos, Letícia Gualtieri Ferreira de Oliveira, Rafael Angelo de Oliveira, Simone de Cássia Ribeiro, Uíara Maria Pereira Araújo, Vanessa de Brito Silva.

Editoração e Organização

Fernanda Barletta Martins, Raquel Maria Rodrigues, Rosana de Paulo Pereira.

Práticas Pedagógicas e Metodologias de Ensino das Modalidades e Atendimento Especializado

Volume 1

**São Paulo
2021**

Apresentação

É com imensa satisfação que o Departamento de Modalidades Educacionais e Atendimento Especializado (DEMOD), por meio do Centro de Apoio Pedagógico (CAPE), do Centro de Educação de Jovens e Adultos (CEJA) e do Centro de Inclusão Educacional (CINC), apresenta o documento “PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E METODOLOGIAS DE ENSINO DAS MODALIDADES E ATENDIMENTO ESPECIALIZADO – Volume 1”. Trata-se de um compilado de ações e estratégias exitosas desenvolvidas durante o período de quarentena de 2020 - dado o contexto da pandemia do Coronavírus - e compartilhadas por educadores que atuam na rede pública de ensino do Estado de São Paulo.

Seja por meio das aulas remotas ou durante o período opcional de retomada das aulas presenciais, estes profissionais divulgam aqui práticas de sala de aula realizadas em 2020 e que envolvem as seguintes modalidades, atendimentos e temáticas: EJA (curso presencial e de presença flexível-CEEJA); Programa de Educação nas Prisões (PEP); Atendimento Socioeducativo; Educação Escolar Indígena (EEI); Educação Escolar Quilombola (EEQ); Educação do Campo (Edoc): Acampados, Assentados e Comunidades Tradicionais; Estudantes Migrantes Internacionais; Estudantes Itinerantes; Atendimento Educacional Especializado (AEE); Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER); Educação para a Diversidade Sexual e de Gênero (EDSG).

O objetivo dessa primeira edição é promover visibilidade e fomentar replicabilidade de iniciativas que, durante o período de ensino remoto e na volta gradativa das atividades presenciais do ano letivo de 2020, contemplaram a participação dos estudantes das diferentes modalidades/atendimentos/temáticas em ações, projetos, iniciativas inovadoras etc., com resultados positivos e oportunizando à comunidade escolar um movimento de reflexão e de envolvimento com práticas que estimulem e desenvolvam a aprendizagem de diversas formas e contextos, fomentando princípios como igualdade, equidade e participação coletiva.

Agradecemos aos profissionais da rede pública estadual de ensino que compartilharam seus artigos, respondendo à chamada do DEMOD no segundo semestre de 2020 para compor o Volume 1 desta publicação.

Parabenizamos pelos trabalhos elaborados e saudamos as iniciativas realizadas!

Bom Trabalho!

Nadine de Assis Camargo

Diretora do Departamento de Modalidades Educacionais e
Atendimento Especializado (DEMOD)

Sumário

Introdução.....	7
Capítulo 1 – Práticas Pedagógicas para Estudantes Elegíveis ao Serviço da Educação Especial.....	12
Um, dois, três gravando! Experiências de projeto com curta-metragem mediado por teletrabalho no período de pandemia (COVID-19) com estudantes com autismo - <i>Maria de Lourdes de Moraes Pezzuol, Neiva Carrião Portela, Vanessa Cristina de Oliveira.....</i>	13
Diálogos de integração entre a Comunidade Escolar: Comemoração do dia do Surdo - <i>Kelly Rocha Arakaki, Ester Barbosa Fidelis.....</i>	20
Horta com irrigação automatizada - <i>Gislaine Fernanda Nespoli da Silva, Neiva Carvalho Collaço, Sonia Maria Maciel Lopes.....</i>	30
Capítulo 2 - Práticas Pedagógicas na Educação de Jovens e Adultos.....	36
Atelier na escola: experimentação com arte - <i>Leandro Matos.....</i>	37
Aulas remotas em tempos de pandemia: reorganizando a educação de jovens e adultos no contexto de isolamento social - <i>Cláudia Sodré Lopes da Silva, Edivaldo Félix Gonçalves, Ronaldo Adriano de Faria.....</i>	41
Ética e cidadania por meio do ensino remoto: relação entre conceitos e práticas desenvolvidas na Educação de Jovens e Adultos - <i>Graça de Lourdes Silvestre Pera, Ricardo Manffrenatti Venturelli, Vanessa de Almeida Contratres Costa.....</i>	50
O ensino da física com auxílio das tecnologias - <i>Alana Moreti, Natali Morales Ribeiro da Silva Mazzer.....</i>	60
Práticas pedagógicas das relações étnico-raciais: uma relação entre o ensino	

regular e a contribuição do Ensino de Jovens e Adultos em meio a uma pandemia - <i>Felipe Oliveira Florêncio da Hora</i>	65
Capítulo 3 - Práticas Pedagógicas de Inclusão Educacional.....	72
Práticas pedagógicas e metodologias de ensino das modalidades de ensino e atendimento especializado - Educação Escolar Fundação CASA - <i>Giany Amary de Alencastro Pereira, Tiago Zambrone Furuzava, Júnia Flávia Batista Azevedo</i>	73
A vulnerabilidade escancarada em tempos e espaços remotos: repensando a prática pedagógica na socioeducação e na educação prisional a partir dos roteiros de estudos - <i>Alex Rodolfo Carneiro, Tiago Bueno dos Santos</i>	80
Ressignificando práticas pedagógicas no ensino remoto da Educação de Jovens e Adultos Assentados - <i>Daniela Aparecida Ferreira Arfeli, Marcelo Alves do Nascimento, Márcio Cléber Toledo Jardim</i>	89
A ERER e ações entrecruzadas em tempos de pandemia: inovações necessárias - <i>Emanoela Roberto, Mariana Roncada, Vitor Hugo Pissaia</i>	98
Desafios do professor na implementação de projetos culturais mediados por tecnologia: o Sarau Indígena Digital realizado na Escola Estadual Professor Victor Miguel Romano - <i>Bianca Regina de Oliveira, Fernanda Motta de Oliveira e Solange Damião</i>	109
Roda de samba virtual: uma possibilidade nas relações étnico-raciais nas aulas remotas - <i>Fábio Carvalho Rodrigues</i>	121
Protagonismo dos estudantes em meio a pandemia: como engajá-los? <i>Daiane Ferreira de Souza, Lucilene S. Silva</i>	128
Projeto “Senzala letrada, sociedade transformada, identidade formada e história contada” - <i>Cibele Cristina de Oliveira Jacometo, Tânia Christina de Oliveira Ribeiro, Andreia Keila Marques Vieira Korch</i>	133
Considerações Finais.....	145

Introdução

Introdução

Este documento é resultado da movimentação de professoras e professores da rede pública de ensino do Estado de São Paulo que atuam ativamente na concretização de práticas que promovam o encorajamento dos estudantes a realizarem atividades diante do atual contexto pandêmico. A realização, junto aos estudantes, de atividades dinâmicas e lançando mão de metodologias ativas e inovadoras, permitiu que estas ações pedagógicas alcançassem diversos estilos e ritmos de aprendizagem.

O compilado está divido em três partes, cada uma com artigos que divulgam práticas relacionadas aos públicos das modalidades, atendimentos e temáticas do Departamento de Modalidades Educacionais e Atendimento Especializado (DEMOP). São elas: Práticas pedagógicas para estudantes elegíveis ao serviço da Educação Especial; Práticas Pedagógicas na Educação de Jovens e Adultos; Práticas Pedagógicas de Inclusão Educacional.

O Capítulo 1 – Práticas pedagógicas para estudantes elegíveis ao serviço da Educação Especial – nos traz relatos de experiências desenvolvidas em diferentes regiões do Estado de São Paulo. O primeiro artigo, da Diretoria de Mogi das Cruzes e com o título “Um, dois, três gravando! Experiências de projeto com curta-metragem mediado por teletrabalho no período de pandemia (COVID-19) com estudantes com autismo”, de Maria de Lourdes de Moraes Pezzuol, Neiva Carrião Portela e Vanessa Cristina de Oliveira, relatam a experiência pedagógica proveniente da criação de dois curtas metragens que representaram as produções cinematográficas da E.E. Maestro Antônio Marmora Filho, que representaram a Diretoria de Ensino no VI Festival de Curta-Metragem (2020) e demonstraram a importância da parceria com a família e suas conquistas rumo a inclusão destes estudantes na sociedade.

No segundo artigo, “Diálogos de integração entre a comunidade escolar: comemoração do dia do surdo”, Kelly Rocha Arakaki e Ester Barbosa Fidelis nos apresentam as ações realizadas pela comunidade escolar da E. E. Wallace Cockrane Simonsen rumo a promoção do sentimento de pertencimento de estudantes surdos do Ensino Médio, culminando em uma ação realizada no Dia Nacional do Surdo.

Para encerrar esta modalidade de ensino, as professoras Gislaine Fernanda Nespoli da Silva, Neiva Carvalho Collaço e Sonia Maria Maciel Lopes, da E.E. Antônio

Perciliano Gaudêncio - Região de Votuporanga, relatam no artigo "Horta com irrigação automatizada" como se reinventaram na realização do Ensino Remoto por meio da construção do projeto em que a parceria com a comunidade escolar e família foram essenciais para o acolhimento e a inclusão de um estudante com Transtorno do Espectro Autista no 6º ano do Ensino Fundamental.

O Capítulo 2 – Práticas Pedagógicas na Educação de Jovens e Adultos – apresenta seus títulos organizados de maneira alfabética, sendo o primeiro artigo, "Atelier na escola" - do professor Leandro Matos, o relato de uma experimentação com a arte, exaltando a discussão sobre as potencialidades do indivíduo e propondo uma imersão no processo de criação.

No artigo "Aulas remotas em tempos de pandemia: reorganizando a educação de jovens e adultos no contexto de isolamento social", as(os) professoras(es) Cláudia Sodré Lopes da Silva, Edivaldo Félix Gonçalves e Ronaldo Adriano de Faria abordaram o uso das redes sociais na realização das experiências do dia a dia, utilizando metodologias ativas que estimulassem a aprendizagem dos estudantes. A escola usou de muita empatia em *lives* para que todos pudessem compartilhar suas angústias, perdas e crises com a pandemia.

Já as professoras Graça de Lourdes Silvestre Pera e Vanessa de Almeida Contratres Costa e o professor Ricardo Manffrenatti Venturelli relacionaram, em seu artigo "Ética e cidadania por meio do ensino remoto", temáticas que contemplaram uma formação ética e cidadã na vida pessoal e profissional dos estudantes a fim de desenvolver competências socioemocionais, utilizando meios digitais ao que se refere a netiqueta – postura e comportamento na internet – com o propósito de evitar o compartilhamento de fakenews.

Em seu artigo "O ensino da física com auxílio das tecnologias", as professoras Alana Moreti e Natali Morales Ribeiro da Silva Mazzer implantaram novas estratégias de ensino utilizando ferramentas digitais como o *Quizlet*, um jogo virtual com objetivo de aprender Física de uma forma mais interativa. Para tanto, discutiram a importância do professor ser visto como mediador da aprendizagem e o estudante como centro do processo.

Ainda no Capítulo 2, Felipe Oliveira Florêncio da Hora compartilha práticas pedagógicas das relações étnico-raciais mostrando como a diversidade étnica pode aproximar a EJA do ensino regular a partir da troca de experiências e vivências entre

estudantes de ambas as modalidades.

Já o Capítulo 3 – Práticas Pedagógicas de Inclusão Escolar – traz descrições e discussões de práticas que envolvam o atendimento aos estudantes privados de liberdade, estudantes acampadas e acampados e as diversas possibilidades em se promover a Educação das Relações Étnico-Raciais e a Educação para a Diversidade Sexual e de Gênero durante as aulas remotas.

No atendimento aos estudantes privados de liberdade, Giani Amary de Alencastro Pereira, Tiago Zambrone Furuzava e Júnia F. Batista Azevedo mostram como o Projeto Gentileza gera Gentileza, desenvolvido junto aos estudantes da Fundação Casa Ribeirão Preto – Unidade Casa Ribeirão, estimulou o diálogo, o ouvir e o ser ouvido entre os estudantes. Já Alex Rodolfo Carneiro e Tiago Bueno dos Santos relatam a construção e impressão de roteiros de estudos, durante o período de pandemia, na socioeducação e na educação prisional, apresentando o desafio e as estratégias adotadas pelas escolas vinculadoras para a utilização dos roteiros.

Na Educação do Campo, a Professora Daniela Aparecida Ferreira Arfeli e os professores Marcelo Alves do Nascimento e Márcio Cléber Toledo Jardim discutem sobre o ensino a distância, no contexto pandêmico, em uma escola de assentamento, com uso de metodologias ativas e o desenvolvimento das competências socioemocionais na era digital.

Na promoção da Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER), Emanoela Roberto, Mariana Roncada e Victor Hugo Pissaia conosco experiências, denominadas no artigo como ações entrecruzadas, com práticas pedagógicas de ERER articuladas entre as escolas e estas com a Diretoria de Ensino Região Taquaritinga e como tais ações construíram vínculos estreitados e fortalecidos em prol de uma Educação Antirracista, mesmo em condições inusitadas.

Os desafios encontrados na implementação de projetos culturais mediados por tecnologia e que garantam a efetivação da Lei Federal Nº 10.639/03 estão presentes no artigo de Bianca Regina de Oliveira, Fernanda Motta de Oliveira e Solange Damião e no artigo de Fábio Carvalho Rodrigues. Enquanto Bianca, Fernanda e Solange nos apresenta o Sarau Indígena Digital como uma ação interdisciplinar e multidisciplinar mediada pelas TICs (Tecnologias da informação e Comunicação), Fábio mostra, com a prática da roda de samba virtual, como é possível construir processos de aprendizagem por meio virtual.

Para encerrar, dois artigos nos mostram como é possível envolver Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER) e Educação para a Diversidade Sexual e de Gênero (EDSG) numa mesma prática pedagógica e com o uso de metodologias ativas. No artigo de Daiane F. de Souza e Lucilene S. Silva, o foco é o protagonismo dos estudantes em meio a pandemia. Daiane e Lucilene descrevem o projeto que desenvolveram destacando o uso do *GoogleMeet* para a realização, de maio à novembro de 2020, das aulas e das rodas de conversa sobre a Lei Maria da Penha, o Projeto Milton Santos e a Consciência Negra. As aulas renderam engajamento e autonomia dos estudantes, culminando em produção de vídeos, *challenge*, poesias e paródias, onde todas e todos puderem se expressar à respeito dos temas.

Já no artigo Projeto “Senzala letrada, sociedade transformada, identidade formada e história contada”, Cibele C. Oliveira Jacometo, Tânia C. Oliveira Ribeiro e Andreia K. Marques Vieira Korch propõem aos estudantes uma análise sobre o livro “Quarto de Despejo” como ponto de partida para uma ação interdisciplinar envolvendo professoras(es) das áreas de humanas, linguagens e tecnologia. Ao conhecerem de perto a história da autora do livro, Carolina Maria de Jesus, bem como outras autoras negras e autores negros cujas obras versam sobre o racismo, os estudantes realizaram debates virtuais em aulas ao vivo no *GoogleMeet*, produziram podcasts, realizaram encontros virtuais, expressando suas inquietudes quanto à posição social da mulher, às desigualdades sociais, ao acesso à Educação, ao racismo.

Diante das ações inovadoras e realizáveis que deram origem a esse documento, esperamos que as práticas aqui descritas possam inspirar e refletir outras práticas no cotidiano escolar, que visem garantir o direito à educação de todas e todos, em diferentes contextos e públicos, e o fortalecimento dos direitos humanos na educação escolar, que respeitem e contemplem as diferentes culturas e etnias, o enfrentamento aos preconceitos e às discriminações sociais, raciais, de gênero, sexualidade, econômicas, de nacionalidade e relacionadas à privação de liberdade, dentre outras, que perpassam o processo de escolarização.

Excelente leitura a todas e todos!

Equipes Técnicas

CAPE, CEJA e CINC

Capítulo 1

**Práticas Pedagógicas para
Estudantes Elegíveis ao
Serviço da Educação
Especial**

UM, DOIS, TRÊS GRAVANDO! EXPERIÊNCIAS DE PROJETO COM CURTA-METRAGEM MEDIADO POR TELETRABALHO NO PERÍODO DE PANDEMIA (COVID-19) COM ESTUDANTES COM AUTISMO

Maria de Lourdes de Moraes Pezzuol¹

Neiva Carrião Portela²

Vanessa Cristina de Oliveira³

Resumo

Apresentamos neste texto um relato de experiência pedagógica proveniente da criação de dois curtas metragens que representaram as produções cinematográficas da EE.Maestro Antônio Marmorá Filho na participação do VI Festival de Curta-Metragem(2020) da Diretoria de Ensino Região de Mogi das Cruzes-SP, que teve como eixo central o tema: Desplugue-se. Proposta de Projeto Educacional de iniciativa das professoras especialistas da Educação Especial que atuam como especialistas no atendimento a estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) , com a colaboração das famílias dos estudantes. Projeto mediado por teletrabalho no período de (COVID-19), o presente estudo apresenta os objetivos que vem fortalecer e destacar as habilidades de comunicação, oralidade, interpretação, artes visuais e atividades de vida diária (AVD) alinhadas à BNCC com atividades relacionadas às práticas tecnológicas com um olhar mais inclusivo respeitando as singularidades e valorizando as potencialidades dos estudantes com TEA.

Palavras-chave: Educação Inclusiva, Autismo, Família, Curta-metragem.

Introdução

Um, dois, três gravando! Frase que já faz parte do calendário anual de participação da EE. Antônio Marmorá Filho, com os estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) atendidos na modalidade itinerante do Atendimento Educacional Especializado (AEE), no “Festival de Curta-Mogi”. Organizado pelo Núcleo Pedagógico da Diretoria de Ensino Região de Mogi das Cruzes, SP. Na VI Edição o Festival teve como tema principal “Desplugue-se”, o objetivo principal desse evento é promover a exibição e as produções das obras audiovisuais de curta-metragem das escolas da rede pública estadual.

A professora especialista do Atendimento Educacional Especializado (AEE), Maria de Lourdes de Moraes Pezzuol, participa diretamente desse projeto na escola EE. Antonio Marmorá Filho, desde o ano 2018, com apoio da gestão e de alguns professores da Educação Especial e do ensino regular. A partir do ano de 2019, conta com o apoio direto da professora especialista Neiva Carrião Portella e em 2020 da professora Vanessa Cristina, também professoras especialistas da Educação Especial.

Participar da VI Edição de 2020, para nós professoras, estudantes e suas famílias foi uma experiência desafiadora, diante do período de pandemia (COVID-19). Mas graças aos esforços das

¹ Licenciada em Educação Física, Mestre em Educação, Especialista em Didática, Autismo, Neuropsicopedagogia e Psicomotricidade. Professora especialista do AEE para estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA)

² Licenciada em Geografia, Especialista em Autismo e Deficiência Intelectual. Professora especialista auxiliar de sala comum para estudante com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

³ Licenciada em Pedagogia, Especialista em Autismo. Professora especialista auxiliar de sala comum para estudante com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

famílias, dos estudantes e seus amigos, e dos professores da Educação Especial, conseguimos criar dois curtas metragens com as temáticas: ***O lado bom da vida é estimar!!! Viva a natureza! Desplugue-se, e Desplugar é necessário. Compartilhar pipoca é a solução!!!***. “Sabemos que um dos desdobramentos da educação atual em relação a diversidade é o desafio da escolarização das pessoas com necessidades educacionais especiais, público que, conforme a legislação brasileira, (BRASIL, 2010, apud FREITAS 2016)”. Abrange condições de deficiência física, intelectual, sensorial ou múltipla, indivíduos com altas habilidades/superdotação e transtornos globais do desenvolvimento ou Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Assim, enquanto professoras especialistas para estudantes com TEA, buscamos atuar com a realização desse projeto, como uma nova proposta inclusiva no âmbito escolar. Com o desafio de pesquisar e criar uma metodologia diversificada e adaptada que pudesse, de fato, fazer com que os estudantes se tornassem protagonistas e tivessem um atendimento mais significativo, integrado e reconhecido com estímulos, para que pudessem fortalecer autoestima, potencialidades, autonomia e o respeito pelo direito de escolhas dentro de suas especificidades com desafios e perseveranças.

Nos dias atuais, vive-se uma época em que todos os ambientes devem trabalhar com a inclusão, principalmente no ambiente escolar, pois é no mesmo, que o indivíduo é preparado para viver em sociedade. A inclusão é muito mais que o inserir, é mais do que o simples fato de matricular na escola. A inclusão para realmente fazer jus à palavra dita, precisa acompanhar uma preparação tanto do próprio professor quanto da escola, que é de grande importância para o desenvolvimento da criança, pois não é o indivíduo autista como aqui é estudado que deve adaptar-se ao ambiente, mas sim o ambiente que deve ser adaptado e receber a educação inclusiva, pois já, há leis que determinam esta afirmação. (OLIVEIRA, 2020)

Nessa perspectiva de avanços educacionais tivemos a criação em 2017, da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a qual é um documento que regulamenta quais são as aprendizagens essenciais a serem trabalhadas nas escolas brasileiras públicas e particulares de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, proposta educacional que visa garantir o direito à aprendizagem e o desenvolvimento pleno de todos os estudantes. É obrigatória e traz objetivos de aprendizagem para cada ano escolar, assim como estabelece objetivos de aprendizagem e desenvolvimento para as diferentes faixas etárias e segmentos escolares.

“A BNCC estabelece conhecimentos, competências e habilidades que se espera que todos os estudantes desenvolvam ao longo da escolaridade básica. Orientada pelos princípios éticos, políticos e estéticos traçados pelas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica, a Base soma-se aos propósitos que direcionam a educação brasileira para a formação humana integral e para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva” (MEC 2019).

A BNCC é um grande avanço para a educação brasileira, pois abre oportunidades para uma educação mais inclusiva, que parte do olhar para o estudante e suas singularidades, valorizando suas potencialidades, não apenas identificando suas dificuldades e limitações. Ela amplia as possibilidades

para que as escolas busquem novas alternativas para ensinar a todos. Sendo assim, podendo ser dialogada também, com os princípios do Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA), que são:

- Proporcionar diversos meios para a aprendizagem;
- Proporcionar diferentes formas para expressão do que foi aprendido;
- Manter a motivação e permanência dos estudantes.

O Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) foi constituído com a necessidade de universalizar o acesso à educação para todos, assegurar que todas as pessoas – crianças, jovens e adultos – tenham oportunidades educativas que vão ao encontro das suas necessidades de aprendizagem e promover a equidade as quais constituem preocupações fundamentais assinaladas na Conferência Mundial sobre Educação para Todos. (UNICEF, 1990)

Assim, enquanto professoras especialistas idealizadoras deste projeto, destacamos que foram selecionados diversos contextos integrados à proposta do regulamento do VI Festival de Curtas (DE Mogi, 2020), para serem trabalhados de forma inclusiva. Onde a grande parceria de atuação e apoio no desenvolvimento dos curtas-metragens que representam a EE. Maestro Antônio Mârmora Filho foi realizada pelas famílias dos estudantes com TEA, nesse momento de confinamento dentro de suas casas (COVID-19), com atendimentos mediados por chamadas de vídeo via *WhatsApp*. Destacamos com ênfase uma das habilidades essenciais da BNCC que articulou a proposta de aprendizagem no desenvolvimento dos curtas: “Desenvolver processos de criação em artes visuais, com base em temas ou interesses artísticos, de modo individual, coletivo e colaborativo, fazendo uso de materiais, instrumentos e recursos convencionais, alternativos e digitais.” (BNCC, EF07AR06).

Procuramos trabalhar dentro de uma temática transversal, integrando as necessidades de apoio familiar à proposta educativa para desenvolver os curtas-metragens com uso das tecnologias, explorando um dos recursos mais utilizados nas nossas mediações, o celular via *WhatsApp*. Enfim, quanto aos temas dos filmes dos curtas foram escolhidos relacionados aos conteúdos que estavam sendo abordados, sendo que os assuntos que chamaram mais atenção dos estudantes seguiram seus gostos, suas vivências nesse momento atípico, nas ações que realizam dentro de suas casas para se desplugarem, após os atendimentos das aulas.

Nesse sentido:

No mundo atual, é importante que a escola ofereça aos seus estudantes oportunidades de aprender por meio de diversas linguagens, possibilitando a construção dos conhecimentos e propiciando o protagonismo. A linguagem audiovisual permite que a escola ofereça esta oportunidade ao seu estudante, pois o processo de produção de um vídeo possibilita o diálogo entre os conteúdos curriculares e os conhecimentos mais gerais (Diretoria de Ensino Região de Mogi, VI Festival Curta Mogi, 2020).

Segundo Cunha (2011), mesmo que seja imprescindível atividades isoladas na sala de recursos - e sabemos que elas são imprescindíveis-, o estudante com autismo jamais poderá estar privado da interação com os outros e de aprender em grupo. Sempre que possível, o tempo com os demais deverá ser acrescido e nunca diminuído (CUNHA, 2011, p. 48).

Depois de várias conversas e trocas de mensagens com os estudantes e suas famílias foram definidas as ideias principais, que deram início ao planejamento dos filmes. A seguir apresentaremos a metodologia e os resultados que foram alcançados com a realização deste projeto, integrando as principais habilidades destacadas da BNCC.

Metodologia, desenvolvimento das habilidades e resultados

De início exploramos o significado da palavra “DESPLUGAR”, em nossos atendimentos remotos. Não conseguimos encontrar nos dicionários de uso físico, o significado dessa palavra. Identificamos no site do dicionário Informal (2014), com significado: Desligar, soltar o plugue, desconectar.

Figura 1 – Ilustração realizada pelo estudante Miguel dos Santos Batista 7º ano.



Fonte: Arquivo, 2020.

Na ilustração acima o estudante criou a palavra “Despluga aí”, de uma forma bem criativa e descontraída, associando a temática do filme que participou como protagonista, no desligar-se da tomada e representar os animais com desenho no perfil de cada letra.

Durante 03 semanas – o desenvolvimento do projeto ocorreu com a participação de dois estudantes protagonistas, um do 7º ano e outro do 9º ano, mediados por professoras da Educação Especial, Coordenação, Família e contando com a participação especial de um ex-estudante. O mesmo ocorreu no mês de outubro e novembro, com vários encontros por meio de chamada de vídeo via WhatsApp e mensagens pelo celular.

Sendo assim o tema principal do VI Festival, foi “Desplugar-se”. Em conversa (celular e chamada de vídeo) com as mães e estudantes expusemos o regulamento do Curta, assim como a documentação

que deveria ser devidamente preenchida para a participação deles. Foi resolvido também, no curta metragem que teve a participação especial do estudante do 9º ano, o convite para os outros participantes, decisão tomada por ele, quis convidar todos os estudantes do AEE- TEA e um amigo, ex-estudante da escola e demais professores da Educação Especial para participarem do seu filme.

Desenvolvimento dos temas dos filmes e perfil dos protagonistas:

1. O lado bom da vida é estimar!!! Viva a natureza! Desplugue-se.

Aborda a história de vida do estudante Miguel Batista, de 13 anos, do 7º ano, que nesse momento de pandemia (COVID-19) encontrou um jeito para desplugar-se depois de realizar suas aulas on-line . Em casa convivendo com o carinho e atenção de sua mãe, ele relata que a maneira que realiza para desplugar-se é conviver com seus animais de estimação, adora brincar no quintal de sua casa, gosta muito de mar e água. No vídeo o estudante irá apresentar seus animais de estimação e abordar algumas curiosidades sobre os tubarões. *Link* do filme: <https://www.YouTube.com/watch?v=WAGS0jD0B8o&t=18s> .

Figura 2 - Certificado Festival Curta Mogi 2020.



Fonte: Autor, 2020.

Objetivo de conhecimento e habilidade (EF69LP53) : Ler em voz alta textos literários diversos, bem como leituras orais capituladas (compartilhadas ou não com o professor) de livros, contar/recontar histórias tanto da tradição oral, quanto da tradição literária escrita, expressando a compreensão e interpretação do texto por meio de uma leitura ou fala expressiva e fluente, gravando essa leitura ou esse conto/reconto, seja para análise posterior (São Paulo, 2019).

2. Desplugar é necessário. Compartilhar pipoca é a solução!!!

Apresenta a história do estudante Danilo Henrique Tsukahara Baccarat de 15 anos do 9º ano. O estudante relata a forma que conseguiu para desplugar-se, após suas aulas remotas junto de sua família nesse momento de pandemia (COVID-19) foi fazendo pipoca. A escolha do tema para Danilo é muito significativa, pois o estudante adora relacionar a pipoca aos filmes, cinema e outros. A temática foi

abordada como conteúdo de uma avaliação textual semestral, onde o mesmo contextualizou e identificou a origem, os principais nutrientes e curiosidades sobre a pipoca. No vídeo o estudante ensina como fazer pipoca, apresenta dicas de consumo deste alimento, que é muito saboreado, e compartilha com seus amigos e professores. *Link* do vídeo: <https://www.YouTube.com/watch?v=LuPYgGU06Ck>.

Figura 3 - Certificado de melhor figurino do Festival Curta Mogi.



Fonte: Autor, 2020.

Objetivo de conhecimento e habilidade (EF12LP04): Ler e compreender, em colaboração com os colegas e com a ajuda do professor ou já com certa autonomia, listas, bilhetes, convites, receitas, instruções de montagem (digitais ou impressos), entre outros textos do campo da vida cotidiana, considerando a situação comunicativa, o tema/assunto, a estrutura composicional e o estilo do texto. (São Paulo, 2019)

Considerações finais

Assim, com a realização desse projeto em um período atípico (COVID-19), enfatizamos que conseguimos unir esforços e integrar ações para manter a participação dos estudantes com TEA e suas famílias, representando a escola Maestro Antônio Mármore Filho no projeto anual do “Festival de Curtas – Mogi,2020”. Participação que continua gerando expectativas, já para o próximo festival, essas motivações auxiliam para um aprendizado com benefícios significativos de superações e autonomias. Proposta de projeto que conseguiu fortalecer o papel da escrita, leitura oral narrada, baseada em roteiros de histórias significativas para os estudantes; percepção de algumas técnicas para a produção do curta-metragem, tais como ambiente doméstico que foi explorado em relação a cada tema, os figurinos, o cenário, os ensaios e o enquadramento, a subjetividade da câmera (celular); a estrutura de uma história relacionado aos tipos textuais de argumentação e diálogos, os cortes e duração das gravações para produção audiovisual, edição de imagem e escolha das músicas.

Por fim, enquanto professoras, que participamos diretamente do desenvolvimento desse projeto, percebemos que muitos conhecimentos foram adquiridos ao utilizar a BNCC, como referência multidisciplinar para trabalhar diversas habilidades inclusivas. E diante a tantos desafios enfrentados,

conseguimos manter uma prática pedagógica planejada e assídua, que resultou em satisfação para os estudantes e seus familiares.

Referências Bibliográficas

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). **Competências específicas de Matemática para o Ensino Fundamental**. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017.

_____. **Educação é a Base**. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>> Acesso em: 18 de nov. 2020.

CUNHA, Eugênio. **Autismo e inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família**. 3 ed. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2011.

DICIONÁRIO INFORMAL ON-LINE. Palavra Desplugar. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/desplugar/> . Acesso em: 28 de nov. 2020.

SEESP. DIRETORIA DE ENSINO REGIÃO DE MOGI DAS CRUZES. **VI festival de Curta metragem 2020**. Disponível em: <https://demogidascruzes.educacao.sp.gov.br/> . Acesso: 10 de nov. 2020.

OLIVEIRA, Eduarda Sampaio. **Autismo: Pontos e contrapontos na escola inclusiva**. Disponível em: <https://monografias.brasilescola.uol.com.br/pedagogia/autismo-na-escola-pontos-contrapontos-na-escola-inclusiva.htm> . Acesso: 18 de nov.2020.

UNICEF. **Declaração Mundial sobre Educação para Todos (Conferência de Jomtien – 1990)/ Desenho Universal- DUA**. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-mundial-sobre-educacao-para-todos-conferencia-de-jomtien-1990> . Acesso: 20 de nov.2020.

DIÁLOGOS DE INTEGRAÇÃO ENTRE A COMUNIDADE ESCOLAR: COMEMORAÇÃO DO DIA DO SURDO

Kelly Rocha Arakaki⁴

Ester Barbosa Fidelis⁵

Resumo

O trabalho apresenta uma ação realizada pela comunidade escolar da Escola Estadual Wallace Cockrane Simonsen em comemoração ao Dia Nacional do Surdo. O intuito inicial foi a promoção da integração entre os discentes e seus respectivos responsáveis, funcionários, docentes e equipe gestora para o despertar da importância do processo inclusivo na sociedade atual e a participação conjunta no processo de ensino e aprendizagem, assim como ampliar o olhar para trabalho de habilidades socioemocionais a partir de relatos de experiências de vida de profissionais surdos que conseguiram a inserção social, no âmbito do mercado de trabalho, através de exemplos de vida apresentados em uma *live* realizada pela plataforma do *YouTube*.

Palavras-Chave: Dia Nacional do Surdo. Inclusão. Integração escolar. Ensino remoto.

Introdução

O trabalho inclusivo requer uma busca constante de informações e muita dedicação por parte de todos os envolvidos. Em virtude da pandemia do COVID-19, que consternou o mundo no ano de 2020, todos tivemos que buscar alternativas para que o aprendizado dos estudantes fosse efetivado. A partir do ensino remoto começamos um novo caminho de aprendizagem: ampliou-se o uso das ferramentas voltadas às necessidades educacionais, diversificou-se a transmissão dos conteúdos e os professores e estudantes precisaram se moldar e adequar o cotidiano à nova realidade. Esse processo de adaptação não foi fácil. Foram muitos desafios enfrentados por todos para que o processo de ensino e de aprendizagem se concretizasse e se tornasse positivo, uma vez que cada indivíduo é único, com características e perfis distintos, além das restrições de acesso aos meios tecnológicos.

Em relação ao momento em que vivemos com as preocupações em alcançar todos os estudantes com qualidade de aprendizado, não podemos esquecer a flexibilização dos conteúdos e o suporte aos educandos Público Alvo da Educação Especial – PAEE, que englobam os estudantes com deficiências, com transtornos globais do desenvolvimento ou com altas habilidades/superdotação, os quais necessitam de atendimento educacional especializado.

Diante desta realidade, os profissionais das Unidades Escolares precisam conscientizar-se da importância do trabalho individualizado e da flexibilização, tanto de conteúdos, como de horários e locais de estudo, espaços físicos e demais recursos facilitadores que possam auxiliar no processo educacional.

O trabalho conjunto de toda a equipe escolar é de suma importância. Assim, o projeto que

⁴ Professora PEBII. Licenciada em geografia e pedagogia (Universidade Estadual de Londrina), pós graduada em educação inclusiva (UNESP) e mestra (Universidade Estadual de Londrina). Designada diretora da Unidade Escolar – kellyarakaki@yahoo.com.br.

⁵ Professora PEBII. Especialista em interpretação e ensino de Libras. Licenciada em pedagogia (Universidade Federal de São João del Rei) e licenciada/bacharel em leturas português/francês (Universidade Presbiteriana Mackenzie). Intérprete de Libras da Unidade Escolar – esterbarbosafidelis@gmail.com ou esterfidelis@professor.educacao.sp.gov.br.

apresentaremos surge com o objetivo de integrar a comunidade escolar à comunidade surda, por meio do acesso à sua língua e cultura, divulgando suas lutas e conquistas comemoradas no dia 26 de setembro, considerado no Brasil, Dia Nacional do Surdo.

Em nossa Unidade Escolar há 10 estudantes surdos matriculados no ensino médio e no nosso cotidiano escolar presencial temos uma ótima socialização entre todos, porém, com o distanciamento imposto pela pandemia, esses estudantes começaram a se isolar em virtude das dificuldades de comunicação. Para tentarmos sanar esse obstáculo, o pensamento inicial foi em como integrar esses estudantes com a comunidade escolar, além de incentivá-los quanto ao sucesso de realização dos propósitos profissionais, encorajando-os por meio de relatos de vida de pessoas que possuem as mesmas dificuldades e demonstram que, apesar dos obstáculos, à realização dos sonhos é algo totalmente possível.

Desenvolvimento

O evento foi promovido pela comunidade escolar da Escola Estadual Wallace Cockrane Simonsen, localizada no município de São Bernardo do Campo, pertencente à Diretoria de Ensino da Região de São Bernardo do Campo, via plataforma de compartilhamento de vídeos YouTube, com apresentação ao vivo no dia 28 de setembro de 2020, fazendo referência ao dia 26 de setembro no qual, em nosso país, comemora-se o Dia Nacional do Surdo. Também ficou disponibilizada, de modo gravado, pelo link <https://www.YouTube.com/watch?v=TzDxGtGHaoE>, com duração aproximada de uma hora.

As equipes envolvidas foram os estudantes matriculados na Unidade Escolar no curso do ensino médio, docentes do ensino regular e interlocutores de Libras, funcionários em geral e a equipe gestora. No momento ao vivo houve uma média de 45 participantes, com o acesso posterior chegando a 300 visualizações.

A plataforma foi selecionada por proporcionar acesso aos participantes, o que ocasionou grande envolvimento dos estudantes na ação desenvolvida pela escola, oferecida remotamente. O *chat* realizado ao vivo proporcionou importante interação entre os envolvidos.

Metodologia da pesquisa

Nos últimos anos, percebemos muitos avanços em relação à inclusão e acessibilidade para os surdos. Um dos exemplos mais importantes são as janelas de Libras em programas televisivos, tornando as programações mais acessíveis.

Na nossa Unidade Escolar, no ano de 2020, oferecemos a disciplina de Libras como opção de eletiva e percebemos que muitos estudantes têm buscado esse curso justamente para se comunicarem com os colegas surdos. Além disso, já tramita um projeto de inclusão da língua brasileira de sinais como componente curricular nas escolas, ou seja, se vigorar essa medida, todos os estudantes teriam acesso ao ensino da Libras na grade curricular regular.

Notoriamente, vemos avanços na tecnologia, por exemplo, por meio das redes sociais e apps como o *WhatsApp* que viabilizam a comunicação por vídeo, algo que há 10 anos se restringia a poucos recursos disponíveis aos surdos.

No contexto inclusivo, é importante considerar o “Dia do Surdo” para que este grupo compartilhe sua cultura e língua, uma vez que, conhecer melhor o outro e praticar a empatia, contribui na formação dos estudantes enquanto cidadãos livres de preconceitos e que respeitam as diferenças.

Materiais e Recursos:

- Vídeo gravado pelos interlocutores de Libras com o *save the date* (reserve a data) convidando a todos os estudantes para a *live* do dia 28 de setembro, às 16h00. Nesse vídeo também são ensinados os sinais dos estudantes surdos da escola. Esses sinais são “nomes” identificadores pessoais e específicos de cada indivíduo e que são dados pelos surdos. O sinal é criado a partir da observação das características de cada um e é usado como uma forma prática e visual de identificação das pessoas dentro da comunidade surda. Disponível em: https://youtu.be/_RtRPuvcbmg.

- Vídeo de convite à participação do Dia do Surdo: realizado por uma interlocutora de Libras, explicando a data e conscientizando sobre a importância do dia, com sugestão de frases como: “FELIZ DIA DO SURDO!”, “PARABÉNS!”, “EU TE AMO”, entre outras. Desta maneira, além de ensinar a comunidade escolar algumas frases, houve o incentivo para a gravação de vídeos curtos com palavras de encorajamento e felicitações aos estudantes surdos. Disponível em: <https://youtu.be/qF32ZzPUQ7A>.

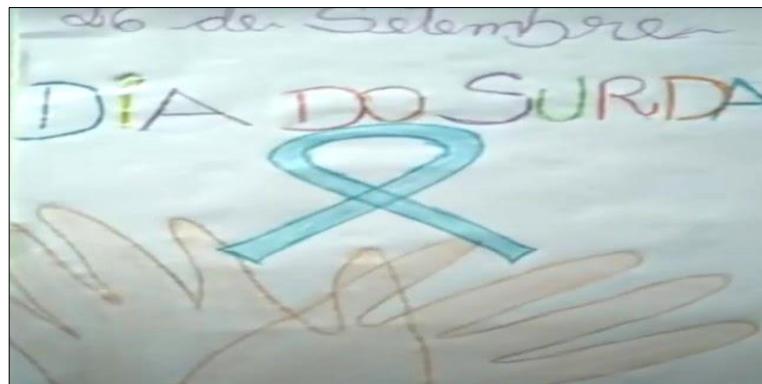
Ambos os vídeos foram disponibilizados e divulgados com antecedência. Este projeto foi incluído nas pautas das reuniões de ATPCs que antecederam ao evento, solicitando a parceria e colaboração de todos. Durante todo o mês de setembro, sugerimos vídeos de incentivo e apoio aos estudantes surdos e compartilhamos a divulgação da *live*, contando para isso, com o apoio dos professores e coordenação pedagógica nos grupos de *WhatsApp*, *e-mail* das salas, representantes, mural do *GoogleClassroom*, *Facebook* e no site da escola.

O produto final, reunindo os vídeos dos professores e produções dos estudantes para homenagear os colegas surdos, foi editado e transmitido durante a apresentação da *live*. Disponível em: <https://h?v=28g4U6LpGZI/www.YouTube.com/watch?> A proposta de atividade que foi solicitada aos estudantes das disciplinas Projeto de Vida e Eletiva de Libras do Ensino Médio, com exemplos de algumas das produções por parte dos estudantes por meio de textos, desenhos e imagens podem ser vistas em ANEXO. Os estudantes também produziram vídeos que devido à autorização de uso de imagem não disponibilizamos aqui. Além disso, preservamos a identidade dos estudantes envolvidos, atribuindo uma sigla para seus respectivos nomes.

A participação em vídeo, gravado pelos estudantes surdos da EE Wallace Cockrane Simonsen, foi outro momento de interação que envolveu uma breve explanação sobre o Dia do Surdo. Foi produzido

um vídeo com algumas fotos e depoimentos, enfatizando que o surdo é capaz! Esse vídeo foi organizado, editado e divulgado ao final da *live*, como culminância de todo esse processo de conscientização e referência à data comemorativa. Disponível em: <https://www.YouTube.com/watch?v=Ah72t2nDleM&feature=youtu.be>.

Figura 1 – Desenho da estudante L., 3C.



Fonte: Autor, 2020.

O tema da *live* partiu de conversas entre professores e interlocutores de Libras e o resultado foi intitulado: “**MEU LUGAR NO MUNDO: RELATO DE SURDOS QUE CONQUISTARAM SEU ESPAÇO NA SOCIEDADE**”. Para esse evento contamos com o patrocínio da empresa *Flow*, na pessoa de Wharlley dos Santos, que possibilitou a transmissão ao vivo, simultaneamente pelo *Instagram* e por outros 3 diferentes canais do *YouTube*: *Flow*, *Adapt Libras* e *Using Hands*.

O link de acesso e o folder foram devidamente divulgados, com antecedência, para toda a comunidade escolar, nos meios de comunicação disponíveis. O evento completo está disponível em: <https://www.YouTube.com/watch?v=TzDxGtGHaoE>.

Figura 2 – Folder de divulgação do evento.



Fonte: Autor, 2020.

Às 15h00, horário de Brasília, 1 hora antes do evento, todos os envolvidos receberam o link de acesso ao StreamYard para transmissão: moderadores, palestrantes, representantes da direção/coordenação pedagógica e interlocutores de Libras para ajustes dos detalhes finais e organização do roteiro de apresentação.

Os palestrantes convidados foram, a fisioterapeuta Fabíola Aparecida de Oliveira e o professor Dr. Marcio Hollosi, os quais apresentaram os respectivos relatos de trajetória de vida, destacando experiências marcantes que passaram ao longo dos anos.

Em resumo, a palestrante Fabíola compartilhou sua luta e as dificuldades comunicativas enfrentadas na formação acadêmica, as quais superou com determinação. Atualmente trabalha como fisioterapeuta no hospital estadual de Diadema e é reconhecida como uma excelente profissional no campo de atuação. Sua palavra foi de incentivo e inspiração para todos os que acompanharam o depoimento.

Da mesma forma, o professor Dr. Márcio falou sobre a sua trajetória, contando como a sua mãe foi peça fundamental em sua formação, incentivando-o e auxiliando-o a enfrentar os obstáculos, destacando assim a importância da participação da família na vida dos estudantes. Também relatou as dificuldades que passou com a ausência de intérpretes de Libras e, consequente inacessibilidade aos meios e recursos pelos caminhos onde passou até chegar a ocupar o cargo que exerce atualmente.

Resultados

Os ambientes escolares vão além da formação acadêmica. A convivência social é essencial na formação de cidadãos. Diante disso, a inclusão de estudantes Público-Alvo da Educação Especial é de suma importância, principalmente no momento atual onde a comunicação é realizada de modo remoto. Nos espaços escolares físicos podemos verificar as relações entre grupos humanos e o meio no qual vivem, seus modos de vida, suas evoluções, as distribuições e as instituições humanas. Essa vivência, relatada por Moreira (2006), pode ser observada no cotidiano de uma unidade escolar e nas práticas pedagógicas ali desenvolvidas com os estudantes. Mas como conseguir que essas relações sejam efetivadas à distância?

O contato direto com esses estudantes, a motivação e socialização, na busca pelo despertar de um sentimento de pertencimento à escola são importantes, ao passo que a identidade das pessoas está relacionada com o meio onde vivem. No contexto atual, essa vivência ocorre por meios virtuais, o que nos leva a considerar estratégias que buscam manter acesa a integração e participação dos estudantes.

Podemos perceber que este sentimento ocorre, principalmente, quando os estudantes passam a sentir-se parte daquele local. Nesse contexto, a relação da identidade com determinado espaço, no caso do nosso estudo, a unidade escolar, se constitui ao longo do tempo e possui como um dos elementos principais o sentido de pertencimento, do indivíduo ou do grupo, com o espaço de vivência.

Para Castells (2000), a identidade é a fonte de significado e experiências de um povo e para Calhoun (apud CASTELLS, 2000) não se tem conhecimento de um povo que não tenha nomes, idiomas ou culturas. Essas características identitárias fazem parte da cultura. Assim, nos vimos com a dificuldade que essa identidade seja mantida porém, com os estudantes PAEE surdos lidamos com uma dificuldade ainda

maior: a da comunicação, que é expressa pelos movimentos. Então surgiu a ideia de integração através de uma atividade que contemplasse todos os estudantes, destacando os empasses encontrados em relação à temática relacionada ao mercado de trabalho.

A vida dos estudantes enquadra-se no processo de identidade, a partir das relações que possuem com o espaço em que vivem e com as ligações entre os demais indivíduos do grupo do qual fazem parte, ou seja, da comunidade escolar local. A partir destes conceitos, podemos concluir que nossos estudantes surdos, quando percebem que fazem parte daquele meio, passam a identificar-se com esse e, assim, conseguem descobrir o valor de participar da sociedade. E isso conseguimos por meio da comemoração do Dia do Surdo.

Para finalizar, registramos que o *feedback* foi excelente por parte de todos os envolvidos, conforme podemos observar em anexo que traz extratos de relatos dos estudantes em retorno a uma atividade proposta após a *Live* do Dia do Surdo. Nota-se que os estudantes perceberam as dificuldades que os colegas surdos enfrentam ao longo da busca por uma posição no mercado de trabalho e foram inspirados individualmente no âmbito de suas próprias conquistas e, principalmente, os estudantes surdos perceberam que não podem desistir dos sonhos e que tudo é possível com vontade, força de trabalho e estudo e que toda a comunidade escolar está pronta para auxiliá-los nesse processo.

Considerações Finais

O ambiente escolar é caracterizado por espaços onde são realizadas significativas trocas de saberes. As pessoas aprendem a todo o momento, em cada tempo e situação distinta. Vivemos, no nosso dia a dia, um constante aprendizado. Deste modo, Carvalho contribui para nossa reflexão quando afirma que “todos os que aprendem, ensinam e todos os que ensinam, aprendem, se estiverem realmente voltados para as ações de ensino-aprendizagem, entendendo que as dificuldades são inerentes ao processo” (2010, p.114).

Para tanto, todos os envolvidos no espaço de aprendizagem, precisam compreender não apenas os conceitos específicos de uma determinada disciplina, mas sim de uma diversidade de conteúdos curriculares que formam a grade de ensino, assim como precisam conviver com uma variedade de realidades que, por sua vez, são indivíduos pensantes e que defendem opiniões diferentes, em locais diversos, com emoções distintas.

Neste contexto, Mantoan afirma que: “Ao garantir a todos o direito à educação e ao acesso à escola, a Constituição Federal não usa adjetivos. Por essa razão, toda escola deve atender aos princípios constitucionais sem excluir nenhuma pessoa em decorrência de sua origem, raça, sexo, cor, idade ou deficiência” (2006, p.26).

Assim, quer seja presencialmente, quer seja virtualmente, precisamos despertar o aprendizado de todos os estudantes. Atentar-se ao processo de ensino e aprendizagem, mas não esquecer que os seres

humanos são pensantes e providos de emoções. Desta forma, os fatores socioemocionais não podem ser deixados de lado e sim, trabalhados em conjunto, para que haja sucesso geral e para que os objetivos sejam alcançados. É possível conferir o resultado das ações nos Anexos deste artigo.

Referências Bibliográficas

BRASIL. **Lei Federal Nº. 7.853**, de 24 de outubro de 1989.

_____. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017.

CARTWRIGHT, Corina e WIND-COWIE, Sarah. **Trabalhando com necessidades múltiplas**. São Paulo: editora Galpão, 2010.

CARVALHO, Rosita Edler. **Educação inclusiva: com os pingos nos “is”**. Porto Alegre: Mediação, 2010.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CORRÊA, Roberto Lobato. O espaço geográfico: algumas considerações. In: SANTOS, Milton (org.). **Novos Rumos da Geografia Brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1982.

DARCANCHY, Mara. **Direitos, inclusão e responsabilidade social**. São Paulo: LTR, 2013.

DEFENDI, Edson Luiz. et. al. **A inclusão começa em casa: família e deficiência visual**. São Paulo: Fundação Dorina Nowill para cegos, 2008.

FARRELL, Michael. **Dificuldades de relacionamento pessoal, social e emocional: guia do professor**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

MACHADO, Rosângela. **Educação especial na escola inclusiva**. São Paulo: Cortez, 2010.

MARENTS, Regina Coeli B. e FERREIRA, Windyz Brazão. **De docente para docente: práticas de ensino e diversidade para a educação básica**. São Paulo: Summus, 2007.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é? por quê? Como fazer?**. 2ª ed. São Paulo: Moderna, 2006.

MOREIRA, Ruy. **Para onde vai o pensamento geográfico? Por uma epistemologia crítica**. São Paulo: Contexto, 2006.

MOSQUERA, Juan José Mouriño e STOBAUS, Claus Dieter. **Afetividade: a manifestação de sentimentos na educação**. Porto Alegre – RS, ano XXIX, n. 1 (58), p. 123-133, jan./abr. 2006. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=84805807>>. Acesso em: 20 jan. 2015.

PERUZZO, Nara A. **Aprendizagem e formação humana - Resenha: BIESTA, Gert. Para além da aprendizagem: educação democrática para um futuro humano. Espaço Pedagógico**, Passo Fundo, v. 21, n. 1, p. 201-206, jan./jun. 2014. Disponível em: <<http://seer.upf.br/index.php/rep>>. Acesso em: 20 out. 2020.

RODRIGUES, David. **Inclusão e educação: doze olhares sobre a educação inclusiva**. São Paulo: Summus, 2006.

- STAINBACK, Susan e STAINBACK, William. **Inclusão: um guia para educadores**. São Paulo: Artmed, 1999.
- WERNECK, Claudia. **Sociedade inclusiva: quem cabe no seu todos?**. Rio de Janeiro: WVA editora, 1999.

Anexo I

Proposta de atividade anteriormente à Live em homenagem ao Dia Nacional do Surdo, aplicada nas disciplinas de projeto de vida e eletiva de Libras, aos estudantes do ensino médio:

3º Bimestre - Atividade 2 – semana 21 a 25/09/2020 - 4 aulas

Valor da atividade: INESTIMÁVEL!!!

Prazo de entrega: Até 25/09 (6ª feira)

Formas de envio da atividade: Plataforma *GoogleClassroom* e *e-mail* institucional da professora ou vídeos pelo *WhatsApp*.

Objetivo: Integrar a comunidade escolar à comunidade surda, por meio do acesso à sua língua e cultura, divulgando suas lutas e conquistas comemoradas no dia 26 de Setembro (dia nacional do surdo no Brasil).

Competências socioemocionais em foco: No contexto inclusivo, é importante considerar o “Dia do Surdo” para que este grupo compartilhe sua cultura e língua, uma vez que, conhecer melhor o “outro” e praticar a empatia, contribui na formação dos estudantes enquanto cidadãos livres de preconceitos e que respeitam as diferenças.

Habilidade: Empatia, respeito à diferença e valorização da cultura surda.

Material necessário: Vídeo gravado pelos interlocutores de Libras, disponibilizado junto à comunidade escolar (professores, estudantes, funcionários) com sinais em Libras a serem aprendidos para que cada um grave o seu próprio vídeo (de poucos segundos) com alguma palavra de encorajamento e felicitações aos estudantes surdos.

Proposta de atividade:

Primeiramente, assistam aos dois vídeos gravados pelos interlocutores Libras, disponibilizados nos *links* a seguir:

- <https://youtu.be/qF32ZzPUQ7A>
- https://youtu.be/_RtRPuvcbmg

A ideia é que cada estudante grave o seu próprio vídeo, de poucos segundos, com alguma palavra de encorajamento e felicitações aos estudantes surdos da EE Wallace Cockrane Simonsen. Estaremos à disposição para orientá-los em outras possibilidades de frases. Para os mais tímidos sugiro que envie uma frase ou palavra em foto ou por escrito ou um desenho, existem algumas opções na internet, mas podem usar a criatividade! PS: Envie o vídeo, frase ou desenho o quanto antes, pois vamos nos reunir e editar para divulgação na sexta dia 25/09, que antecede o dia nacional do surdo, comemorado no dia 26 - sábado.

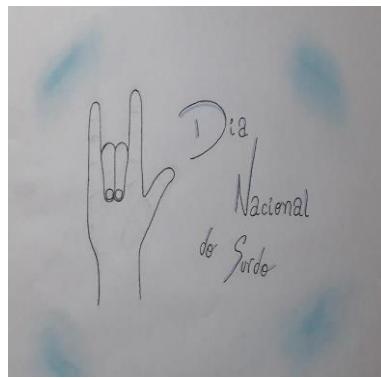
Devolutiva de alguns estudantes:

Figura 3 – G. F.G/ 2D.



Fonte: Autor, 2020.

Figura 4 – L.M.M/2 A.



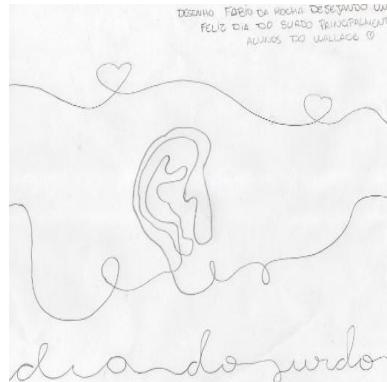
Fonte: Autor, 2020.

Figura 5 – T.D.S.L.M/2C.



Fonte: Autor, 2020.

Figura 6 – F.D.R.G/3A.



Fonte: Autor, 2020.

Anexo II

3º Bimestre - Atividade 3 – semana 05 a 09/10/2020 - 4 aulas

Prazo de entrega: Até 09/10 (6ª feira)

Formas de envio da atividade: classroom, E-mail institucional ou vídeos pelo WhatsApp.

Objetivo: Compartilhar de relatos de vida e ascensão profissional de pessoas que encontraram seu espaço na sociedade

Competências socioemocionais em foco: Empatia e motivação para a escolha de uma futura profissão, vendo os exemplos de superação.

Habilidade: Empatia e busca de informação sobre a área de atuação profissional.

Material necessário: Vídeo da live do dia 28/09 e redação digitada ou escrita à mão enviada pelo e-mail institucional ou GoogleClassroom.

Devolutiva de alguns estudantes, em retorno à atividade proposta:

"Eu nunca falei com um surdo, e tenho um pouco de receio (medo de dizer algo errado) de falar com

algum, mas quero que saibam que vocês são muito importantes e que nos ensinam muito a como nos expressar, e também nos ensinam a ser mais humanos. Espero que vocês se sintam acolhidos e que não se sintam sozinhos jamais, nós somos todos iguais. Vocês são importantes, são interessantes, lindos e muito amados. Neste dia, nós homenageamos vocês pela linda história que vocês carregam e por vocês serem exatamente como são! Obrigada por tudo, vocês são incríveis.” (K.G.V.M. - 1A)

“Eu achei a live incrível, com duas histórias de vida e superação maravilhosas que foi da Fabíola e do Márcio e com isso podemos refletir muito em nossas vidas, pois nada é impossível, basta ter força de vontade, e seguir seus sonhos, pois não é sempre que vamos receber um sim, mas se lutarmos e persistirmos no final sempre vai ter um bom resultado”. (A.M.S.2ºA)

“É incrível ver que a inclusão social dos nossos amigos e muitos outros surdos estão se intensificando a cada dia, de um passado no qual era difícil o cotidiano dessas pessoas, hoje em dia podemos ver que a presença deles é essencial como de qualquer um, saber que o mundo está agindo para que todos tenham seu espaço, seu lugar, é gratificante”. (A. A. A. 3ºD)

“Eu achei muito boa a iniciativa de fazer essa live, é gratificante saber que a minha escola está fazendo esse tipo de projeto, essa ideia de inclusão, de que todos tem capacidade para ir muito longe, apesar da limitação de cada um, pois basta persistir e se dedicar. (...) Fico emocionada com a trajetória da Fabíola, é lindo de se ver e ouvir, que ela foi aprovada na Faculdade Metodista, uma das melhores faculdades de São Bernardo do Campo, acho a profissão que ela escolheu muito bonita, muito admirável.” (R.V.D.F. 2ºC)

“Até então eu não conhecia surdos bem-sucedidos profissionalmente, e nessa live pude conhecer um pouco e foi gratificante. Mesmo não podendo escutar eles não colocaram limites para o que eles queriam seguir profissionalmente, eles não deixaram a sociedade impor limites sobre o quanto longe eles poderiam ir e isso foi motivador. Eu percebi que eu não devia colocar ou deixar que os outros coloquem limites para o que eu posso ser profissionalmente, e o que eu tenho que fazer é me esforçar para atingir meus objetivos. Eu tenho problema de audição desde nova, e como eu não conseguia ouvir direito eu acabei com o tempo me isolando e duvidando das minhas próprias capacidades, hoje eu uso aparelho auditivo e por muito tempo eu tinha extrema vergonha de usar, agora percebo que isso era uma besteira pois assim como pessoas que tem problema de visão usam óculos eu tenho de audição e uso aparelho auditivo, percebi que não devia ter vergonha disso”. (N.D.O.A. 3ºC)

HORTA COM IRRIGAÇÃO AUTOMATIZADA

Gislaine Fernanda Nespoli da Silva⁶

Neiva Carvalho Collaço⁷

Sonia Maria Maciel Lopes⁸

Resumo

Diante da Pandemia do COVID-19, o desafio foi contemplar todos os estudantes, garantindo uma educação com equidade de forma inclusiva na trajetória escolar. Dessa maneira, a E.E. Antônio Perciliano Gaudêncio se reinventou na realização do Ensino Remoto por meio da construção do projeto “Horta com irrigação automatizada”. A ideia foi realizada pela professora de geografia, contou com o apoio das Professoras Coordenadoras do Núcleo Pedagógico da Diretoria de Ensino Região de Votuporanga, de um engenheiro ambiental, do Senhor A. da comunidade entendido no plantio de hortaliças e da família do estudante B. do 6º ano, com TEA (Transtorno do Espectro Autista), cujos apoios, enalteceram a potencialidade destacada na área da robótica com o Arduíno. Nesse sentido, para melhor compreensão dos conceitos do TEA, as ações da robótica foram realizadas com pesquisas bibliográficas para contribuírem com a compreensão dos fenômenos e seus significados.

Palavras-chave: Tecnologia, Pandemia, Inclusão, Autismo.

Introdução

A “EE Antônio Perciliano Gaudêncio” foi fundada em 1.959, sendo a única escola da cidade. Situada à rua Julieta Vieira, número 375, no centro de Ida Iolanda, Distrito de Nhandeara/SP, com o quantitativo de 33 estudantes do Ensino Fundamental I, 37 do Ensino Fundamental II, com 1 diretora e 1 professora coordenadora pedagógica e 18 professores. Os estudantes da comunidade escolar são oriundos do entorno do bairro onde a escola está localizada, sendo boa parte deles considerados de classe média baixa, alguns moram na zona rural. Atualmente, é uma Escola em Tempo Integral (ETI) e já sediou muitos projetos e programas da Secretaria de Estado da Educação. Nela está matriculado o estudante B., 6º ano, que apresenta o Transtorno do Espectro Autista (TEA).

No ano de 2020, desde o início da pandemia do COVID-19 , nos deparamos com a implantação do ensino remoto, momento de incertezas e desafios na nossa escola, e surgiu a indagação: Como promover a inclusão e o aprendizado de todos os estudantes com equidade, minimizando os impactos negativos do COVID-19?

Foram necessários construirmos novos meios de estudos que exigiram uma série de mudanças para todos aprenderem com as inovações, uma vez que, o ensino remoto trouxe desafios e contratempos

⁶ Gislaine Fernanda Nespoli da Silva - Pedagoga e Pós-Graduada em Educação Especial e Inclusiva, Professora titular de cargo de Geografia e História;

⁷ Neiva Carvalho Collaço 2- Pedagoga, Psicopedagoga, Ludopedagoga, Titular de cargo em Biologia e Professora Coordenadora de Ciências da Natureza do Núcleo Pedagógico da Diretoria de Ensino Região de Votuporanga;

⁸ Sônia Maria Maciel Lopes Pedagoga com formação em Letras, Pós-Graduada em Transtorno do Espectro Autista, Deficiência Intelectual, LIBRAS, Membro do grupo de estudos de AH/SD (UNESP/SJRP), Titular de cargo em Língua Portuguesa, Professora Coordenadora da Educação Especial do Núcleo Pedagógico da Diretoria de Ensino Região de Votuporanga.

tanto para professores como para os estudantes.

Conseguir atingir a todos os nossos estudantes garantindo uma educação com equidade e de forma inclusiva fez parte dos diversos desafios diante da execução prática do Plano de Ação do ano de 2020. Iniciamos nosso projeto conceituando o Transtorno do Espectro Autista – TEA.

Temos, então:

au-tism (aw'tizm) – autismo: 1. Condição de ser dominado por tendências autocentradas e subjetivas de pensamento e comportamento que não se sujeitam à correção por informações externas; 2. Distúrbio autista: autism – adj. Autista. early infantile a. – a: infantil precoce; a. infantil; distúrbio severo da comunicação e do comportamento, que começa geralmente no nascimento, e se apresenta invariavelmente aos 3 anos de idade; caracteriza-se pela auto-absorção, alheamento e incapacidade profunda do contato com pessoas (incluindo a mãe), desejo pela monotonia, preocupação com objetos inanimados e distúrbios de desenvolvimento de linguagem. (DORLAND POCKET DICIONÁRIO MÉDICO, 91).

Ainda nesse contexto, mediante os documentos e laudos de B., foi importante buscarmos como referencial a Lei de Diretrizes e Bases 9394/96 (LDB), no artigo 58, que reafirma as suas condições “educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação” (BRASIL, 1996).

Desempenhando o papel de uma escola inclusiva e com equidade no ensino, a escola pôs em prática o Projeto Horta com irrigação automatizada com pesquisas bibliográficas, com a colaboração da professora de geografia, das Professoras Coordenadoras do Núcleo Pedagógico (PCNPs) de Educação Especial e Ciências da Diretoria de Ensino, da família do estudante e a parceria de um engenheiro ambiental, e um membro da comunidade local o Senhor A. Vale ressaltar que, para prosseguir com as atividades escolares de B. em acordo com a nova rotina escolar, a tecnologia e a pesquisa concretizaram o seu trabalho com desempenho no engajamento da plataforma Arduino para o desenvolvimento do “projeto Horta Automatizada”.

Segundo, (BARBOSA, 2013) “a utilização de um sistema de irrigação automatizado reduz não só falhas humanas como também o consumo de insumos e o custo de produção.” Ainda, conforme os dizeres de (LINO, NETO, QUEIROZ, FEITOSA, RODRIGUES, TEIXEIRA, 2017, p.86) “[...]a agregação da automação fornece a possibilidade de maior controle e substituição de mão de obra, visando o monitoramento e operação em tempo integral assim tornando possível uma melhora significativa no processo produtivo [...]”.

Dessa forma, com essa ideia, por conhecer o talento e as potencialidades de B., essas foram significativamente trabalhadas no projeto Horta com a irrigação automatizada, a partir de sua área de interesse, a robótica.

Metodologia

Para a realização das atividades do Projeto Horta, a escola intensificou o uso das plataformas

virtuais e suas ferramentas como *GoogleScholar*, *WhatsApp* e as aulas do Centro de Mídias de São Paulo, ainda, o *YouTube* e a literatura usando o Dicionário médico como conhecimentos e ressignificação dos saberes, para execução e direcionamentos das atividades de educação a distância, além de facilitar o entendimento do conceito do TEA e da horta com a irrigação automatizada, usando a robótica.

A escolha de tal metodologia se justifica pela ideia de gerar motivação para o aprendizado nesse período de distanciamento social. Ainda, garantiu exercícios significativos e reais, proporcionando aprendizagem colaborativa, desenvolvendo as habilidades socioemocionais, além das demais habilidades do currículo. Com as práticas inovadoras do ensino remoto a professora de ciências contou com o apoio da Diretoria de Ensino para execução, as pesquisas começaram a ser feitas com a leitura das publicações de artigos científicos usando a plataforma do *GoogleScholar*, tudo em alinhamento com os gestores e a mãe do estudante. Várias etapas foram elencadas, como o entendimento de quem era o estudante com TEA, o acompanhamento do talento do estudante, inclusive na escolha do assunto, o debate sobre a metodologia e organização, as orientações da abordagem do tema, a organização das agendas, convocações e convites e coleta de evidências.

Pensando no recurso de apoio com o Arduino, pelas vivências culturais do estudante, a escolha do assunto do projeto foi significativa, colocando em evidência suas potencialidades. A contribuição da família na execução das ideias com as atividades foi de grande valia para o envolvimento com sucesso, tendo em vista algumas dificuldades de B. Outro parceiro importante foi o engenheiro ambiental para orientações necessárias à horta, pois o plantio exige cuidados com o manejo das hortaliças e do Senhor A., que possui um vasto conhecimento com o plantio de hortas.

Estratégias e orientações sobre o processo da irrigação desafiou a aprendizagem com inovações, buscando também nas pesquisas as orientações necessárias para a realização das atividades com a robótica.

Foi criado um grupo no *WhatsApp* para facilitar a comunicação dos envolvidos no projeto. A partir daí, as atividades eram enviados por meio deste grupo marcando a hora e o dia que iriam montar a horta, além do manuseio com as peças do Arduino, bem como as orientações recebidas pelo engenheiro ambiental e também pelo senhor A.

Aos sábados, o grupo se reunia munido de máscaras e álcool em gel com toda precaução que o protocolo de saúde exige. Dava-se o início da preparação do terreno para o plantio. De forma voluntária, houve a participação de duas estudantes B. e R. no projeto que se empenharam no apoio ao estudante B., essa participação foi muito importante, considerando que a criança com TEA apresenta dificuldades na interação social, dessa forma, as competências socioemocionais também eram mobilizadas. Como parceiras, formaram um trio com interação na circulação das informações, pois B. apresenta dificuldade na organização sequencial no texto escrito, entretanto com grande facilidade na compreensão da plataforma Arduíno.

Todas as atividades, passo a passo, tinham o acompanhamento da família de B., inclusive auxiliando no engajamento da limpeza do lugar e preparação da terra, no plantio, nas trocas de experiências e de conhecimentos. Todos estavam conectados com o mesmo objetivo e principalmente de fortalecendo e fomentando os laços e relacionamentos fraterno, amizade e aprendizagem que despontou ainda mais no decorrer desse projeto mesmo em tempos de pandemia.

O programa estabelecido com o Arduíno UNO, foi feito como se fosse um semáforo que faz a leitura da porta analógica, e de acordo com o valor lido, acende o led correspondente a solo seco (led vermelho), solo com umidade moderada (led amarelo), ou solo úmido (led verde). Esse sistema permite controlar a irrigação remota, economizando e evitando o desperdício de água, propiciando energia com praticidade e segurança. A montagem ficou destinada ao estudante B, com suas auxiliares voluntárias B. e R. Nesse contexto, o conteúdo abordado sobre a sustentabilidade e uso da irrigação automática, oportunizou estabelecer soluções junto ao grupo dinamizando os fatos. As atividades vivenciadas, foram desenvolvidas de acordo com as habilidades do currículo paulista, ficando assim representadas, na seguinte conformidade.

Unidade Temática: Natureza, ambientes e qualidade de vida.

Habilidades desenvolvidas:

(EF06GE27) Identificar as técnicas para o manejo e conservação do solo e analisar diferentes práticas agroecológicas e as relações de consumo na sociedade contemporânea. (EF69LP22A) Analisar pontos de vista, reivindicações, levando em conta seu contexto de produção e as características dos textos reivindicatórios ou propositivos.

(EF69LP38) Organizar os dados e informações pesquisados em painéis ou slides de apresentação, levando em conta o contexto de produção, o tempo disponível, as características do gênero, apresentação oral, a multissemiose, as mídias e tecnologias que serão utilizadas.

(EF67LP20) Realizar pesquisa, a partir de recortes e questões definidos previamente, usando fontes indicadas e abertas

(EF67LP21) Divulgar resultados de pesquisas por meio de apresentações orais, painéis, artigos de divulgação científica, verbetes de enciclopédia, podcasts científicos etc.

(EF67LP23A) Respeitar os turnos de fala, na participação em conversações e em discussões ou atividades coletivas.

(EF67LP23B) Formular perguntas coerentes e adequadas em momentos oportunos em situações de aula, apresentação oral, seminário etc.

(EF67LP24A) Tomar nota de aulas, apresentações orais, entrevistas (ao vivo, áudio, TV, vídeo).

(EF67LP24B) Identificar as informações principais de apresentações orais, tendo em vista o apoio ao estudo.

Resultados e Discussões

Quanto aos resultados do projeto podemos, apontar vários aspectos como construção de conhecimentos tecnológicos básicos, tanto para docentes como para os estudantes. O apoio à aprendizagem no ensino remoto reflete diretamente na potencialidade do estudante, pois a participação e o envolvimento com as tarefas dadas, por meio do *WhatsApp* ou no teclado do computador, tornam a relação estudante-professor mais afetiva, acolhedora, sem deixar a seriedade do assunto trabalhado. Outro resultado positivo foi a consolidação da interação social, estabelecendo vínculo comunicativo entre o estudante e a equipe, fator que antes era preocupante para todos, pois a falta de interação social e o afastamento social imposto pela pandemia, poderia prejudicar o estudante. Foi muito importante o engajamento da equipe em todas as etapas do Projeto, promovendo um aprendizado ativo, com metodologias inovadoras e coerentes com o interesse do estudante, contribuindo com o desenvolvimento de habilidades e competências. As atividades elaboradas pelo estudante como desenhos, sempre respeitando as suas limitações, possibilitaram a vivência das emoções. O apoio da mãe foi muito importante nas atividades, de forma acolhedora, facilitou a apropriação do conhecimento do filho.

Dentre as facilidades destaca-se o fato de a tecnologia possibilitar controlar o processo de irrigação remotamente, poupando tempo com tarefas repetitivas em relação à forma manual, além de economizar energia e desperdício d'água trazendo benefícios para quem o utiliza, tais como: praticidade, segurança, baixo custo de investimento.

Dentre as dificuldades evidencia-se a situação de isolamento social para a comunidade escolar que poderia ter um envolvimento maior no projeto.

Considerações Finais

A importância do trabalho com esse projeto fez com que o estudante se sentisse responsável e comprometido com a tarefa realizada no protagonismo juvenil, apoiado pela amiga R., de forma que as diferenças individuais foram valorizadas através das potencialidades de cada um, além de que, foram vivenciadas novas experiências colocadas em prática enriquecendo os relacionamentos, as habilidades socioemocionais e o aprofundamento dos conhecimentos no campo das práticas de pesquisas. Ainda a irrigação automática é fundamental para desenvolvimento e produção, permitindo melhorar a sustentabilidade por meio do não desperdício de água, com o apoio da tecnologia obtendo como resultados, a economia. Quanto ao B, sua autoestima foi muito elevada e valorizada, despertando na família outros olhares para as suas potencialidades.

Referências Bibliográficas

BARBOSA, J.W. **Sistema de Irrigação Automatizado Utilizando Plataforma Arduino**, Assis, 2013.

Disponível em: <https://cepein.femanet.com.br/BDigital/arqTccs/1011330043.pdf>. Acesso em 28 out.2020

LINO. D. R., NETO,B. P. L., QUEIROZ,L. L. DE., FEITOSA, P. B., RODRIGUES, A. A., TEIXEIRA., A. DOS S., **Irrigação Automatizada com Plataforma de Desenvolvimento Arduino na Horta Didática da Universidade Federal do Ceará.** v. 1 n. 1 (2017): Irriga - Edição Especial IRRIGA & INOVAGRI / disponível em: <http://actaarboreia.fca.unesp.br/index.php/irriga/article/view/2803> > Acesso em 28 out.2020.

SÃO PAULO. Secretaria da Educação Currículo do Estado de São Paulo: Ciências Humanas e suas tecnologias. Coordenação Geral. Andréia Cristina Barroso Cardoso; Laís Barbosa Moura Modesto. São Paulo: SEE, 2019

Anexo

Figura 1 – Escolha do local e reutilizáveis.



Fonte: Autor, 2020.

Figura 2 – capacitação e preparo da terra.



Fonte: Autor, 2020.

Figura 3 – Plantio das mudas e irrigação automatizada.



Fonte: Autor, 2020.

Vídeos: Implantação do Sistema Arduino – Prático e econômico . Acesse em <https://www.YouTube.com/watch?v=mwH12ZvYt0>; Introdução do Projeto Horta Automatizada. Acesse em https://www.YouTube.com/watch?v=VL_ReFsljdw ; Práticas Sustentáveis. Acesse em: <https://www.YouTube.com/watch?v=zMuuBX1m030> .

Programação da Plataforma Arduino – Semáforo da triagem de irrigação. Acesse em: <https://youtu.be/Rb87fqm47ks> .

Capítulo 2

**Práticas Pedagógicas na
Educação de Jovens e
Adultos**

ATELIER NA ESCOLA: EXPERIMENTAÇÃO COM ARTE

Leandro Matos⁹

Resumo

A criação que permite evitar a alienação do homem contemporâneo, atua de forma individual e trabalha com as potencialidades do indivíduo. No mundo contemporâneo devemos questionar os aspectos do âmbito pessoal: valores, crenças, paradigmas, preconceitos e percepções. O atelier na escola com ênfase em experimentação com arte no CEEJA Deputado Guilherme de Almeida, pertencente à Diretoria de Ensino de Osasco, tem a proposta de imersão no processo de criação de forma interdisciplinar, visando à operação poética que envolve um percurso contínuo de pesquisa sobre arte.

Palavras-chave: Criatividade, Criação, Artista, Estudante, Arte.

Introdução

O atelier na escola com ênfase em experimentação com arte no CEEJA – Deputado Guilherme de Almeida, pertencente à Diretoria de Ensino de Osasco, tem a proposta de imersão no processo de criação de forma interdisciplinar, visando à operação poética que envolve um percurso contínuo de pesquisa sobre arte.

Moldada no pensamento curricular para a disciplina de Arte, indo além das relações do mapeamento e de seus territórios, propõem uma conexão entre o conceito, os conteúdos geradores no fazer da arte, no processo criativo.

Segundo o Currículo do Estado de São Paulo, na área de Linguagens, códigos e suas tecnologias, espera-se que o estudante vivencie experiências que lhe permita: "Compreender os fundamentos de pelo menos uma das áreas de expressão, as possibilidades de articulação de seus elementos, a utilização dos recursos expressivos e a sua dimensão estética".

A expressão e a construção são representações de mundo que se ligam mutuamente, em conjunto, que estão presentes autor/artistas, fruidores, e a intermediação entre eles pelos meios de veiculação da Arte, todos inseridos no mundo físico-sociocultural.

A partir do diagnóstico dos conhecimentos prévios dos estudantes, os professores concluíram que é necessário a continuidade no processo educativo que serão trabalhados com propostas teóricas e práticas em um espaço de atelier artístico.

Possibilitando aos educandos um aprendizado sensível-cognitivo como esperado nos Parâmetros Curriculares Nacionais. Realizar produções artísticas e compreendê-las; apreciar produtos de arte e compreendê-los; analisar manifestações artísticas, conhecendo-as e compreendendo-as em sua

⁹ Artista Plástico com pesquisa em pintura acadêmica veneziana ampliando a "cosmovisão" para projetos artísticos contemporâneos. Pesquisador de arte com estudos sobre a arte da desordem na contemporaneidade. Arte Educador há nove anos nas áreas da educação formal e não formal. Desenvolvendo projetos educacionais (alunos/professores) e museológicos (material educativo, material histórico do MIS, projeto de inclusão a acessibilidade para idosos e cursos). Profissional teórico, pragmático e pesquisador.

diversidade histórico-cultural.

A prática se deu a partir de propostas poéticas ofertadas pelos professores de Arte, Leandro Matos e Magda Martins, que relacionaram os conteúdos e as habilidades trabalhadas durante vinte e quatro oficinas, para cerca de mil e quatrocentos estudantes.

No processo de criação, coube ao estudante investigar o artista e a obra, ampliando o conceito poético da arte; analisar repertórios pessoais e culturais, reconhecendo sua importância na criação das várias áreas de conhecimento humano; pesquisar o diálogo entre a materialidade e os processos de criação, analisar a escolha da matéria, as ferramentas, os suportes e os procedimentos técnicos para operar com imagens, ideias e sentimentos, gerando sua expressão em artes visuais.

Metodologia

Parte da concepção do pensamento curricular em Arte pode se mover em diferentes territórios artísticos e culturais, mapeados como: linguagens artísticas, processos de criação, materialidade, forma-conteúdo, mediação cultural, patrimônio cultural, saberes estéticos e culturais.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e o Currículo do estado de São Paulo para a disciplina de Arte, o processo de ensino-aprendizagem desta disciplina deverá articular três eixos metodológicos, a saber:

- Criação/produção em arte - o fazer artístico;
- Fruição estética - apreciação significativa da arte e do universo a ela relacionado, leitura, crítica;
- Reflexão: a arte como produto da história e multiplicidade de culturas.

Resultados

A percepção trabalhada com os estudantes do CEEJA traz o conhecimento do mundo externo a partir de referências do interno; ao apreender e interpretar. Como cita a artista plástica brasileira, nascida na Polônia, Fayga Perla Ostrower (1977, p. 187) em seu livro *Criatividade e processos de criação*: “tudo se passa ao mesmo tempo. Assim, no que se percebe, se interpreta; no que se aprende, se comprehende. (...) Ganhamos um conhecimento ativo e de auto-cognição”, permitindo uma existência consciente social ao perceber-se e interrogar-se, questionando o mundo. Segundo ela, antes de ser criador, consciente e sensível, antes de tudo se é um ser cultural.

Reprodução da instalação da artista Lygia Pape criada em 1968, intitulada *Roda dos Prazeres*, que constitui de algumas bacias com cores primárias, secundárias e terciárias, que estimulam olfato, visão e paladar. É um convite à participação e à interação, que trabalha com a subjetividade e o rompimento dos pré-conceitos.

Figura – natureza morta.



Fonte: Autor, 2020.

A natureza morta corresponde a um dos gêneros de pintura e fotografia, que registra objetos inanimados, como frutas, louças, dentre outros objetos. Os estudantes exploraram a composição, percepção através dos objetos e do registro fotográfico.

Considerações Finais

Sob a ótica dessa metodologia apresentada, o processo de criação permite evitar a alienação do homem contemporâneo. Além disso, permite que se atue de forma individual e trabalhe com as potencialidades do indivíduo. Em Criatividade e processos de criação Ostrower (1977, p.187) destaca que:

"As barreiras entre o consciente e o inconsciente são continuamente transpostas entre as emoções, sensações e pensamentos e, nesse limiar, atua a intuição. A intuição, como ação de uma determinada personalidade, que permite lidar com situações novas e inesperadas, de maneira espontânea e interligada à percepção, reformula os dados do mundo externo e interno. "Ambas, intuição e percepção, são modos de conhecimento, vias de buscar certas ordenações e certos significados".

No mundo contemporâneo é recomendável questionar aspectos do âmbito pessoal: valores, crenças, paradigmas, preconceitos e percepções, e, com isso, rever a interação do homem com o seu meio e, eventualmente, construir uma nova visão de mundo, criando novas diretrizes.

Esse artifício para se fazer concreto necessita do caos para destruir e, a partir disso, a transformação para uma nova configuração plástica. O desenvolvimento pessoal envolve modificar-se em um ser consciente-sensível-cultural.

Referências Bibliográficas

ARNHEIM, Rudolf. **Para uma psicologia da arte & Arte e entropia**. São Paulo: Editora Dinalivro 1997.

CHEVALIER, Jean. **Dicionário dos Símbolos.** São Paulo: Editora José Olympio 2003.

ECO, Umberto. **História da Beleza.** São Paulo: Editora Record 2004.

_____. **História da Feiúra.** São Paulo: Editora Record 2004.

HAUSER, Arnald. **História Social da Literatura e da Arte.** São Paulo: Editora MestreJou 1978.

JUNG, Carl. **O Homem e seus Símbolos.** São Paulo: Editora Nova Fronteira 2010.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e Processos de Criação.** Editora Vozes 2004.

SANTAELLA, Lucia. **O que é Semiótica.** São Paulo: Editora Brasiliense 1983.

_____. **Semiótica Aplicada.** São Paulo: Editora Brasiliense 2002.

SOGABE, Milton. **O corpo do observador nas artes visuais.** 16º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores de Artes Plásticas Dinâmicas Epistemológicas em Artes Visuais. 2007. Florianópolis/SC. Disponível em: <<http://www.anpap.org.br/anais/2007/2007/artigos/161.pdf>>. Acessado em 19/08/2011.

WÖLFFLIN, Heinrich. **Conceitos Fundamentais da História da Arte.** São Paulo: Editora Martins Fontes, 2006.

AULAS REMOTAS EM TEMPOS DE PANDEMIA: REORGANIZANDO A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO CONTEXTO DE ISOLAMENTO SOCIAL

Cláudia Sodré Lopes da Silva¹⁰

Edivaldo Félix Gonçalves¹¹

Ronaldo Adriano de Faria¹²

Resumo

O presente artigo faz uma reflexão sobre as práticas educacionais adotadas no CEEJA Deputado Guilherme de Oliveira Gomes - Osasco/SP, durante o isolamento social, objetivando explanar experiências do dia a dia escolar e como o uso das tecnologias foi fundamental para a continuidade do processo de ensino-aprendizagem e a gestão escolar, em conformidade com a deliberação do Conselho Estadual da Educação CEE nº: 177/2020, sem causar prejuízos significativos aos estudantes. Demonstrando o uso das redes sociais mais populares – *Facebook, Instagram, WhatsApp e e-mails* – conseguimos a interação entre estudantes, professores, coordenação, funcionários administrativos e direção. Pautada em uma reflexão das boas práticas e no engajamento de toda a comunidade escolar, apresentamos as metodologias ativas adotadas e os conhecimentos técnicos para implementar toda a rotina escolar em ambiente virtual, em conformidade com a Resolução SE nº 75/2018, sem deixar de oferecer a mesma oportunidade a todos os estudantes.

Palavras-chave: Ensino Remoto; Ensino Flexível; CEEJA; EJA Mundo do Trabalho.

Introdução

A pandemia do vírus Corona (COVID-19) causou, entre outras mudanças, a necessidade de gestores de escolas e universidades em todo o mundo reinventar novas formas de oferecer educação, preservando ao mesmo tempo sua qualidade. A nova portaria do Ministério da Educação (MEC), n. 544, de 17 de junho de 2020, publicada no Diário Oficial, autoriza todos os cursos a utilizarem metodologias remotas para a continuidade do ano letivo. Com os novos desafios e paradigmas emergindo desta metodologia proporcionamos ao usuário sensação de imersão, de estar na sala de aula, a partir da navegação e interação neste ambiente virtual. Ao mesmo tempo em que o educador, respeitando os princípios educacionais e a abordagem pedagógica que ele acredita, não transforme este momento atípico em uma educação a distância, conforme os moldes do EaD.

Nesse contexto, o Centro Estadual de Educação de Jovens e Adultos – CEEJA Deputado Guilherme de Oliveira Gomes - teve a necessidade de reestruturar o currículo escolar mediado pelas discussões das Diretrizes Curriculares, Leis e Portarias do Ministério da Educação. Há muito tempo percebeu-se a necessidade de ampliar a perspectiva dos professores para uma aprendizagem que incorpore ferramentas

¹⁰ Professora Licenciada em História do CEEJA Deputado Guilherme de Oliveira Gomes.

¹¹ Professor Coordenador Pedagógico do CEEJA Deputado Guilherme de Oliveira Gomes, bacharel e licenciado em Ciências Sociais, Mestre em Educação e Doutorando em Educação e Saúde na Infância e Adolescência.

¹² Professor Licenciado em Física do CEEJA Deputado Guilherme de Oliveira Gomes, tecnólogo em mecânica de precisão, bacharel em engenharia mecânica e pós-graduado em psicopedagogia clínica e institucional.

tecnológicas que, embora se traduzam em desafios para os estudantes CEEJA, consolida-se a visão ampla das inovações tecnológicas.

Assim, considerando o momento atual da pandemia e a corrida contra o tempo para retomar as aulas de caráter não presencial, gestores e professores passaram a dialogar e estudar as diferentes estratégias de uso de tecnologias remotas na educação para os estudantes CEEJA, que pudessem minimizar o impacto com essa inserção, principalmente com a preocupação de que fazia um curso de educação básica semipresencial com horário flexível. Para eles, além da dificuldade de acesso, vem a modalidade remota com a fragilidade do processo ensino-aprendizagem.

Sabemos que as novas tecnologias e as redes sociais são valiosas ferramentas pedagógicas que podem enriquecer e diversificar de forma significativa o processo de ensino e aprendizagem, desencadeando as relações envolvidas na forma de pensar e aprender de maneira mais interativa, participativa e cooperativa.

A rede social possibilita o encontro entre os participantes proporcionando trocas de conhecimentos e experiências, ultrapassando o espaço físico das paredes da escola. Para disponibilizar as apostilas “EJA Mundo do Trabalho” em PDF e os Roteiros de Estudos, foi criado um site da escola com todas as informações necessárias para os estudantes. A escola utiliza também a rede social *Instagram* e o aplicativo multiplataforma *WhatsApp*, o *e-mail* institucional da escola e dos professores como forma de comunicação. Dessa forma, no período da pandemia do vírus Corona (COVID-19), evitou-se a evasão escolar e, dessa maneira, as redes sociais ajudaram para que o aprendizado fosse colaborativo.

Metodologia

No ato da matrícula, o estudante recebeu as orientações gerais sobre o curso e como a escola está desenvolvendo seu trabalho nesse momento de pandemia, assim, o estudante é matriculado na primeira disciplina da(s) matéria(s) que escolheu estudar e recebe as apostilas.

O CEEJA Deputado Guilherme de Oliveira Gomes percebeu que, para facilitar o aprendizado e a comunicação, seria melhor criar um grupo na rede social *Facebook* para reunir os estudantes em um único ambiente virtual. A escolha foi feita por ser a maior rede social de fácil acesso e por ser uma tecnologia que os estudantes e professores dominam e se sentem seguros.

No grupo são disponibilizadas as atividades que valem como oficina, pois as oficinas são aulas sobre um determinado tema do currículo. Para realizar a avaliação, o estudante precisa registrar ao menos uma oficina da disciplina em curso. O grupo tem a finalidade de os estudantes terem contato com os professores e gestores da escola, tirar dúvidas de algum tema da apostila que esteja estudando e não está compreendendo, além do acesso às atividades remotas que equivalem às oficinas.

Foi desenvolvido um Cronograma de Atividades – Roteiro (Figura 1), preparado pelo professor, que

é disponibilizado na rede social – grupo *Facebook* (Figura 2), com uma ampla divulgação nas redes sociais, cujo estudante deve responder e encaminhar ao professor da respectiva disciplina, a qual desejava cursar, pelo *e-mail* institucional do professor ou *e-mail* institucional da escola. Foram criados e disponibilizados, também, pelos professores, vídeos informativos ensinando como acessar as atividades e enviar aos professores.

Esta atividade equivale à participação do estudante na Oficina – atividade da modalidade presencial, ou seja, a atividade sendo aprovada pelo professor possibilita a eliminação da disciplina, a partir da aprovação na avaliação, as quais começaram a ser disponibilizadas aos estudantes a partir do dia 19 de abril de 2020. As atividades foram elaboradas com base no ano e ciclo do respectivo módulo do material “EJA Mundo do Trabalho” e unidade a ser trabalhada pelo estudante.

Figura 1 – Roteiro de atividades dos estudantes.



The screenshot shows a Facebook group page titled "CEEJA Osasco Dpguilherme". The post, made by the administrator on November 9, welcomes users to the group and mentions that activities are being made available. It includes a link to the group's website: <https://ceejadpguilherme.wixsite.com/ceejaosasco>. Below the link, there is a small image of a person writing in a notebook.

CRONOGRAMA SEMANAL DE ATIVIDADES - ROTÉIRO

Este roteiro é disponibilizado para que os(as) alunos(as) sejam acompanhado(as) em suas atividades semanais. Essas atividades são relativas a cada unidade da apostila.

Sempre que as atividades forem avaliadas e estiverem compatíveis com o que foi solicitado pelo professor(a), substituir as oficinas elas/ plantão da disciplina que o(a) aluno(a) estiver matriculado(a) e apto a fazer.

INFORMAÇÕES PARA DESENVOLVER AS ATIVIDADES (PROFESSORES)

Professor (a):	1) Rivel Santos Barros da Silva 2) Ronald Adriano de Faria
Disciplina:	Física
Unidade da Apostila:	1 unidade
Conteúdo:	Métodos Investigativos
Habilidades:	Conceitos fundamentais sobre observação científica.

Atividades / dicas: Produzir um resumo do conteúdo (máximo 10 linhas), descrevendo o que é Método Científico e Mito e resolver os exercícios da pág. 20 e 21 da apostila Vol. 1

Fonte - Apostila EJA – Mundo do trabalho

INFORMAÇÕES PARA ENTREGAR AS ATIVIDADES (ALUNOS)

Prazo de Entrega: 20/11/2020

Colocar o RM - DATA - ANO - DISCIPLINA	Colocar o NOME
Formas de entrega: anexar em folha avulsa 1º opção: e-mail institucional do professor	rmalofaria@prof.educacao.sp.gov.br rdeu@prof.educacao.sp.gov.br
2º opção: Entrega na Secretaria	Ligar: 3691-7244 (das 10h às 15h)
Formato do Trabalho:	1º opção: Digitalizado (formato PDF, Word ou similar) e enviar para o e-mail do professor da disciplina. 2º opção: Manuscrito e enviar por foto para o e-mail do professor da disciplina. 3º opção: Manuscrito e entrega na Secretaria da Escola (ligar antes para informação).

Fonte: Autor, 2020.

Posteriormente, utilizando os aplicativos da *Google(G-SUÍTE)*, disponibilizado para os profissionais e unidades educacionais da Secretaria de Educação do Governo do Estado de São Paulo, a partir dos Formulários e Planilhas *Google*, o Professor R.A.F criou a lógica matemática programacional que é um sistema de gestão escolar de todas as disciplinas oferecidas no Ensino Fundamental Anos Finais e do Ensino Médio, pensando nas demandas escolares e funcionamento burocrático apontado pelos professores, coordenação pedagógica e a equipe de gestão escolar, em que todos os estudantes regularmente matriculados no CEEJA Deputado Guilherme de Oliveira Gomes estão relacionados e, conforme entregavam as atividades aprovadas pelo professor de todas as disciplinas, eram inseridos no sistema batizado de CEEJA Controle.

Quando inserido o número do Registro de Matrícula do estudante (RM) na planilha, juntamente com as demais informações, como: data de recebimento, ciclo de ensino, unidade e volume da atividade, atividade corrigida, *e-mail*/ contato do estudante e data do retorno, por intermédio da lógica

programacional, o nome do estudante aparece automaticamente nas demais planilhas (Plantão de dúvidas, Avaliações, Mapão de Notas). (Figura3). Ao ser aprovada a atividade do estudante pelo professor e informado “Validado” na planilha, significa que os agentes de organização escolar, na secretaria da escola, podem verificar junto ao Passaporte do estudante, quais as provas que ele está apto a realizar.

Figura 2 – Registro das avaliações do estudante.

EMAIL ALUNO	RM	NOME DO ALUNO	Ciclo de Estudos	JÁ - NF			1ª Série - EM			2ª Série - EM			3ª Série - EM			VALIDAÇÃO - 1M			VALIDAÇÃO - 2M			VALIDAÇÃO - 3M			Coordenação	DATA DA PROVA	T QUANT.	Validação Enviada
				Nota	Secr	Nota	Secr	Nota	Secr	Nota	Secr	Nota	Secr	Nota	Secr	Nota	Secr	Nota	Secr	Nota	Secr	Nota	Secr	Nota				
angelicahabeb53@gmail.com	4071	BEATRIZ ANGELICA DA SILVA	Médio	X	6	X	5	X	6	X			X												26/11/2020	1	OK	
atencide_ibep@yahoo.com.br	4183	ALZENILDE RIBEIRO DA SILVA	Médio			X		X	7																	26/11/2020	2	
jennyvalentim0@gmail.com	4177	MARIA APARECIDA CONCEICAO DE SOUZA	Médio			X		X		X																26/11/2020	3	
joaorodrigo72@gmail.com	4403	ERUNO BARCELOS	Médio			X		X	6		X															26/11/2020	3	
brenda232323@gmail.com	4153	BRENDA LUS SANTOS RAMOS ZAVATARTO	Médio			X	5	X	6																26/11/2020	1	OK	
santosdanielas46@gmail.com	2198	DANILA DOS SANTOS	Médio		X	X	X	X																	26/11/2020	4		
candidosenra88@gmail.com	4390	IZANDRO JORGE SERRA	Médio		X	X	X	X																	26/11/2020	4		
barrosj@ yahoo.com.br	4383	JOSÉ MARCOS TEIXEIRA BARROS	Médio		X	8	X	6	X	10															26/11/2020	1		
yeyo000@gmail.com	4404	VINICIUS DE OLIVEIRA TOLEDO	Médio			X		X																	26/11/2020	3		
autoelearning@outlook.com	4439	LETICIA MONTERO GONCALVES	Médio																						26/11/2020	1	OK	
mrickimapa@gmail.com	4290	RICARDO RODRIGUES DE LIMA	Médio		X	5	X	7	X	9														26/11/2020	1	OK		
arnoldohebe@gmail.com	4113	ARINILDE DA SILVA RIBEIRO ANDRADE	Médio		X	X	X	5	X	7	X													26/11/2020	2			
sheilaemae2909@gmail.com	4380	SHEILA FREITAS DA SILVA	Médio																						26/11/2020	2		
luizelucas00414@gmail.com	574	LUCAS OLIVEIRA DE SOUZA	Médio																						26/11/2020	3		
limas.gutti919@gmail.com	2019	GUSTAVO LIMA DA SILVA	Médio																						26/11/2020	2		
lucasgomesreismoves.com.br	4424	LUCAS SANTOS ALBINO JUNIOR	Médio																						26/11/2020	1	OK	
gabipicanca@gmail.com	4400	GABRIELA PERERA DE LUCENA	Médio																						26/11/2020	2		
nataly.dias@cloud.com	4442	NATALY ALVES DIAS	Médio																						26/11/2020	3		
miguelferreira@cloud.com	281	MIGUEL PARAS BAPTISTA FERREIRNA	Médio																						26/11/2020	3		
jeane7@gmail.com	4453	FRANCISCO LEONER PEREIRA	Médio																						26/11/2020	1	OK	
cathelemdeu7@gmail.com	4212	RAFAELA DOS REIS MEDEIRO DA SILVA	Médio		X	X	X	8	X	8														26/11/2020	2			

Fonte: Autor, 2020.

Os agentes de organização escolar, então, marcam com “X” na respectiva coluna (Figura 4), onde constam as informações do estudante, as avaliações que ele pode realizar. O Professor Coordenador Pedagógico, responsável pelo calendário de realização das provas, acrescenta o dia e a quantidade de provas remotas que o estudante poderá realizar, verificando o limite máximo de provas por dia. As provas foram elaboradas pelos professores das respectivas disciplinas, utilizando-se o *GoogleFormulários* (figura 5) e divididas em provas parciais e provas de validação (final).

As provas foram indexadas às planilhas por meio da lógica matemática programacional, o que permitiu que as notas fossem, automaticamente, relacionadas na planilha Avaliações de cada disciplina (figura 6), permitindo o acompanhamento em tempo real, tanto na aba da planilha Avaliações (figura 4), quanto na aba Mapão (Figura 7). Após a coleta de todas as informações necessárias, o professor envia um dia antes da realização das provas, no endereço de *e-mail* do estudante, o *link* da prova *online* informando a data e horário para realização da mesma.

No dia da realização das provas, os professores e demais envolvidos, acompanham a evolução da realização das avaliações e, caso o estudante obtenha a nota mínima cinco (5,0) nas avaliações que necessita realizar, receberá a avaliação de validação (final). Caso obtenha a nota mínima também na validação, esta disciplina estará finalizada, ou seja, o estudante concluiu a disciplina.

Figura 3 – Avaliação em Formulário Google.

Fonte: Autor, 2020.

Figura 4 – Planilha que recebe as notas das Avaliações em Formulários Google.

Fonte: Autor, 2020.

Figura 5: Planilha que recebe as notas das Avaliações em Formulários Google.

Fonte: Autor, 2020.

Figura 6 – Registro das avaliações do estudante.

Fonte: Autor, 2020.

Após a realização das avaliações, as notas são lançadas no Passaporte Físico do estudante, pelos agentes de organização escolar e destacadas na cor “vermelha”, indicando que a função foi realizada. Depois, com a aprovação na Avaliação de validação (final), a linha, onde constam as notas do estudante, é colocado em destaque na cor “beje”, pelo professor coordenador, significando para os agentes de organização escolar que o estudante foi aprovado naquela disciplina e, portanto, o registro do estudante será ocultado da planilha.

Caso exista alguma divergência na nota ou erro no tipo de prova realizada, a linha é destacada na cor “rosa”, significando que será necessária uma análise e troca de informação com o estudante para correção. Dessa forma, todos os profissionais que manuseiam a planilha terão as informações remotamente.

Resultados

Após análise de todo o funcionamento e a gestão aplicada, durante a pandemia, foi possível verificar os seguintes dados ao longo de cada mês:

Tabela: Atendimento durante a Quarentena						
Estudantes atendidos – EF	7	007	Oficinas / Orientação de Estudos - Online	240	Avaliações Aplicadas - EF	136
Estudantes atendidos - EM	385	385	Oficinas / Orientação de Estudos - Escola	400	Avaliações Aplicadas - EM	453
Total	492	492	Atividades Realizadas - Total	640	Avaliações Realizadas - Total	589

Como podemos observar, durante o isolamento social, a escola teve um fluxo mensal de 492 estudantes por mês, o que corresponde a aproximadamente 60% do nosso fluxo escolar antes da paralisação das atividades presenciais. Devemos destacar que o CEEJA Deputado Guilherme de Oliveira Gomes tem aproximadamente 2.500 estudantes com matrícula ativa, porém como a presença é flexível, atendendo aos critérios da Resolução 75/2018, sempre atendemos em média entre 800 a 1.000 estudantes por mês, ou seja, de forma rotativa, antes da pandemia. E ao analisar esses dados podemos destacar que o empenho de todos da escola na busca ativa dos estudantes e a criação de um sistema para

facilitar a gestão escolar foi fundamental para atingirmos esse resultado apresentado. Para analisar a metodologia de cálculos para obter esses dados, disponibilizamos o acesso para a nossa matriz de análise na planilha *Google*.

Como resultado de acesso ao grupo *Facebook* do CEEJA, os gráficos abaixo nos dão alguns parâmetros do nosso público alvo.

Figura 7 – Progressão de acessos no grupo.



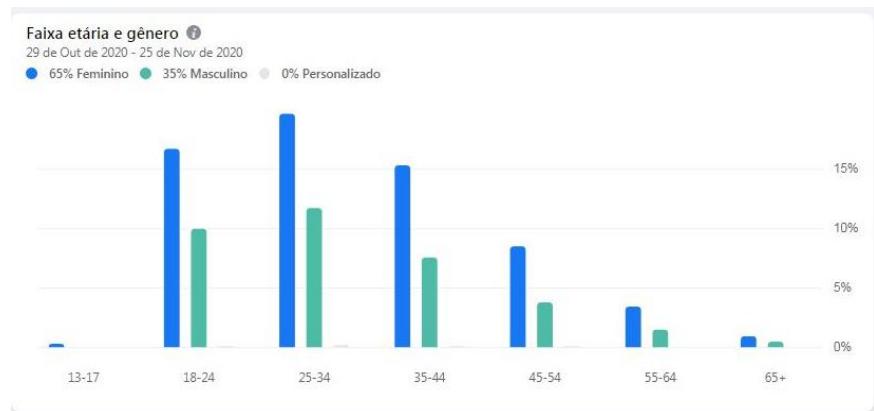
Fonte: Grupo *Facebook*, 2020.

Figura 8 – Interações no grupo: Média por dia da semana e horários de maior ocorrência ao longo de um dia.



Fonte: Grupo *Facebook*, 2020.

Figura 9 – Perfil dos participantes do grupo: idade e gênero.



Fonte: Grupo *Facebook*, 2020.

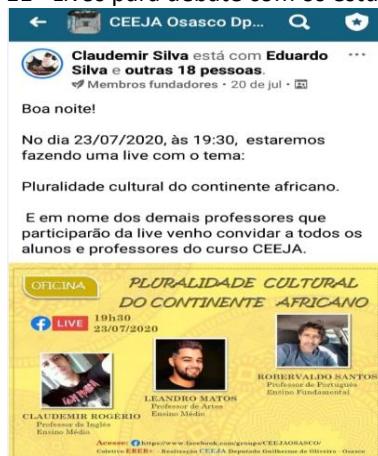
Figura 10 - Origem dos participantes: país e cidade.

Países mais relevantes	Cidades mais relevantes
Brasil	Osasco, SP
Angola	São Paulo, SP
	Barueri, SP
	Carapicuíba, SP
	Itapevi, SP

Fonte: Grupo Facebook – último acesso em 26/11/2020.

Abaixo, algumas imagens das *lives* utilizadas:

Figura 11 - *Lives* para debate com os estudantes.



Fonte: Autor, 2020.

Figura 12 - Educação e Relações Étnico-Raciais.



Fonte: Autor, 2020.

Considerações Finais

A pandemia mudou significativamente a forma de relacionamento das pessoas nas diversas sociedades existentes, sobretudo na sociedade brasileira, culturalmente associada à proximidade física. As mudanças bruscas no comportamento da humanidade afetou o sócio emocional de muitas pessoas, causando prejuízos e feridas na alma. Na educação, esse afastamento foi sentido de diversas formas, haja vista que o país não tem uma distribuição igualitária no acesso às tecnologias necessárias para contatos à distância, nem tampouco uma educação digital popularizada.

Foram necessárias ações específicas de acolhimento aos estudantes no ambiente virtual, utilizando a plataforma *GoogleMeet* com a participação da direção, coordenação, professores e funcionários, em horários diferentes, com a finalidade de alcançar todos os estudantes. Essas *lives* serviram como espaço apropriado para podermos ouvi-los. Relataram sobre sentimentos de solidão, angústia, medo, fracasso e tristeza por conta do distanciamento social, demissão de seus trabalhos devido à crise financeira do país, inúmeras perdas de pessoas queridas para a COVID 19, outros ainda, porque contraíram o vírus e um expressivo número de estudantes demonstraram medo de não conseguir realizar as atividades, por falta de conhecimento com as ferramentas midiáticas.

Entretanto, apesar do CEEJA, caracteristicamente, ter como público-alvo pessoas que de alguma maneira não tiveram possibilidade de concluir os estudos e, por isso, o ensino remoto ser mais uma dificuldade, conseguimos oferecer a possibilidade da continuidade/término do ensino para uma quantidade razoável de estudantes, apesar da pandemia nesse ano de 2020. Para que isso se tornasse uma realidade, o sistema de avaliação foi primordial.

A colaboração e a participação de todos no processo de ensino aprendizagem também foram destaques fundamentais para o desenvolvimento das atividades. Houve muitas discussões, às vezes acaloradas e necessárias nas ATPCs para alinharmos os critérios metodológicos.

Vale ressaltar que o sucesso pedagógico do curso CEEJA só foi possível porque os profissionais envolvidos, trabalharam a auto estima dos estudantes sem medir esforços, com palavras de encorajamento, muita resiliência e conhecimentos técnicos pedagógicos.

Referências Bibliográficas

CASTRO, Silva Monteiro de. **A utilização das redes sociais na prática pedagógica de professores-cursistas do núcleo de tecnologia educacional marco zero.** Amapá, Brasil. Macapá, AM: Universidade Federal do Amapá 2012.

BRASIL. Portaria nº 544, de 16 de Junho 2020 de MEC/SEED. Estende as aulas remotas até 31/12/2020. Disponível em: <http://www.crub.org.br/blog/publicado-no-dou-a-portaria-mec-544-que-estende-as-aulas-remotas-ate-31122020/> acesso em 26/11/2020.

Lista de comandos nas planilhas Google- <https://support.google.com/docs/table/25273?hl=pt-BR>
Ferramentas Google: Forms e Planilhas, formação do CMS -
https://www.YouTube.com/watch?v=q1p_3mdKObA

ÉTICA E CIDADANIA POR MEIO DO ENSINO REMOTO: RELAÇÃO ENTRE CONCEITOS E PRÁTICAS DESENVOLVIDAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Graça de Lourdes Silvestre Pera¹³

Ricardo Manffrenatti Venturelli¹⁴

Vanessa de Almeida Contratres Costa¹⁵

Resumo

Este artigo refere-se a práticas docentes desenvolvidas no Centro Estadual de Educação de Jovens e Adultos (CEEJA) de Avaré por meio das abordagens de conteúdo dos componentes curriculares de Sociologia e Filosofia para o Ensino Médio atribuídas no ensino remoto recorrente da situação pandêmica do novo coronavírus. Sabemos que o Caderno do Estudante do CEEJA é elaborado para um diálogo entre o currículo, a vida profissional e a formação cidadã do estudante. Ainda que as práticas docentes devam contemplar o mundo do trabalho em sua dimensão social, a educação de jovens e adultos não pode se limitar apenas à formação curricular. Assim, partimos da ideia de relacionar temáticas abordadas nos materiais de estudos dos citados componentes curriculares com o propósito de desenvolver competências socioemocionais que contemplem uma formação ética e cidadã em sua vida pessoal e profissional. Para tal, elencamos temáticas pertinentes às habilidades que contemplem situações da vida pessoal e profissional do estudante e sua postura sobre o uso dos meios digitais. Dessa forma, com a necessidade de atendimento remoto ao estudante, provocado pela pandemia da COVID-19, percebemos a necessidade de abordar tais competências através do uso de Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) ao que se refere a *netiqueta – postura e comportamento na internet*. Portanto, iremos discorrer neste artigo, procedimentos de abordagens pedagógicas por meio do trabalho do conteúdo do material “EJA – Mundo do Trabalho”, disponível aos estudantes do CEEJA, através de projetos que contemplem o objetivo proposto.

Palavras-Chave: Ensino de Jovens e Adultos; Ética e Cidadania; Competências Socioemocionais; Ensino Remoto.

Introdução

O Centro Estadual de Educação de Jovens e Adultos é um projeto voltado à formação estudantil vinculado à Secretaria de Educação do estado de São Paulo, tal como definido na Resolução nº77/2010 que a caracteriza:

[...] como instituições de ensino de organização didático-pedagógica diferenciada e funcionamento específico, destinados, preferencialmente, a estudantes trabalhadores que não cursaram ou não concluíram as etapas da educação básica, correspondentes aos anos finais do Ensino Fundamental ou do Ensino Médio; a necessidade de se garantir, na proposta pedagógica e no regimento escolar dos CEEJAs, diretrizes e procedimentos que viabilizem a operacionalização da especificidade e flexibilidade do tipo de ensino oferecido (SÃO PAULO, 2011).

¹³ Professora do Centro Estadual de Educação de Jovens e Adultos de Avaré. *E-mail:* pera@professor.educacao.sp.gov.br.

¹⁴ Professor do Centro Estadual de Educação de Jovens e Adultos de Avaré. Professor do Centro Paula Souza. Doutorando em Geografia FCT-UNESP. *E-mail:* ricardomanffrenatti@professor.educacao.sp.gov.br

¹⁵ Professora do Centro Estadual de Educação de Jovens e Adultos de Avaré. *E-mail:* vcontratres@professor.educacao.sp.gov.br

Partindo dessa premissa, identificamos a necessidade de relacionar junto ao material de estudo do estudante propostas didáticas que objetivem, não apenas aprender o conteúdo, mas sim, o desenvolvimento das habilidades pertinentes à formação ética e cidadã em sua vida pessoal e profissional, através das competências sócio emocionais. E visto a presença cada vez maior da utilização das TICs, seja para o lazer e comunicação, seja como ferramenta de trabalho, chegamos à problemática de promover ações didáticas através de oficinas pedagógicas para que o estudante comprehenda como se portar ao utilizar os meios digitais.

Para tal, identificamos temáticas pertinentes para esta prática pedagógica a partir dos conteúdos presentes nos cadernos do estudante nos componentes curriculares de Sociologia e Filosofia capazes de serem relacionadas com a realidade de uma sociedade baseada no uso de TICs e de fluidez de informações. Além de trabalhar as atividades estabelecidas nos referidos materiais de estudos, propomos o desenvolvimento de um projeto objetivando despertar nos estudantes a importância sobre o uso correto dessas ferramentas sob a perspectiva de sua conduta, através da difusão de informações e condutas inoportunas que podem trazer ônus à sua vida.

O projeto a ser trabalhado passou a merecer nova importância devido à atribuição dos atendimentos remotos empregados durante a pandemia. O que pretendíamos desenvolver através dos atendimentos presenciais passou a ter outra atenção, visto que a utilização de ferramentas de comunicação passou a ser mais utilizadas para o desenvolvimento pedagógico neste momento e estarão cada vez mais presentes no cotidiano em diversas finalidades.

Metodologia

Desenvolvendo o senso crítico

Certamente o CEEJA proporciona ao estudante uma oportunidade de conclusão de seus estudos de forma que vise conciliar com sua realidade. Não apenas pela flexibilidade do tempo e ritmo de estudo, visto todas as particularidades pessoais e profissionais que caracterizam a vida do estudante adulto, como também proporciona o resgate da autoestima e melhoria da qualidade de vida em uma sociedade que cobra tanto por resultados e um mercado de trabalho exigente e competitivo.

Dentre os objetivos de formação da Educação de Jovens e Adultos está o desenvolvimento de habilidades voltadas para a formação ética e cidadã do estudante que lhe propicie ter discernimento sobre suas condutas em seus deveres e direitos. No decorrer de seu percurso nos diferentes componentes curriculares que compõem as modalidades de ensino fundamental – anos finais e ensino médio, o estudante é apresentado a um material que aborda situações-problemas que irão lhe desenvolver habilidades pertinentes para as demandas da sociedade e do mercado nesse início de século XXI.

E para que possamos desenvolver nosso projeto, elencamos alguns temas presentes nos

componentes curriculares de Sociologia e Filosofia, pertinentes aos objetivos propostos, bem como na busca do entendimento de mundo de forma crítica e reflexiva sobre suas práticas e ações, tal como presente nas diretrizes dos Parâmetros Curriculares Nacional (PCNs).

A “pedagogia crítico-social dos conteúdos” assegura a função social e política da escola mediante o trabalho com conhecimentos sistematizados, a fim de colocar as classes populares em condições de uma efetiva participação nas lutas sociais. Entende que não basta ter como conteúdo escolar as questões sociais atuais, mas que é necessário que se tenha domínio de conhecimentos, habilidades e capacidades mais amplas para que os estudantes possam interpretar suas experiências de vida e defender seus interesses de classe (BRASIL, 1997, p. 32).

É importante discutirmos como esse documento e o conjunto das políticas educacionais implementadas no final da década de 1990 passaram a orientar a formulação dos currículos, e em consequência, as práticas pedagógicas alicerçadas em teorias que indicaram os caminhos que o processo de ensino e construção do conhecimento percorrerá. E nessa proposta pedagógica, inicia-se no Brasil de forma sistemática a construção curricular a partir do ensino por competências e habilidades. Baseadas nas concepções de um aprendizado organizado na articulação e interações de situações e não mais limitada ao conteúdo. Essas premissas contemplam a ideia de que as competências sejam o processo total de construção do conhecimento alicerçadas pelo desenvolvimento de habilidades ao qual atinjam o conhecimento e os procedimentos para tal.

E com isso, a organização curricular e as propostas de ensino passam a ser fundamentadas nessa premissa, assim como aponta Dias (2010, p. 76) “a meta principal da escola de hoje não é, assim, ensinar conteúdos, mas desenvolver competências que permitam ao sujeito alcançar sucesso pessoal e profissional”.

Outro saber de que não posso duvidar um momento sequer na minha prática educativo-crítica é o de que, como experiência especificamente humana, a educação é uma forma de intervenção no mundo. (FREIRE, 2002, p. 38).

Portanto, o objetivo de nossa prática docente vai ao encontro das premissas educacionais, e com isso, pretendemos despertar nos estudantes a criticidade sobre o uso das TICs juntamente com ações éticas e cidadãs.

Relações entre conteúdos e o uso ético e cidadão da internet na vida pessoal, no trabalho e nos estudos

Quando pensamos em educação de jovens e adultos temos de entender a diversidade de histórias de vida dos estudantes aos quais procuram esta modalidade visando a conclusão dos estudos que não foram possíveis em outro momento. A EJA – neste caso em sua modalidade semipresencial – recebe seus estudantes com as mais diferentes perspectivas e planos. Nesta modalidade há desde estudantes adolescentes que há pouco ainda estavam no ensino regular, até adultos já inseridos no mercado de

trabalho e/ou que necessitam de qualificação profissional. Logo, temos de refletir sobre os procedimentos didáticos empregados no desenvolvimento dos componentes curriculares e os métodos adotados pelos professores, visto ainda que no CEEJA não são aplicadas aulas a uma turma e sim atendimentos individuais e acompanhamento do progresso do estudante.

Partindo do pressuposto de educação como trabalho não-material e de sua importância como instrumento emancipador, cabe entrar na discussão da função social da escola, ou seja, identificar os elementos culturais e educacionais para a relação entre conteúdo e formação, como afirma Saviani:

[...] o objeto da educação diz respeito, de um lado, à identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se tornem humanos e, de outro lado e concomitantemente, à descoberta das formas mais adequadas para atingir esse objetivo (SAVIANI, 2003, p. 13).

Não podemos nos pautar em lecionar assuntos e temas de maneira simplória e explanatória, sem agir de maneira a contemplar as múltiplas inteligências a fim de otimizar o desenvolvimento das habilidades propostas. E assim, no que se refere à educação de jovens e adultos, a qual apresenta um público discente tão heterogêneo, as estratégias de ensino aprendizagem devem contemplar de maneira mais próxima e objetiva as expectativas e necessidades.

Se considerarmos a evolução e as mudanças geradas pelo avanço da tecnologia, bem como o rompimento de fronteiras que separavam, no tempo e no espaço, a formação profissional da atuação profissional mais qualificada e em constante aperfeiçoamento (PETEROSSI, 2016, p. 23).

E dentro desta perspectiva, quanto ao uso de tecnologias no processo educacional e a necessidade de adequações para o emprego dos atendimentos remotos devido à pandemia, necessitamos refletir sobre algumas premissas a respeito do uso das TICs, sendo a primeira no que diz respeito ao estudante pertencer um dispositivo para tal, sendo que o preço para aquisição de tal muitas vezes é além do poder de compra da renda auferida. O segundo ponto de reflexão é a respeito do domínio do uso das ferramentas virtuais disponíveis para computadores e *smartphones* que não se limitem apenas às redes sociais. E por último o entendimento da importância do uso racional, moral e ético quanto à difusão de ideias e informações não verdadeiras ou caluniosas.

Dessa forma, é necessário refletir sobre os procedimentos didáticos desenvolvidos. “É preciso pensar em uma educação para a formação do trabalhador, mais plenamente engajada com as demandas de mercado e as mudanças tecnológicas ocorridas.” (SOUZA JÚNIOR; LIMA, 2016, p. 41). Então temos de dar um passo a mais nas propostas didáticas, ir além do conteúdo presente no material e trabalhá-lo de maneira a construir no estudante o entendimento do currículo em sua vida.

É preciso que o professor esteja disponível para aprender com a realidade, extrair dos estudantes informações sobre a sua vida cotidiana, levá-los a confrontar os seus próprios conhecimentos com a informação embutida nos conteúdos escolares (LIBÂNEO, 1994, p. 229).

Para isso, identificamos quais os principais temas associados aos conteúdos apresentados nos cadernos do estudante de Sociologia e Filosofia para o Ensino Médio com a problemática do uso consciente das redes sociais e de mensagens, para que o estudante compreenda a necessidade de se atentar às informações que circulam na internet, bem como o uso correto das ferramentas virtuais.

Desenvolvimento das competências socioemocionais

O objetivo primordial deste projeto será o de proporcionar ao estudante condições de identificar usos corretos das TICs, evitando o compartilhamento de *fake news*, difamações e tantas situações que possam prejudicar a si e a outros. Tal proposição é importante para que compreenda as consequências do uso inadequado de redes sociais e aplicativos de mensagens podem acarretar problemas em sua vida pessoal e profissional.

Netiqueta é um termo popular que se refere à postura a ser adotada no uso das ferramentas virtuais de trabalho, estudo e lazer. Porém, temos de ressaltar que essa postura vai além do que é compartilhado, e sim, através de um uso ético destas ferramentas. Não raro encontramos grupos em redes sociais aos quais promovem a difusão de informações falsas, as *fake news*, ganhando um terreno fértil para sua propagação pela falta de reflexão e busca de checagem do que está sendo informado. E com isso, espalha-se exponencialmente, provocando a reprodução de algo que tem um intuito nefasto e manipulativo.

Dessa forma, iremos relacionar os conteúdos a seguir elencados, com as habilidades conceituais e competências socioemocionais para que os estudantes desenvolvam uma postura e uso das TICs que irão lhes trazer benefícios.

Este projeto já era pensado, uma vez que a sociedade atual é marcada pelas ferramentas virtuais e o seu uso correto é necessário de ser difundido. Contudo, com a necessidade de teletrabalho e atendimento remoto devido à pandemia, as evidências sobre usos e procedimentos imprecisos da internet nos despertou para um novo olhar.

O ensino a distância, nesse caso específico, o atendimento remoto, é uma realidade totalmente nova para a maioria dos estudantes. Só não é para aqueles que já fazem parte desta modalidade e para isto receberam treinamento e suporte para subsidiar o domínio das ferramentas e dos procedimentos didáticos. Ensinar é um ato de aprender, e como ensinar por meios de TICs e metodologias remotas se o docente não teve acesso para aprender, seja aprender a lecionar, seja aprender por ter vivido essa experiência em algum momento da vida? E ao estudante esta é uma oportunidade de se familiarizar com estas ferramentas que irão determinar os procedimentos de trabalho e relações sociais.

Portanto, a premissa básica para o desenvolvimento do projeto parte da reflexão sobre o uso da internet e de tudo que está disponível neste ambiente virtual. Pensar principalmente na relação entre “posso” e “devo” é o norteador da compreensão de um uso ético e cidadão.

A seguir iremos identificar as temáticas presentes nos materiais “EJA – Mundo do Trabalho” que

determinam o progresso estudantil do estudante, e associar as principais habilidades desenvolvidas com o conteúdo, sejam habilidades conceituais e/ou as competências socioemocionais.

Figura 1 - Quadro sobre o desenvolvendo o senso crítico.

Senso comum	Método científico
Baseado em crenças e hábitos da vida cotidiana cultivados e praticados pelos indivíduos nas sociedades. Não usa método para sua comprovação.	Conjunto de regras e procedimentos empregados para a construção dos conhecimentos científicos. É importante compreender que a base da ciência é a construção de perguntas e suas possíveis respostas (as hipóteses). Estas passam por um processo de análise que levará à conferência de sua veracidade ou de sua falsidade.
Conhecimento científico Baseado em critérios preestabelecidos e procedimentos de análise. Requer o uso de métodos científicos fundamentados em pesquisas.	

Fonte: Programa de Educação de Jovens e Adultos (*EJA*) – *Mundo do Trabalho/CEEJA*. – Caderno do estudante, Sociologia – Volume 1, p. 20.

Em tempos de informações inverossímeis que são difundidas sem o menor filtro, desenvolver o senso crítico e compreender o método científico é ético e salutar. Assim, identificar a veracidade da informação e refletir antes de compartilhar irá proporcionar ao usuário das redes sociais e de comunicação uma compreensão real do fato e evitar transtornos. Para essa temática objetivamos atingir a seguinte habilidade presente na Base Nacional Curricular Comum (BNCC):

- (*EM13CHS103*) *Elaborar hipóteses, selecionar evidências e compor argumentos relativos a processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos, com base na sistematização de dados e informações de natureza qualitativa e quantitativa (expressões artísticas, textos filosóficos e sociológicos, documentos históricos, gráficos, mapas, tabelas etc.).*

Os estudantes necessitam compreender que além de imoral, o compartilhamento de informações falsas pode acarretar problemas para si e para outras pessoas atingidas por aquela mensagem. Entender que o seu compartilhamento não apenas difunde uma notícia falsa, mas sim atende ao objetivo de prejudicar a imagem de outrem.

Figura 2 – Socialização.

O papel da socialização

Após ter estudado, na Unidade anterior, alguns dos principais pensadores da Sociologia, e conceitos que possibilitam avançar em uma análise sociológica, agora seu foco será no entendimento daquele que é o primeiro momento de construção da relação entre o indivíduo e a sociedade, o chamado processo de **socialização**.

Socialização
Transmissão e assimilação (aprendizagem e incorporação) de um conjunto de valores e normas determinado pela sociedade na qual cada indivíduo se insere.

Fonte: Programa de Educação de Jovens e Adultos (*EJA*) – *Mundo do Trabalho/CEEJA*. – Caderno do estudante, Sociologia – Volume 1, p. 90.

Vivemos em sociedade, e com isso todas as nossas ações podem acarretar situações indesejáveis.

Refletir antes de difundir uma informação é de suma importância, não apenas para manter a sua credibilidade, como também a de não afetar o próximo. A habilidade a seguir citada nos traz a dimensão da importância de trabalharmos o currículo objetivando que o estudante compreenda as complexidades das relações sociais atuais, do uso de tecnologias e que possuam empatia e respeito.

- (EM13CHS403) *Caracterizar e analisar processos próprios da contemporaneidade, com ênfase nas transformações tecnológicas e das relações sociais e de trabalho, para propor ações que visem à superação de situações de opressão e violação dos Direitos Humanos.*

Pensar no próximo não é perder a sua individualidade. As relações sociais são determinadas não por limites, mas por ligações entre os sujeitos. E por isso temos de ser sujeitos atentos à nossa existência e em como somos ligados ao outro.

Figura 3: A atitude filosófica.



Fonte: Programa de Educação de Jovens e Adultos (EJA) – *Mundo do Trabalho/CEEJA*. – Caderno do estudante, Filosofia – Volume 1, p. 26.

Refletir sobre a informação que recebemos é uma atitude filosófica. Não basta ser questionador, mas sim identificar o quanto aquela informação pode ser estranha à interpretação do método científico. Dúvidas de informações que possuam grau apelativo, sensacionalista ou mesmo distorcidas é um ato filosófico, uma vez que além de questionar, o sujeito também procura entender em que momento aquela informação se tornou falsa e qual o objetivo de difundi-la.

- (EM13CHS502) Analisar situações da vida cotidiana (estilos de vida, valores, condutas etc.), desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade e preconceito, e propor ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às escolhas individuais.

Assim, a habilidade citada proporciona ao estudante compreender que seus procedimentos podem influenciar outros indivíduos, e com isso, trazer consequências que podem ser prejudiciais. Situações estas que se baseiam muitas vezes na reprodução do senso comum, mas que algumas outras são forjadas com

o propósito de afetar a moral de uma pessoa ou contrapor uma ideia.

Figura 4: Senso Comum

2 Observe com atenção a imagem a seguir e responda às questões.



Fonte: Programa de Educação de Jovens e Adultos (*EJA*) – *Mundo do Trabalho/CEEJA*. – Caderno do estudante, Filosofia – Volume 1, p. 47.

Esta atividade proposta para Filosofia é muito pertinente com a realidade atual marcada por pós-verdades, as quais nada mais são do que o senso comum transfigurado em informações ordenadas a fim de criar situações caóticas e de dominação em nossa sociedade.

- (EM13CHS504) Analisar e avaliar os impasses ético-políticos decorrentes das transformações científicas e tecnológicas no mundo contemporâneo e seus desdobramentos nas atitudes e nos valores de indivíduos, grupos sociais, sociedades e culturas.

Grupos políticos, ideológicos, religiosos entre outros estão se valendo dessa estratégia. O debate hoje não se dá pela contraposição de ideias, mas sim pelo ataque à imagem do que se é oposto. Muitas vezes, as pessoas reproduzem as informações sem questionar sua veracidade pela simples explicação de que aquilo que é dito lhe agrada as suas paixões.

Assim, a proposta do projeto pedagógico desenvolvido no CEEJA de Avaré é relacionar os conteúdos trabalhados nas temáticas identificadas com situações-problemas vinculadas à realidade do estudante, e assim, projetar que ele passe a compreender como que o uso consciente das TICs possa lhe trazer boas consequências.

Assim, como a própria temática a ser trabalhada se intitula, o ser humano é um ser ético e um ser político em sua plenitude cidadã. Dessa forma, deve-se desapegar de práticas e posturas que vão de encontro com o que se espera de um sujeito determinado a construir um mundo mais justo e solidário.

- (EM13CHS605) Analisar os princípios da declaração dos Direitos Humanos, recorrendo às noções de justiça, igualdade e fraternidade, para fundamentar a crítica à desigualdade entre indivíduos, grupos e sociedades e propor ações concretas diante da desigualdade e das violações desses direitos em diferentes espaços de vivência dos jovens.

Figura 5: Ser ético e político – cidadão pleno em seus direitos e deveres

DIREITOS	DEVERES
<ul style="list-style-type: none"> • Direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade. • Direito a educação, saúde, moradia, trabalho e lazer. • Liberdade de manifestação de pensamento, sendo vedado o anonimato. • Seguir a crença religiosa que desejar. • Exercer a profissão que quiser, respeitando as exigências relacionadas às qualificações profissionais. • Proteção à maternidade e à infância. • Não ser tratado de forma desumana ou degradante. Não ser submetido a atos de tortura física, psicológica ou de qualquer outra natureza. 	<ul style="list-style-type: none"> • Respeitar e cumprir as leis do País. • Respeitar os direitos de outros cidadãos, sejam eles brasileiros ou estrangeiros. • Tratar com respeito e solidariedade todos os cidadãos, principalmente os idosos, as crianças e as pessoas com deficiências. • Proteger e educar, da melhor forma possível, os filhos e outras pessoas que dependem de terceiros. • Escolher, por meio do voto, os governantes do País (presidente da República, senadores, deputados federais e estaduais, governadores, prefeitos e vereadores). • Colaborar para a preservação do patrimônio histórico-cultural do Brasil. • Ter atitudes que ajudem na preservação do meio ambiente e dos recursos naturais.

Fonte: BRASIL, Casa Civil. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Apud: Programa de Educação de Jovens e Adultos (EJA) – *Mundo do Trabalho/CEEJA*. – Caderno do estudante, Filosofia – Volume 2

Fonte: BRASIL, Casa Civil. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Apud: Programa de Educação de Jovens e Adultos (EJA) – *Mundo do Trabalho/CEEJA*. – Caderno do estudante, Filosofia – Volume 2

Dessa forma, com a utilização das temáticas e atividades já presentes nos materiais de estudos, pretendemos desenvolver o senso crítico ao estudante pautado, na ética e em sua postura cidadã frente o uso das ferramentas presentes na internet, seja para lazer, trabalho ou estudo. Certamente que, ao atingir a habilidade proposta com a relação atividade e situação-problema, quem irá notar mais claramente as mudanças serão os próprios estudantes envolvidos no projeto.

Resultados esperados

Apresentamos aqui a ideia central deste projeto, que devido a organização deste artigo, apenas podemos demonstrar o esboço de trabalho e objetivo central. O projeto está sendo trabalhado no decorrer do ano letivo por meio dos atendimentos remotos e presenciais (se possível) e com isso, ao final pretendemos analisar a construção do saber crítico perante o uso consciente das ferramentas de comunicação.

Considerações Finais

Acreditamos que este projeto possa contribuir ao desenvolvimento das habilidades sócio emocionais, aos quais irão refletir na vida de cada estudante participante, apresentando uma postura contundente em seu círculo familiar e ambiente profissional.

A necessidade de compreensão das informações recebidas, bem como de sua postura ao compartilhar tais mensagens podem lhes trazer diversos ônus, inclusive acarretando em sua posição profissional. Em um momento de crise, pretendemos por meio deste projeto oferecer ao estudante condições de compreender a importância de sua postura ética e cidadã.

Referências Bibliográficas

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Base Nacional Curricular Comum: Educação é a base.** Brasília, DF: MEC/SEF, 2018. Disponível em <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>>.

BRASIL, Casa Civil. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** Brasília, DF: Gabinete do Presidente da República, 2021. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais:** introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília, DF: MEC/SEF, 1997.

DIAS, Isabel Simões. Competências em educação: conceitos e significado pedagógico. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, Volume 14, Número 1, Janeiro/Junho de 2010, p. 73-78, São Paulo, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** Saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

LIBÂNEO. José Carlos. *Didática*. São Paulo: Cortez Editora, 17ª reimpressão, 1994, pp. 221-243.

PETEROSSI. Helena Gemignani: **Subsídios ao estudo da Educação Profissional e Tecnológica.** São Paulo: Centro Paula Souza, 2016.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia.** Campinas: Autores Associados, 1992.

SÃO PAULO. Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. Programa de Educação de Jovens e Adultos (*EJA*) – **Mundo do Trabalho/CEEJA:** Mundo do Trabalho, modalidade semipresencial. São Paulo: SEDUC, 2015.

SOUZA JÚNIOR, Luiz Carlos Viera de; LIMA, Geraldo Gonçalves. **O Trabalho e a Formação Profissional Aliada a Educação: Uma reflexão sobre as transformações históricas.** Inova Ciência & Tecnologia. Uberaba, p, 34-42. Ano 2, n. 2. Maio/Agosto. 2016.

O ENSINO DA FÍSICA COM AUXÍLIO DAS TECNOLOGIAS

Alana Moret¹⁶

Natali Morales Ribeiro da Silva Mazzer¹⁷

Resumo

Buscando novas estratégias de ensino e utilizando a tecnologia como uma nova forma de ensinar, utilizamos ferramentas digitais como o *Quizlet* que é uma plataforma, que tem como objetivo aprender Física de uma forma mais interativa. Para tanto, pontuou a importância de a escola basear-se na aprendizagem do estudante colocando-o como centro do processo e o professor ser visto como mediador da aprendizagem, uma vez que essa mudança de visão é primordial para se conseguir a inserção das novas tecnologias no âmbito escolar. A estratégia buscou salientar as inúmeras possibilidades e a importância de trazer as novas tecnologias para a rotina da escola, sendo finalizado com exemplos e possibilidades de novas tecnologias a serviço do ensino de física propriamente dito.

Palavras-chave: Educação, Práticas Pedagógicas, Tecnologia, Ensino e Física.

Introdução

O estudo da física coloca o educando frente a situações reais, dando explicações concretas dos fenômenos físicos, ajudando na compreensão e incentivando o gosto pela ciência. Para que isso aconteça é fundamental que o professor conduza as ações do estudante, confrontando os conhecimentos prévios e os novos conhecimentos científicos, como sugere Vasconcellos (1993), “deve-se possibilitar o confronto de conhecimento entre o sujeito e o objeto, onde o educando possa penetrar no objeto, comprehendê-lo em suas relações internas e externas, captar-lhe a essência” (VASCONCELLOS, 1993, p.42).

Em meio ao cenário atual, em que as relações presenciais tiveram que ser contidas, o desenvolvimento do trabalho do CEEJA não pode parar. E para que isso fosse possível, e acima de tudo respeitasse as condições necessárias para o processo de ensino-aprendizagem significativo, adaptamo-nos aos percursos formativos.

Como bem afirma Ribeiro (1999):

Os professores de jovens e adultos devem estar aptos a repensar a organização disciplinar, no sentido de abrir possibilidades para que os educandos realizem percursos formativos mais diversificados mais apropriados às suas condições de vida (RIBEIRO, 1999, p. 105).

Com criatividade e visando o progresso possível dos estudantes, foi introduzida a tecnologia para o ensino da Física, de forma que fosse dinâmica e que houvesse maior interação entre docentes e estudantes.

Metodologia

As atividades foram realizadas através do *GoogleMeet*, contando com a participação da equipe

¹⁶ graduada em Matemática e Física pela UNIP e Pedagogia pela Faculdade Cruzeiro do Sul.

¹⁷ graduada em Física e Matemática pela UNISO e Pedagogia pela Faculdade INTERVALE.

gestora, dos pares docentes e dos estudantes, tendo duração de três horas-aulas, divididas semanalmente, sendo realizados os encontros às segundas-feiras no período noturno.

As transformações que a sociedade vem vivendo impõem grandes desafios a todas as pessoas. Somos coagidos a acompanhar as novas tendências tecnológicas, pois a vida moderna exige isso e quem não se adequar a essas transformações será descartado do mercado de trabalho ou encontrará dificuldades em conseguir um emprego. Uma vez a Tecnologia sendo levada em conta no processo de aprendizagem como meio e instrumento para colaborar no desenvolvimento do processo de aprendizagem, o professor tem oportunidade de realizar seu verdadeiro papel: o de mediador entre o estudante e a aprendizagem, o facilitador, o incentivador e motivador dessa aprendizagem. Ele pode dinamizar a aprendizagem do estudante, trabalhar em equipe junto com o estudante, buscando os mesmos objetivos, ou seja, desenvolvendo a mediação pedagógica. E também está prevista na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) essa competência, em seu artigo 5:

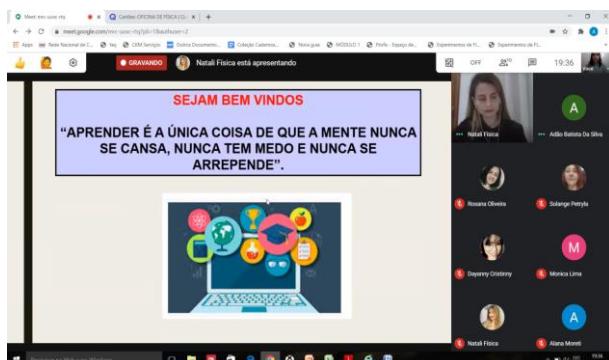
Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolas) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva (BRASIL, 2016).

Para introduzir a tecnologia no ensino da física tivemos que romper alguns desafios, como, a falta de acesso às ferramentas tecnológicas que ocasionam a baixa familiaridade e a dificuldade em lidar com elas.

O principal desafio em trabalhar as tecnologias da informação e da comunicação digital com jovens e adultos é superar resistências, pois, a minha experiência em campo tem demonstrado que os jovens mais novos se sentem familiarizados e tem domínio sobre a máquina, os adultos, utilizando as mais diversas desculpas, fazem de tudo para não usá-la (VIRIATO, 2015, p.5).

As divulgações das atividades foram feitas através do *WhatsApp* e das redes sociais da escola, disponibilizando um *link* para as inscrições. Com os candidatos a participar da oficina, criamos um grupo no *WhatsApp* em que as instruções foram passadas de como funcionaria e o passo a passo de como entrar no aplicativo *GoogleMeet*.

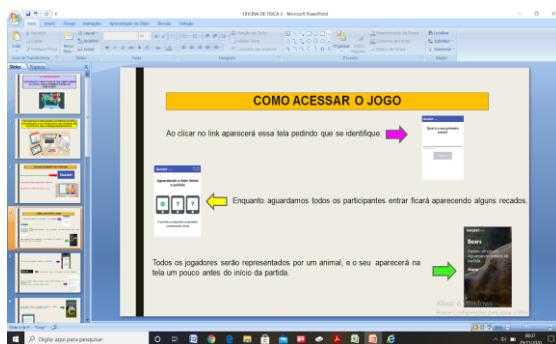
Figura 1 – Exemplo de atividade desenvolvida no *GoogleMeet*.



Fonte: Autor,2020.

Trabalhando os conteúdos da própria apostila em formato de *Quiz*, utilizando o aplicativo *Quizlet*. Antes de se iniciar a dinâmica, tivemos a abertura de boas-vindas e foi esclarecido o objetivo da oficina de estudo. O desenvolvimento das atividades como as orientações de como funciona o aplicativo *Quizlet* também foram apresentadas para a melhor compreensão de todos os participantes.

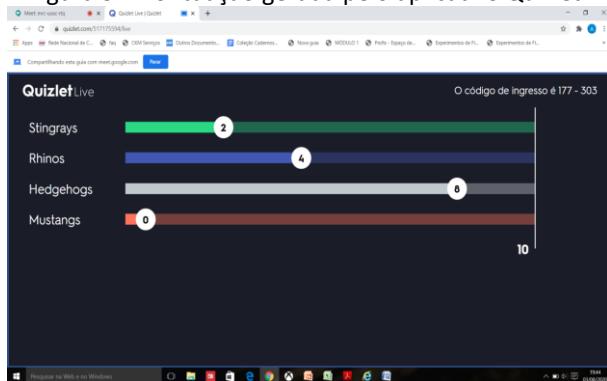
Figura 2 – Orientações sobre como acessar o *Quizlet*.



Fonte: Autor, 2020.

Disponibilizando o *link* no *chat* para entrar no *Quizlet*, o jogo começa assim que todos conseguem entrar. O desenvolvimento dos participantes é acompanhado por todos através da barra de progresso, assim, sendo motivados. Caso erre a resposta, a pessoa volta para o início, o que dá a chance de todos serem vencedores e também de refletirem na sua resposta, além de ficarem atentos aos conteúdos estudados.

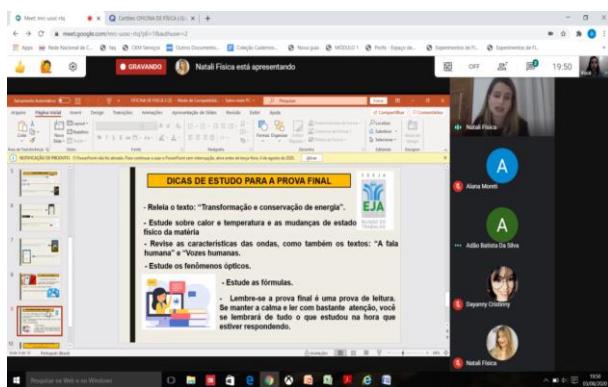
Figura 3 – Pontuação gerada pelo aplicativo *Quizlet*.



Fonte: Autor, 2020.

Ao responder todas as questões corretamente tínhamos um vencedor e todos participantes tiveram um *feedback* do seu percurso no decorrer do Quis, vendo as respostas equivocadas e qual seria a correta, ajudando o estudante a ampliar o seu conhecimento sobre o que está sendo abordado com os seus erros e acertos. Para finalizar nossos encontros, conversamos sobre dicas de estudos *online* e do material **EJA Mundo do Trabalho**.

Figura 4 – Dicas de estudo para a prova final.



Fonte: Autor,2020.

Resultados

Com as atividades desenvolvidas *online*, desmistificamos o uso das tecnologias e despertou a percepção de que a tecnologia é necessária. Paulo Freire (1996, p. 20) afirma: “É tão urgente quanto necessária a compreensão correta da tecnologia, a que recusa entendê-la como obra diabólica ameaçando sempre os seres humanos ou a que perfila como constante a serviço de seu bem-estar.”

Após os conteúdos serem trabalhados com o uso da tecnologia, tivemos estudantes mais motivados e com um melhor desempenho no seu processo educacional tendo o seu pleno desenvolvimento.

Considerações Finais

O presente trabalho mostrou, por meio de pesquisa bibliográfica, a importância da utilização de novas tecnologias no ensino de física, pautando a importância de a escola basear-se na aprendizagem do estudante, colocando-o como centro do processo e o professor ser visto como mediador da aprendizagem, uma vez que essa mudança de visão é primordial para se conseguir a inserção das novas tecnologias no âmbito escolar.

Nesse sentido, buscou salientar as inúmeras possibilidades e a importância de trazer as novas tecnologias para a rotina da escola, sendo que a seguir o trabalho focou em exemplos e possibilidades de novas tecnologias a serviço do ensino de física propriamente dito.

Portanto, percebe-se que muito há que caminhar dentro da educação brasileira quando se pensa num modelo de educação pautada na aprendizagem e com novas e modernas tecnologias à frente do processo ensino aprendizagem. Há questões sociais, políticas, econômicas e de formação dos profissionais.

Os estudos e pesquisas vêm acontecendo em torno da temática estudada e as escolas precisam se preparar para essa mudança. Sem dúvida a transformação e adequação da estrutura da escola são necessárias, visando possibilitar a implantação de laboratórios e outras modificações necessárias para

colocar a escola em sintonia com a nova realidade tecnológica.

No entanto, o presente trabalho demonstrou que outras conquistas também são necessárias. A formação dos professores é essencial para uma mudança na rotina didática da aprendizagem. De nada adiantará equipamentos modernos, laboratórios que permitam inúmeras pesquisas e experiências se o professor não estiver preparado para a utilização de todas essas ferramentas.

Por outro lado, o avanço nas teorias que estudam o desenvolvimento cognitivo, deixa claro o quanto é urgente essa mudança de postura e a valorização das novas e modernas tecnologias.

Portanto, no campo da abstração (onde se pauta o ensino na área da física), não se pode admitir ou ver como aceitável o estudante com papel e lápis e o professor explicando exercícios por meio de lousa e giz. Há que se introduzir da maneira mais adequada possível, outras possibilidades de aprendizagem. E o presente trabalho demonstrou que as novas tecnologias são realmente um caminho a ser considerado e percorrido.

Referências Bibliográficas

BRASIL. Ministério da Educação. **Base nacional comum curricular**. Brasília, DF: MEC, 2015. Disponível em:<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/documento/BNCC-APRESENTACAO>

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo. Editora Paz e Terra. Coleção Saberes, 1996.

RIBEIRO, V. M. **A formação de educadores e a constituição da educação de jovens e adultos como campo pedagógico**. Educação & Sociedade, ano XX, nº 68. Dezembro/99.

VASCONCELLOS, C. dos S. **Construção do Conhecimento em sala de aula**. Cadernos Pedagógicos do Libertad. São Paulo, 1993.

VIRIATO, E. **A tecnologia digital e a educação de jovens e adultos**. Disponível em: <http://proec.ufabc.edu.br/ejaecosol/a-tecnologia-digital-e-a-educacao-de-jovens-e-adultos/>. Acesso em 17/11/2020.

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: UMA RELAÇÃO ENTRE O ENSINO REGULAR E A CONTRIBUIÇÃO DO ENSINO DE JOVENS E ADULTOS EM MEIO A UMA PANDEMIA

Felipe Oliveira Florêncio da Hora¹⁸

Resumo

A troca de experiências na educação é um fator que auxilia todo o processo de construção do indivíduo. A questão étnico-racial é uma discussão que precisa compor as diferentes disciplinas e habilidades dentro das diversas modalidades de ensino, pois, é uma discussão que se arrasta por muitos anos no cenário educacional brasileiro. A Educação de Jovens e Adultos é um avanço nas políticas educacionais brasileira, já que garante a todos os cidadãos o direito universal à educação. Os estudantes que compõe a EJA trazem consigo bagagens e experiências que ultrapassam os muros da escola e os limites da Ciência, sendo um desafio no desenvolvimento da relação ensino-aprendizagem e um ganho quando essa diversidade é utilizada de forma a aproximar a EJA do ensino regular, pois proporcionará para ambas as modalidades uma troca de experiências e vivências. Na E.E. Professora Alice Maciel Sanches, essa experiência entre o ensino regular e o ensino de jovens e adultos garantiu ganhos nas atividades que envolveram o ERER (Educação das Relações Étnico-raciais) em momentos que envolveu encontros virtuais para debates e rodas de conversa sobre o tema, além da construção do projeto Flink Sampa/2020, sendo a nossa Escola destaque na modalidade EJA do festival, evidenciando que a troca de experiências entre os estudantes por meio dos encontros organizados pela equipe do ERER são práticas que precisam ser mais introduzidas na rotina escolar.

Palavras-chave: Educação; Experiência; Étnico-racial; Modalidades; Ensino.

Introdução

Os estudantes da EJA (Educação de Jovens e Adultos) apresentam, em sua maioria, grande déficit de aprendizado, por isso a necessidade de um trabalho diferenciado onde, o professor precisa ter mais paciência e um outro olhar para esse estudante. Os estudantes da EJA não têm dedicação exclusiva para o processo de aprendizagem, pois muitos trabalham durante o dia e se esforçam para estudar no período noturno, o que exige uma boa aula e um ensino de qualidade que favoreça a aprendizagem desse estudante e que esse processo esteja inserido no cotidiano. É a EJA que oferece novas perspectivas para esses jovens e adultos, abrindo novas janelas de oportunidades. A grande maioria que conclui seus estudos na EJA prossegue nos estudos fazendo um curso técnico ou até mesmo ingressando em uma faculdade.

O livro “A Pedagogia do Oprimido”, de Paulo Freire, é o grande norteador para o desenvolvimento da EJA, sendo ele o grande motivador e responsável por técnicas de alfabetização de jovens e adultos, um processo que favorece a erradicação do analfabetismo no Estado, o que gera um superávit no IDH do Estado e consequentemente do país, o que justifica que exista boas práticas que favoreçam o engajamento desses estudantes.

O corpo docente, gestor e funcionários da Escola Estadual Professora Alice Maciel Sanches acredita

¹⁸ Professor da área de ciências humanas formado em Geografia pela FCT-UNESP campus de Presidente Prudente - SP, interlocutor do ERER (Educação para as relações étnicos-raciais) na unidade escolar, membro do grupo de pesquisa NUPER (Núcleo de Pesquisa e Estudos Regionais) da FCT-UNESP.

no papel transformador desta modalidade de ensino na vida dos estudantes, sendo a EJA uma possibilidade de retorno e recuperação de seu direito à educação, tendo pela comunidade escolar estratégia de acolhida, permanência e continuidade na relação ensino e aprendizagem e sendo, dentro da unidade escolar, uma política perene, o que favorece um ambiente propício para desenvolver boas práticas educacionais.

A escola precisa ser um espaço de socialização, de troca de experiências e de construção, sendo extremamente necessário que esse espaço exista para que não haja exclusão do ser. Segundo Paulo Freire, “essa relação dialógica é necessária na educação”, o que justifica o fato da necessidade de que essa modalidade de ensino precise ser presencial, pois é nesse espaço que o estudante enquanto ser social irá se reconstruir e recuperar esse processo que foi interrompido na sua vida.

Neste ano pandêmico a educação de jovens e adultos sentiu na sua organização essa individualidade sistêmica que envolve a EJA, sendo observado como a relação estudante – professor se apresenta como algo fundamental para que exista essa modalidade de ensino, sendo necessário uma leitura aprofundada de toda a engrenagem que movimenta esse sistema educacional. Julgo como fundamental algumas leituras para se compreender essa relação e a partir dessa relação compreender as práticas que foram desenvolvidas durante o ano na EJA.

O primeiro é o pressuposto do direito à educação e por isso a necessidade de se criar uma gama de possibilidades que atenda a realidade desses jovens e adultos. Nessa leitura, destaca-se a necessidade de chamamento público para que esse público retorne para o lugar que é dele por direito e que nesse lugar o então estudante possa permanecer, desenvolver-se e concluir seus estudos.

A segunda leitura é o olhar de singularidade que o docente precisa ter para esse estudante que volta para a sala de aula com suas características e especificidades, o que altera a relação do professor protagonista. Sendo o estudante protagonista de sua própria leitura do mundo, produtor de cultura e conteúdos e pertencente a diferentes grupos sociais que influenciam diretamente a sua forma de ler a realidade presente, cabe ao professor ser um mediador nesse processo.

Por fim, a terceira leitura é a necessidade de a escola ser outra, ou seja, ser flexível para que atenda as realidades e demandas desse estudante que, além de estudante, possui responsabilidades como chefe de família que necessita trabalhar durante o dia e ter disposição para estudar durante a noite. Portanto, é necessário que não só o estudante seja adaptado a escola, mas que a escola seja adaptada à realidade do estudante, tornando-se um espaço agradável para que esse estudante se sinta à vontade dentro do espaço escolar.

Paulo Freire diz que “o processo de educação de jovens e adultos tem uma palavra geradora que constrói todo o processo de alfabetização e conscientização”. Esse olhar de Paulo Freire nos ajuda a compreender como a EJA é um momento de emancipação, sendo uma abertura do nosso estudante para o mundo, tendo consciência que esse processo não termina, e que, no entanto, é um processo contínuo.

É a partir dessas considerações que, em conjunto com toda a comunidade escolar, foi construído

estratégias que incluísse o estudante da EJA nos processos e projetos que envolveu a escola nesse ano de pandemia, levando em consideração todas as particularidades que envolvem esses estudantes e a realidade do ensino remoto, para que, primeiramente, não se perdesse a qualidade de ensino e principalmente não se tirasse do estudante a característica de protagonista e construtor do seu processo de retomada dos estudos. Diversos projetos buscaram o engajamento dos estudantes durante o ano, mas, foi a ERER (Educação das Relações Étnico-Raciais) que desenvolveu o compromisso e as relações com o ensino regular da escola, o que garantiu a esses estudantes a oportunidade de integração com os estudantes do ensino médio e fundamental e com os demais professores da unidade escolar, em um projeto que foi focado na realidade desses estudantes e na leitura de mundo que esses estudantes possuem.

O presente artigo tem o objetivo de apresentar as práticas desenvolvidas da ERER junto à EJA e os resultados alcançados para além dela.

Na primeira seção será apresentado o desenvolvimento das atividades que envolveu o projeto ERER na unidade escolar no ano de 2020; na segunda seção será apresentado a metodologia utilizada; em seguida serão apresentados os resultados do projeto; e por fim as considerações finais.

A Escola Estadual Professora Alice Maciel Sanches está localizada no município de Santo Anastácio, faz parte da Diretoria de Ensino da Região de Santo Anastácio, possui 510 estudantes e atende as seguintes modalidades de ensino: Ensino Fundamental Anos Finais, Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos. A escola conquistou o primeiro lugar no Festival *Flink Sampa/2020*, que homenageou o Geógrafo Milton Santos. O trabalho que conquistou o primeiro lugar foi do Estudante José Edson, do 1º TM da EJA; além deste trabalho, outros dois foram enviados para o concurso, onde um trabalho representou o Ensino Fundamental e o segundo o Ensino Médio. Todos os trabalhos foram classificados para a etapa final do concurso, no entanto, apenas o trabalho do estudante José Edson foi premiado, sendo motivo de muita alegria para toda comunidade escolar.

O projeto ERER na unidade escolar contou com a participação de todos os professores e com apoio da gestão, sendo o Professor Felipe o mediador e o interlocutor das ações.

Educação das relações étnico-raciais: uma relação para o nosso cotidiano

O diálogo sobre as relações étnico-raciais na educação de jovens e adultos e das demais modalidades de ensino, fundamenta-se no papel da escola como instituição que oferece uma construção intelectual que propicie ao estudante ter um pensamento crítico a respeito do tema e no processo de desconstrução do indivíduo enquanto cidadão de práticas preconceituosas que estão enraizadas e sutilmente disfarçadas na sociedade brasileira.

Mais da metade dos estudantes atendido pela EJA na nossa unidade escolar é negra, alguns são migrantes nordestinos que vieram como força de trabalho para as usinas sucroalcooleiras da região, sendo

estes fatos relevantes que impulsionaram e aproximaram os nossos estudantes de temas que envolvem a discussão étnico-racial. Essa marca, presente dentro do território escolar, é o reflexo da desigualdade social existente no país e é importante destacar que essa desigualdade não favorece ou facilita o acesso à educação, pelo contrário, é uma marca que cria ainda mais abismos, tornando assim de forma urgente o ambiente de ensino agregado as diversas disciplinas que compõe o quadro curricular, com lugar de reflexão, formação e experiências que favoreçam a superação dessa ruptura existente.

A ERER tem como foco realizar as práticas que envolve a lei 10639/03, cuja proposta se baseia na possibilidade de intervenção da consciência da comunidade escolar através do Professor Interlocutor com parceria nas diversas categorias dentro da escola: corpo docente, funcionário, gestão e estudantes com práticas pedagógicas que respeitem as diferenças humanas.

O Projeto ERER na Escola Estadual Professora Alice Maciel Sanches envolveu todas as modalidades de ensino em conjunto com a equipe gestora e professores parceiros de diversas disciplinas. Primeiro na discussão da construção social do racismo na sociedade brasileira, buscando compreender o porquê a participação do negro na sociedade é tão pouco considerada no nosso país e como esse apagamento favorece o que se chama de racismo estrutural. A partir de debates e roteiros de estudos foi se trilhando caminhos do ontem e do hoje que demonstram essas “brechas históricas”, que favorecem o racismo de forma institucional e estrutural, o que é materializado na necessidade de se estruturar a lei 10639/03 para que se tenha um caminho de superação desse racismo “à brasileira”.

Em segundo momento foi desenvolvido, juntamente com o Festival Flink Sampa/2020, atividades que proporcionassem ao nosso estudante conhecer personalidades negras de grande influência, tendo como referência o Professor e Geógrafo Milton Santos, convertendo esse projeto num momento de oportunidade de se conhecer autores e autoras negros da literatura brasileira e da comunidade científica, um momento de descoberta e identificação, dando a oportunidade aos estudantes negros e negras de se identificarem com personalidades que possuem a sua cor e o seu fenótipo. Ou seja, um momento de rompimento sistêmico de uma sociedade que vincula o negro à marginalidade social. Foi nesta atividade que muitos estudantes da EJA se identificaram com o Professor Milton Santos, homem negro e migrante nordestino que supera o racismo estrutural e cordial, tornando-se referência para o mundo como escritor e pesquisador.

As referências norteiam nossa vida, possuímos referências na música, na mídia, na família, na religião... Realizar essa proposta de atividade que traz personalidades e referências negras é um momento de rompimento e de identificação onde os nossos estudantes conseguiram se enxergar e visualizar novas perspectivas, o que ficou bem evidente nas atividades subsequentes em que foi apresentado os seguintes autores: Maria Carolina de Jesus, Machado de Assis, Maria Firmino Reis, Stela Patrocínio, Lima Barreto etc.

No desenvolvimento desse projeto, nos encontros via *GoogleMeet*, sempre foi discutido sobre a teoria do embranquecimento da população e as suas consequências. Discutiu-se o caso de Machado de

Assis e outras personalidades que foram “branqueadas” para que assim suas obras e trabalho fossem aceitos pela sociedade e essa discussão reverberou no mito da democracia racial e o quanto esse mito afeta a superação do racismo estrutural e institucionalizado no país.

O projeto Festival *Flink Sampa/2020* se desenvolveu em três partes. A primeira foi em reunião de ATPC (Aula de Trabalho Pedagógico Coletivo) com todos os docentes da unidade escolar, onde foi apresentado o edital do festival e uma breve justificativa sobre a importância de o trabalho ser desenvolvido na escola com os nossos estudantes de diversas modalidades de ensino. Foi nessa reunião que, em conjunto, a escola debateu aspectos relevantes do concurso e da importância dos nossos estudantes conhecerem a vida e obra do Professor Milton Santos. Como propostas, criou-se grupos de trabalhos formados por diversos professores, com cada grupo apresentando uma proposta de trabalho para que juntos desenvolvessem o projeto.

A segunda parte do projeto foi a aula expositiva dada pelo interlocutor da ERER aos estudantes sobre a vida e obra do Milton Santos, um momento de troca de experiência e surpresa, já que muito dos nossos estudantes nunca teve um contato direto com esse geógrafo. Esse trabalho foi dividido em duas etapas: juntamos o Ensino Fundamental e Médio em um único grupo e a EJA em outro, pois a forma de diálogo precisava ser de forma diferente. Apesar dessa divisão, em diversos momentos posteriores os dois grupos se encontraram e a troca de experiência foi riquíssima, foi possível sentir o quanto essa relação é necessária para ambos os grupos.

Por fim, a terceira etapa foi a execução dos vídeos, onde a criação dos roteiros partiu dos próprios estudantes com orientação direta dos Professores Colaboradores. Nesta etapa percebeu-se uma maior interação entre professores e estudantes que, mesmo de forma remota, marcaram diversas reuniões, o que garantiu o sucesso e o resultado final, pois houve um empenho de toda a equipe de docentes das diferentes áreas, sempre orientados pelo professor interlocutor, para que houvesse um trabalho interdisciplinar em torno das questões étnico-raciais sendo pautado na vida e obra do Professor Milton Santos.

Mantendo a linha das discussões étnico-raciais, foi realizado uma roda de conversa sobre a cultura indígena e a presença dos indígenas na concepção histórica do oeste paulista. A roda de conversa foi norteada pela pesquisadora Beatriz Mercês, estudante do quarto ano do curso de geografia, integrante do Laboratório de Arqueologia Guarani da FCT – UNESP campus de Presidente Prudente – SP. Foi uma atividade de reflexão, onde se uniu os estudantes da EJA e do ensino regular, para juntos conhecerem a história e a cultura das populações indígenas que existiam aqui no Oeste Paulista antes da chegada dos bandeirantes. Essa foi mais uma oportunidade exitosa em que pudemos constatar que a troca entre a EJA e o ensino regular traz benefícios para os estudantes de ambas as modalidades de ensino. Com a atividade complementar da roda de conversa virtual, os estudantes desenvolveram o roteiro de estudo quinzenal a partir deste tema, sendo uma oportunidade de expressão de cada um por meio da escrita.

Metodologia utilizada

Estamos em meio a uma pandemia, o que impossibilita que as atividades escolares possam ser de forma presencial. Porém, para manter a qualidade do ensino e das discussões que envolvem esses temas, adotamos o modelo de encontros virtuais. Assim, o recurso utilizado para as reuniões foi a plataforma *GoogleMeet*, com aulas e rodas de conversas virtuais e roteiros de estudos individuais ou interdisciplinares.

Para o desenvolvimento das atividades da ERER realizamos as seguintes atividades em esquema remoto: duas reuniões entre os docentes para conscientização e formação a respeito do tema, além da apresentação do regulamento do festival *Flink Sampa/2020*; uma reunião com os estudantes sobre o festival; dois momentos distintos de aula expositiva sobre a vida e obra do Professor Milton Santos; duas aulas sobre questões raciais e sobre a estrutura racista da sociedade brasileira - nesta atividade unimos todas as modalidades de ensino e foi uma atividade que aconteceu de forma interdisciplinar, que culminou em atividades nos roteiros de estudos que os estudantes desenvolvem semanalmente; e por fim, uma roda de conversa com toda a escola sobre a cultura indígena e os indígenas do Oeste Paulista.

Os roteiros de estudos foram instrumentos teóricos e práticos nesse processo de formação e tinha o papel de apoio a partir de imagens, textos e informações adicionais em tabelas e gráficos, além do papel prático em que os estudantes podiam desempenhar a sua criticidade por meio da escrita.

Toda essa metodologia decorreu de um processo de amadurecimento e reflexão da equipe escolar. Após diversas tentativas de engajamento, percebeu-se que tal estratégia atendia a demanda e os anseios dos nossos estudantes neste momento de pandemia, pois em diversas atividades tivemos a participação de estudantes e professores de outras escolas, o que demonstrava a qualidade e a eficiência do trabalho.

Resultados

Tivemos o primeiro lugar em nível estadual do Festival *Flink Sampa/2020* com um estudante da EJA, que teve suas potencialidades desenvolvidas com auxílio de Professores nesse período remoto, isto é, um fato que justifica a necessidade de manter essa relação estudante e professor e reforça o ideal do professor mediador e o estudante protagonista. O resultado deste concurso é o resultado de uma equipe escolar que envolve professores, funcionários e gestão empenhados com o processo de formação dos nossos estudantes.

Percebemos o quanto importante é garantir que os estudantes de outras modalidades de ensino tenham acesso aos estudantes da EJA, já que em todas as rodas de conversa a oralidade da história individual destes estudantes eram tidas como experiências de vida, sendo possível utilizar essas vivências na disciplina de Projeto de Vida, tornando essas histórias instrumentos de motivação para que esses estudantes criassem expectativas na educação.

A valorização do estudante da EJA foi o aspecto que mais chamou a atenção, já que a valorização do indivíduo em todo esse processo de discussão das relações étnico-raciais fez com que esses estudantes passassem por um processo de autoconhecimento e autoidentificação dos seus fenótipos de sua

história, fator essencial para que esse estudante se identificasse como protagonista do seu processo de aprendizagem.

Por fim, o engajamento das famílias em toda essa forma de se fazer escola - a partir das discussões étnico-raciais – incentivou muitos pais dos nossos estudantes do ensino regular a buscarem a escola, já no segundo semestre, para se matricular na EJA.

Considerações Finais

As atividades, discussões e formação de consciência que envolvam as questões étnico-raciais requerem uma rápida intencionalidade pedagógica que atenda todas as camadas da unidade escolar e seja um programa não restrito a projetos ou festivais, cabendo trazer tal discussão para todas as disciplinas em um trabalho interdisciplinar, para que esta consciência não se limite ao 20 de novembro ou as disciplinas de ciências humanas. É por isso que, durante todo o processo que envolveu as atividades da ERER, sempre foi discutido pelo grupo de docentes a necessidade de atividades em que as relações étnico-raciais aparecessem nos roteiros de estudos de todas as disciplinas e assim começasse a mudar alguns “rituais” ou cultura da escola tradicionalmente europeia.

Buscamos, durante todas as atividades que envolviam o projeto ERER, criar práticas de tomada de consciência e libertárias, se atentando ao movimento global que durante todo o ano de 2020 parou para discutir e refletir sobre sistemas e estruturas racistas.

O trabalho realizado neste ano precisa ser olhado como algo que está sendo iniciado e deve ter sua continuidade incentivada pela gestão e pelas políticas que envolvem a escola pública, para que essa a tomada de consciência e formação seja um processo contínuo e que envolva não somente os estudantes do ensino regular, mas, que tragam o estudante da EJA para esse protagonismo onde, suas vivências, experiências e a cultura que esse estudante produziu no decorrer da vida sejam instrumentos que auxiliem as práticas construtivas do professor mediador.

Referências Bibliográficas

- AVELAR, R.F., (1981). **A aquisição do código escrito: o desempenho dos estudantes do Programa de Alfabetização Funcional do Mabral.** Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PUC-RS, 245 p.
- BANDEIRA, M.S.D., (200). **Áreas de resistência ao programa de alfabetização funcional.** Mabral/Sepes, 179 p.
- BARRETO, E. S., (1986). **Ensino Supletivo em São Paulo: entre ricas experiências e pobres resultados.** São Paulo: FCC, 148 p. BEISIEGEL, Celso de Rui, (1974). Estado e educação popular. São Paulo: Pioneira
- NUNES, R. S. (2015). Conferência de Encerramento do V Simpósio Internacional de Estudos Linguísticos e Literários da Universidade Federal do Triângulo Mineiro - “**À Conversa sobre Arte, Cultura, Educação**”. Uberaba, 34.
- TORRES, R. M. (2001). **“Os Múltiplos Paulo Freire”.** In: Ana M. Freire, A. M. (Org.), Pedagogia da Libertaçāo em Paulo Freire. (pp.231-242). São Paulo: Unesp.

Capítulo 3

**Práticas Pedagógicas de
Inclusão Educacional**

CINCO

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E METODOLOGIAS DE ENSINO DAS MODALIDADES DE ENSINO E ATENDIMENTO ESPECIALIZADO - EDUCAÇÃO ESCOLAR FUNDAÇÃO CASA

Giany Amary de Alencastro Pereira¹⁹

Tiago Zambroni Furuzava²⁰

Júnia Flavia Batista Azevedo²¹

Resumo

A experiência de ensino relatada a seguir é uma análise das vivências de docentes e coordenadora na Fundação Casa Ribeirão Preto – Unidade Casa Ribeirão, do Projeto Gentileza gera Gentileza. Este projeto tem como finalidade a necessidade e urgência em trabalhar o tema com as crianças e adolescentes, para que saibam desde cedo que a prática de boas ações é essencial na vida de cada um. Saber que é primordial dialogar, ouvir e ser ouvido. Para que cada estudante, de forma individualizada, saiba que ele é parte fundamental de todo o processo. Saber que é preciso ação coletiva na sociedade. O relato é sobre o impacto da experiência de inserção da metodologia ativa no espaço escolar com estudantes em medida socioeducativa, por meio do projeto desenvolvido. Com os resultados obtidos, é possível verificar a experiência em relação ao ambiente escolar, permitindo que ocorra a análise de teorias sobre a didática, além da socialização das práticas pedagógicas.

Palavras-chave: Relato de Experiência; Docência; Música; Medida Socioeducativa; Projeto; Gentileza.

Introdução

No decorrer do mês de outubro de 2020 foi desenvolvido o projeto “Gentileza gera Gentileza” na Fundação Casa Ribeirão Preto –Unidade Casa Ribeirão, vinculada da E.E. Prof. Vicente Teodoro de Souza. A Fundação Casa está localizada no município de Ribeirão Preto – SP e é considerada pericentral por não estar situada na região central do município.

O projeto desenvolvido estava relacionado ao conteúdo de cultura maker e cidadania nas aulas de tecnologia, na qual será relatado as experiências vividas por todos os envolvidos, abrangendo professores, coordenação pedagógica, agentes pedagógicos e estudantes. De acordo com Pinski & Pinsky (2012), o(a) professor(a) deve estar preparado(a) para conseguir ministrar boas aulas, caso contrário, poderá enfrentar a desmotivação e não conseguir promover o senso crítico entre seus estudantes.

¹⁹ Licenciatura em Sociologia e História e pós-graduada em Gestão pública; professora na rede estadual de Ensino do estado de São Paulo; Conselheira do Conselho Municipal dos Direitos da mulher – Ribeirão Preto; membra da comissão de ética em projetos de Saúde do Centro Universitário Estácio de Ribeirão Preto; voluntária na Ong Programa Mãos Estendidas que atua no combate de violência contra a Mulher. email- gyribeirao@gmail.com.

²⁰ Licenciatura em Educação Física no ano de 2015 pelo Centro Universitário Claretiano (Batatais/SP); Desenvolve projetos na área da cultura desde o ano de 2001; Atua como professor da rede estadual de ensino desde o início de 2019.

²¹ Licenciatura em Química no ano de 2010 pela Faculdade Verde Norte (Mato Verde/MG); Professora na Rede Estadual do Estado de São Paulo desde o ano de 2013; Coordenadora Pedagógica na E.E. Prof. Vicente Teodoro de Souza desde o início de 2020. email - flaviajunia22@gmail.com.

Noutras palavras, cada professor precisa, necessariamente, ter um conhecimento sólido do patrimônio cultural da humanidade. Por outro lado, isso não terá nenhum valor operacional se ele não conhecer o universo sociocultural específico do seu educando, sua maneira de falar, seus valores, suas aspirações. A partir desses dois universos culturais é que o professor realiza o seu trabalho, em linguagem acessível não é sinônimo de banalização. (p. 23).

Partindo deste pressuposto foi elaborada uma proposta de atividade a ser aplicada em sala de aula que dialogue com as identidades de origem dos estudantes, para que seja despertada a colaboração, participação e aprendizagem do conteúdo para que eles se sintam sujeitos ativos e protagonistas.

A primeira atividade desenvolvida dentro desta proposta foi por meio das atividades interdisciplinares, intitulado "Projeto Coronavírus", no mês de junho/2020, em todas as disciplinas, sobre a pandemia de COVID-19, e na disciplina de História foi solicitado para fazerem uma letra de música com o tema "coronavírus". Os estudantes optaram pelo gênero Funk e Rap.

O envolvimento dos estudantes nesta atividade, juntamente com os agentes pedagógicos, ultrapassou as expectativas. Após o envolvimento de nós, professores, ao cantar as músicas, gravar e enviar um vídeo para apresentação aos estudantes, das suas letras de músicas com base nas batidas de Funk e Rap, houve explosão de alegria e pertencimento dos estudantes em uma atividade que falava a língua deles. Agentes pedagógicos e estudantes enviaram bilhetes solicitando mais atividades neste formato.

"...Nossa as músicas que você cantou ficou da hora kkkk, na hora que você começou a cantar no batidão do Mandela a cadeia inteira foi lá ver."

Estudante em medida socioeducativa

A equipe pedagógica, juntamente com os adolescentes vem por meio desta, agradecer a dedicação referente a atividade de composição e interpretação das músicas sobre o tema *COVID-19*. Como educadores observamos bons resultados, envolvimento e satisfação com o desenvolvimento desta atividade. Sugerimos enviar outras atividades no mesmo molde, uma vez que não há perspectiva de voltar às aulas e aos poucos vamos melhorando as novas práticas dentro da instituição. Ficamos aqui à disposição, a fim de atender as novas demandas pedagógicas.

Equipe Pedagógica da Fundação CASA

A partir disso, em outubro/2020, foi elaborado o projeto "Gentileza gera Gentileza", em forma de concurso de melhor letra de música, nos gêneros Funk e Rap, que abarcou estudantes do ensino Fundamental Anos Iniciais e Finais e Ensino Médio. Dinâmica do projeto: Estudantes fazem composição de músicas com o Tema "Gentileza gera Gentileza". Obrigatório ter na letra da música as palavras – Gentileza, Amor, Educação, Sociedade.

O projeto teve como objetivo a prática da escrita, em forma de música, a arte, a consciência social e coletiva das boas práticas dentro do território onde o estudante está inserido, realizar um diagnóstico, a partir das vivências de cidadania onde estão inseridos; desenvolver o senso crítico dos estudantes, primeiramente, na escola e posteriormente fora desta, tomar atitudes, organizar ações a partir dos temas e subtemas trabalhados, socializar com os demais colegas e família os temas trabalhados e as ações desencadeadas.

O direito à educação é previsto na Constituição Federal de 1988; diante disso, a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (SEDUC), por meio de suas Diretorias de Ensino (DE) e Unidades Escolares, oferta a Educação Básica em todos os Centros de Internação e Internação Provisória da Fundação CASA – Centro de Atendimento Socioeducativo aos Adolescentes – instituição executora de medidas socioeducativas em meio fechado no Estado de São Paulo. E devido ao novo Coronavírus, a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (SEDUC), para garantir esse direito aos estudantes em tempos de isolamento social, desenvolveu um conjunto de ações para prevenir a disseminação do novo coronavírus e apoiar a continuidade da aprendizagem dos estudantes.

De acordo com o documento orientador “Atividades escolares não presencial”, elaborado pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (SEDUC) para a realização das atividades não presenciais, é essencial que as equipes gestoras das escolas e professores considerem os diferentes públicos de estudantes atendidos. Implementar uma ação educativa que atenda às necessidades e características dos adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas em meio fechado também é um dos seus objetivos, conforme citado no documento orientador “Procedimentos para a garantia de acesso à educação básica aos adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas em meio fechado” (2017, p. 7).

Metodologia utilizada na prática do projeto

A metodologia aplicada tem como objetivo passar pelo percurso da escrita, da arte e cidadania, com ajuda e apoio da coordenação/agentes pedagógicos e diretoria da Fundação Casa, cujo motor é a liberdade de expressão dentro da temática oferecida. Os resultados esperados: Autoestima dos estudantes, apresentação e repercussão do trabalho de toda equipe e estudantes escritores, envolvimento e interação dos estudantes com a atividade proposta e confraternização presencial dos professores do projeto, cantando/interpretando, junto aos estudantes, as letras de todas as músicas apresentadas.

Para introdução do tema e realização da atividade, foi enviado aos estudantes o vídeo (*via pen-drive*) sobre a trajetória do profeta Gentileza, e o vídeo da música em homenagem ao profeta, cantada por Marisa Monte. Posteriormente, foi apresentado aos estudantes o vídeo gravado pela professora idealizadora do projeto, explicando detalhadamente as regras e prazos do concurso, que foi apresentado para todos os estudantes e agentes pedagógicos.

Dinâmica do concurso: Os estudantes de cada módulo desenvolveram, por turma, uma letra de música - são ao todo quatro módulos: dois módulos com quatro turmas e os outros dois com três turmas, totalizando 14 turmas. Foi escolhida apenas uma música por módulo para participar da final. As salas do mesmo módulo competiram entre si. Cada jurado analisou um módulo, e escolheu uma composição musical. O corpo de jurados foi composto por quatro especialistas: Psicóloga de ONG, Assistente Social,

Poeta de rua e Arte Educadora, que escolheram uma música de cada módulo. A escolha das colocações finais, dentre os finalistas, foi feita por um médico pediatra que indicou os 1º, 2º, 3º e 4º colocados. Os jurados gravaram vídeos descrevendo os critérios utilizados para selecionar a melhor música e parabenizando todos os estudantes participantes. Obs.: Não foram convidados(as) professores(as) ou pessoas que tenham contato direto com os estudantes para que não houvesse interferência de cunho afetivo no julgamento das letras das músicas.

Foram entregues medalhas para cada sala ganhadora, uma para cada estudante, certificado de participação aos demais, e certificado de Excelência aos agentes pedagógicos da unidade Casa Ribeirão. O momento de entrega das medalhas e cantoria das músicas contaram com a participação presencial dos professores idealizadores do projeto.

Resultados

Após recebimento das letras das músicas, foi verificado se todas estavam dentro das normas do concurso, que era ter obrigatoriamente as palavras “gentileza”, “amor”, “sociedade” e “educação”. Houve a eliminação de algumas letras por não estarem de acordo com as regras, e letras escritas de forma individual, gerando mais de uma música por sala. Vieram letras com conteúdo de consciência social, família, fé, pobreza, e a violência do cotidiano destes estudantes. Os estudantes enviaram comentários sobre a experiência de fazer uma letra de música com o tema Gentileza gera gentileza:

“Gostei muito da experiência, foi muito bom e emocionante.”

“Essa experiência foi muito tranquila, nós desenvolvemos nosso pensamento.”

“Foi uma experiência muito boa, pois pude expressar pensamentos e acontecimentos do cotidiano, foi realmente uma experiência de leveza.”

“Essa experiência foi muito boa, de poder compartilhar o que eu sei com os meus colegas.”

“Foi uma experiência boa poder fazer a música, foi uma aula descontraída de muita criatividade e podemos expor nossos sentimentos.”

Estudantes em medida socioeducativa

A música vencedora aborda de forma suave as mudanças que estes estudantes, menores infratores, esperam e buscam da sociedade e do meio em que vivem. Abaixo segue a letra.

SOCIEDADE MELHOR

Vou citar poucas verdades

Da comunidade

Talvez dessa forma

Eu mude a sociedade

Com um gesto de carinho

Um pouco de gentileza

O mundo vai ser melhor

Com certeza

Sinto satisfação
Ao falar de educação
Porque minha mãezinha
Me criou com amor no coração

Desde quando era criança
Eu pensava o seguinte
O país vem se perdendo
Desde o século XX

Peço um pouco de respeito
Uma dose de valor
Dê um trago na esperança
E fique louco de amor

Faça da sua vida
Apenas um livro aberto
E mostre para todo mundo
Que existe um caminho certo

Espero que esse som
Entre na sua mente
Veja que gentileza
Leva o mundo pra frente
José da Silva (nome fictício)

No período de aplicação da atividade, foi buscado por parte da professora idealizadora do projeto o conhecimento do universo de músicas do gênero Funk e Rap, voltado para questões sociais periféricas, para poder entender e ter um canal de diálogo com esses estudantes. A experiência de ver mais de perto o pensamento e a vivência social periférica dos estudantes, trouxe a luz a conscientização de que educar de forma acadêmica não é somente trabalhar o tema da disciplina de forma mecânica e conteudista, mas com a realidade pontual do educando, trazendo-o ao conhecimento de forma empírica.

Trabalhar projetos na Fundação Casa, com abordagens que estejam de acordo com a realidade e o contexto sociocultural dos estudantes, normalmente prospera e traz resultados surpreendentes. É preciso acreditar no projeto e no que se tem à disposição para trabalhar, e o mais importante, não julgar e sempre acreditar no potencial dos estudantes. Não se trata de fechar os olhos para o que os levou para lá, tratar-se de entender as necessidades destes estudantes e trabalhar de forma consciente para despertar um lado que talvez eles mesmos não conheçam. Um lado que na rua não é explorado por precariedade de políticas públicas sociais.

O projeto trouxe uma dose interessante de consciência, potencial de escrita, rimas bem colocadas, trocadilhos monossilábicos, ou seja, há potencial nestes estudantes, e precisa ser explorado. No dia da

entrega das premiações e presença dos professores, notou-se nos estudantes olhares de satisfação com eles próprios, expectativa pelo resultado final e a alegria que nem sempre está presente em suas vidas. No final, o que valeu, para além dos vencedores, foi a captação da mensagem, a reflexão acerca do tema abordado e a troca de experiência entre todos os envolvidos.

A Coordenação Pedagógica, além de acompanhar os roteiros elaborados pelos professores, atuou na realização de reuniões e ATPCs (Aulas de Trabalho Pedagógico Coletivo) de formação, incluindo temas como Metodologia Ativa, engajamento, autonomia do estudante etc., identificando alternativas pedagógicas, estimulando a participação ativa e articulação dos professores que atuam nas classes da Fundação Casa, visando refletir e aperfeiçoar a prática docente. O principal objetivo da função de coordenador é, segundo Vieira (2003, p. 83) “garantir um processo de ensino-aprendizagem saudável e bem-sucedido”.

“Desde que começaram as aulas remotas através dos roteiros impressos, conseguir o engajamento dos estudantes na realização das atividades sem ter um professor presencial, garantir o aprendizado significativo foi um dos principais desafios da equipe gestora.”

Coordenadora Pedagógica da Escola Vinculadora

Buscar estratégias que respeitassem as múltiplas possibilidades de aprendizagem, bem como os diversos talentos e formas de aprender, fizeram parte das formações semanais. Buscar dar autonomia aos estudantes é fundamental, já que isso aumenta a participação, além de aperfeiçoar a capacidade de aprendizado. Com o olhar sempre direcionado para o estudante, propiciamos espaço para que compartilhassem o que lhes interessavam, valorizando, assim, mais o conteúdo que tinham à sua disposição. As atividades foram preparadas pelos professores e semanalmente encaminhadas e impressas pela escola vinculadora E.E. Prof. Vicente Teodoro de Souza e posteriormente encaminhadas para a Fundação CASA.

Considerações Finais

Objetivando o maior envolvimento dos estudantes e, consequentemente uma maior interação nas atividades, além de uma aprendizagem significativa, o projeto “Gentileza gera gentileza” veio para concretizar nossa prática. Através da coordenação pedagógica, foi realizada a mediação nos diálogos necessários com os profissionais da Fundação CASA - que deu grande suporte na execução do projeto; providenciou também os materiais necessários como as medalhas e certificados para os participantes e finalistas do concurso; além do encaminhamento do material preparado pela professora para a Fundação, como vídeos e o roteiro com a proposta da atividade.

A ideia do concurso de música no projeto, surgiu logo após a devolutiva que obtivemos de um outro projeto realizado anteriormente, nesse mesmo período de isolamento social. Percebemos que os

estudantes engajaram mais na realização das atividades quando perceberam que as atividades eram elaboradas exclusivamente para atender seus interesses e suas necessidades. O projeto "Gentileza gera gentileza" deu voz aos estudantes, levou em consideração suas vivências e seus conhecimentos prévios e possibilitou que escrevessem uma música sobre o tema. Foi notório o interesse e o engajamento deles, uma prática exitosa que contribuiu para motivar os estudantes na realização das atividades enviadas posteriormente, já que o reconhecimento das suas atividades muito bem desenvolvidas contribuiu para a elevação da autoestima e da autoconfiança.

O compartilhamento dos bons resultados - observados a partir das devolutivas dadas pelos estudantes e pela equipe pedagógica da Fundação Casa - aos professores, através dos nossos momentos de ATPCs, contribuiu para a motivação e engajamento dos pares. Os demais professores sentiram-se motivados em desenvolver seus roteiros de estudos com ainda mais intencionalidade, no sentido de buscar estratégias para atender à necessidade, os interesses, e a realidade dos estudantes, dentro de seus componentes curriculares.

Finalizando este artigo, ratifica-se que professoras e professores, ao elaborarem e desenvolverem suas aulas também se constroem como docentes, no processo interativo com seus estudantes. E reconhecendo essa questão, a gratidão é para todas e todos os estudantes, seja da Fundação Casa ou de escola regular, pois ao observar o engajamento, os recadinhos, as devolutivas dos estudantes e da equipe pedagógica da Fundação Casa, durante e pós projeto, produziu-se em toda equipe a sensação de estar no caminho certo, de ter encontrado uma estratégia eficiente que possibilitasse ao estudante a oportunidade de uma aprendizagem significativa.

Referências Bibliográficas

- CONHEÇA A HISTÓRIA DO PROFETA GENTILEZA.** 2018. Publicado pela emissora de tv SBT. Disponível em <https://www.YouTube.com/watch?v=GfQVnLmb2Kg>. Acesso em: 01 de novembro de 2020.
- KARNAL, Leandro (org.). 2012. **História na sala de aula:** conceitos, práticas e propostas. 6. ed. São Paulo: Contexto, p. 17 -36.
- MONTE, Marisa. **Gentileza.** 2009. Publicado por Marisa Monte. Disponível em <https://www.YouTube.com/watch?v=mpDHQVhyUrY>. Acesso em: 01 de novembro de 2020.
- PINSKY, Jaime & PINSKY, Carla B. 2012. **O que e como ensinar: por uma história prazerosa e consequente.** In: SÃO PAULO. Secretaria da Educação do estado de São Paulo. Currículo do Estado de São Paulo: Ciências da Natureza e suas tecnologias. São Paulo: SEESP, 1. ed. atual., p. 10.
- VIEIRA, Marili M. da Silva. 2003. **O coordenador e os sentimentos envolvidos no cotidiano.** In: ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza. O coordenador pedagógico e o cotidiano da escola. São Paulo: Loyola, 2003, p. 83-92.

A VULNERABILIDADE ESCANCARADA EM TEMPOS E ESPAÇOS REMOTOS: REPENSANDO A PRÁTICA PEDAGÓGICA NA SOCIOEDUCAÇÃO E NA EDUCAÇÃO PRISIONAL A PARTIR DOS ROTEIROS DE ESTUDOS

Alex Rodolfo Carneiro²²
Tiago Bueno dos Santos²³

Resumo

Considerando os desafios impostos pela pandemia ao contexto educacional brasileiro, no qual as escolas precisaram rever suas papéis e estratégias de interação para a efetivação da formação pedagógica aos estudantes, por meio da tecnologia, tanto os professores quanto os demais membros da equipe escolar tiveram que repensar suas relações e formas de inter-relação para que a formação e o desenvolvimento pudessem continuar acontecer, mesmo que por outra estratégia. No que tange ao ensino da educação para jovens e adultos privados de liberdade, os desafios apresentados foram intensificados, uma vez que as unidades prisionais e os centros de atendimento socioeducacional ao adolescente não poderiam se utilizar dos recursos tecnológicos para mediar seu processo educacional. Desta forma, após um amplo processo de formação e planejamento propiciado pela SEDUC por meio do Centro de Mídias, as unidades escolares vinculadoras do sistema prisional e da Fundação CASA começaram a se organizar juntamente com seus professores para a construção e impressão de roteiros de estudos que deveriam ser encaminhados aos estudantes atendidos por elas. Tal ação visava permitir minimamente as condições de aprendizagem aos educandos, visando o desenvolvimento da autonomia e interação neste período de pandemia. O grande desafio que se apresentou foi construir esses roteiros de forma interativa e significativa. Neste sentido, objetivamos apresentar esse desafio e as estratégias adotadas por duas escolas vinculadoras de Diretorias de Ensino distintas, localizadas em Pindamonhangaba-SP e em São José dos Campos-SP, pensando no contato entre os autores para discutir as semelhanças e diferenças em sua atuação. Um aprendizado construído de forma remota por meio do diálogo, da troca de saberes, partilha de conhecimentos, discussão de questões teóricas e práticas no oferecimento de educação a partir dessas modalidades de ensino.

Palavras-chave: Socioeducação; Educação Prisional; Formação; Prática Pedagógica.

Introdução

Segundo as definições mais usuais para o termo “remoto” é possível estabelecer duas definições basílicas acerca da palavra. A primeira diz respeito ao tempo, aquilo que já ocorreu há muitos anos, algo antigo ou longínquo. Já a segunda refere-se à distância no espaço.

Os conceitos acima mencionados serão fundamentais para aprofundarmos reflexões urgentes acerca dos processos educativos em espaços de privação de liberdade. Seja na socioeducação, por meio da Fundação CASA ou mesmo do Sistema Prisional Adulto, os processos de aprendizagem dirigem-se a pessoas que possuem narrativas de vida bem semelhantes, com núcleos familiares e realidades sociais que as aproximam das defasagens pedagógicas.

²²Mestre em Educação pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Diretor da Escola Estadual “Euclides Bueno Miragaia”. Possui experiência com mediação escolar e atuou como PCNP no acompanhamento da socioeducação e educação para pessoas privadas de liberdade.

²³Mestrando em Educação pela Universidade de Taubaté (UNITAU). Vice-Diretor da Escola Estadual “Comendador Teixeira Pombo”. Possui experiência na educação de jovens e adultos privados de liberdade, como docente, professor coordenador e, atualmente, na gestão de uma escola vinculadora de classes das unidades prisionais.

Essa herança comum, todavia, é o escopo da diversidade, o substrato que permite a construção de estratégias e de didáticas comuns, mas sem nunca perder a perspectiva de alteridade. Pois, se dentro dos espaços tradicionais o imperativo de ensinar a todos agiganta o desafio de perceber as individualidades, dentro do sistema prisional e da rede protetiva a tentação de ignorar o sujeito e diluí-lo em jargões e estereótipos é raramente ignorada: “Tem um livro que não está nem nas livrarias nem nas bibliotecas. Ele trata da poeira das ruas, do chão das favelas, dos pátios de internação, das solitárias das prisões, das áreas ocupadas por desvalidos... Esse livro é o livro da vida.” (MALHEIROS, 2012, p. 01). Trata-se de um cenário frequentemente velado nas vitrines midiáticas e opaco nas políticas públicas educacionais. Estamos falando aqui de uma população marginal, não no sentido da criminalidade em si, mas pelo fato de se encontrarem às margens das ações mais vigorosas do poder público. Geograficamente apartados do atendimento primário de serviços públicos garantidos pela Constituição Brasileira, essa população tem cor e endereços predominantes. Cidadãos que tiveram sonegação de serviços essenciais ao longo da sua trajetória existencial, especialmente no tema que nos toca: a educação.

O processo educacional vivenciado nas unidades prisionais ou centros socioeducativos não pode se isentar do conhecimento prévio de histórias de vida marcadas por um ensino precário que não alcançou seu sucesso por atingir “remotamente” boa parte de seus educandos. Aqui, como primeira referência, podemos aplicar o tempo. Especialmente, os estudantes da modalidade EJA (Educação de Jovens e Adultos) carregam um grande hiato na sua sequência de aprendizagem. A retomada nessa circunstância requer um vigor pedagógico ainda mais acentuado, com contextualizações significativas no processo de ensino-aprendizagem.

Contudo, também podemos usar como segunda referência o aspecto espacial. As distâncias entre unidade escolar e as residências nem sempre representaram pontes no acesso à educação. Ao contrário, muitas vezes são verdadeiros muros que contribuíram para o afastamento parcial ou total do estudante. Tempo e espaço não são necessariamente categorias que beneficiaram a formação humana do público-alvo em questão. No tocante aos sujeitos no contexto de privação de liberdade, o tempo e o espaço são concebidos como esferas de punição e ressignificá-los à luz de intencionalidades genuinamente formativas e restauradoras é um desafio monumental, pois, como afirma Foucault, dentro desses ambientes ocorrem formas distintas, porém funcionais, de socialização.

Então, a criminalidade mudou de forma e de jeito: já não é algo contínuo, graduado, ambíguo; já não é a virtualidade que cada um carrega consigo; não está intrincada nas relações sociais: está localizada e fora da sociedade. O crime não é encontrado no meio da sociedade, mas em locais extrassociais: conventos, castelos, subterrâneos, uma montanha cavada como fortaleza. No interior dessa geografia própria ao crime tem-se uma espécie de sociedade inteiramente fechada em si mesma, com iniciações, ritos, valores e hierarquia próprios; nesta sociedade não se encontrará nenhum personagem ambíguo, pois a passagem para a criminalidade se faz de repente, em bloco, de uma vez por todas: ou se é malvado por natureza ou então se passou para a criminalidade por se ter cometido na vida uma falta inexplícável (perjúrio, crime) que fez resvalar para o mal. Em relação a essa contrassociedade perfeitamente situada e isolada só pode haver o mundo dos inocentes e

das vítimas; entre uns e outros, da parte dos criminosos só pode haver ódio, guerra, hostilidade fundamental; e do outro lado, relações em forma de captura, aprisionamento (FOUCAULT, 2015, p. 51).

Partindo desse horizonte que forma uma paisagem nem sempre agradável às expectativas de aprendizagem, podemos, com propriedade, refletir acerca dos desafios do ensino remoto em tempos de pandemia. Nesse sentido, caminhamos para uma abordagem do termo remoto enquanto possível tecnologia para minimizar os danos presentes num ano marcado pelo distanciamento social por conta da pandemia.

O contexto pandêmico mais do que forjar novos impasses e problemáticas adensou sua complexidade. E complexo, como nos ensina Morin (2011), não é algo impossível, mas aquilo que urge ser realizado em conjunto. Certamente, a adaptação, ainda longe de ser plena, ao uso da tecnologia da informação impôs a percepção de que é preciso ir muito além de sua instrumentalização. Os sentidos das relações, a linguagem, a construção de valores, as vivências estéticas, todas essas experiências constitutivas do ser humano e objetos das práticas educativas ganham novos contornos e matizes no universo digital. Portanto, ensinar remotamente não pode ser reduzido à réplica do que faz presencialmente. A própria ideia de presença pode e deve ser questionada (vamos deixar esse assunto apenas como uma provocação). Algo, porém, foi posto em inequívoca evidência: a vulnerabilidade enquanto condição existencial e material de nossas comunidades escolares. E escancarar isso talvez seja o maior aprendizado que podemos construir nesses tempos.

A formação docente, por exemplo, rotineiramente longínqua da realidade escolar, mostrou-se ainda mais despreparada para o ensino remoto e ao imperativo de uma cultura autodidata. Reconhecer isso é menosprezar o empenho insone de professoras e professores que se revolucionaram para atender aos estudantes e se adaptaram ao brutal aumento da carga de trabalho? Absolutamente não! Precisamos encarar essa lacuna e nos apropriarmos das inovações, práxis e conhecimentos construídos durante esse período também no que concerne à formação docente, especialmente em sua dimensão continuada dentro das escolas.

As estruturas e rotinas burocráticas também foram desnudadas. Está patente que as instâncias administrativas, da esfera federal à local, nunca se prepararam para promover ensino nesse formato e ainda demonstram pouca flexibilidade para rever antigos processos organizacionais incompatíveis com o cenário atual. A burocracia, enquanto racionalização e garantia de isonomia é essencial para a manutenção do estado de direito. Contudo, quando se torna fim em si mesma converte-se em grilhões. E a mudança dessa realidade depende de uma escuta autêntica por parte daqueles que são os verdadeiros sujeitos das decisões administrativas e pedagógicas, os que conhecem a sua práxis.

Quando alguém nos escuta com atenção, abstendo-se de julgamentos, críticas e opiniões, pode despertar em nós algo surpreendentemente novo, capaz de transformar uma situação

aparentemente impossível numa nova possibilidade, despertando nossa disposição e coragem de negociar possíveis interesses e necessidades" (MUSKAT, 2005, p.93).

Estudantes que já carregavam uma internalização do fracasso escolar tão estrutural na modalidade presencial e que hoje não conseguem acompanhar os desafios da modalidade remota. Somado ao aparente desinteresse e às notórias dificuldades de acesso aos recursos tecnológicos, está essa apatia premeditada, que nasce como resposta à descrença em si, que culmina no estreitamento pecaminoso dos horizontes e na recusa ao engajamento em um projeto de vida.

Ao escancararmos essas vulnerabilidades podemos compreender mais autêntica e fielmente a nossa realidade e conceber a educação como algo que não ocorre apenas nos limites físicos da escola, entendendo-a como uma necessidade humana que independe de espaços específicos. O trabalho entre escolas vinculadoras e articuladores para os sujeitos privados de liberdade já representa uma solução que nasce do reconhecimento da vulnerabilidade, enquanto formação horizontal e parceria entre escolas, para superar os desafios apresentados. Assim, podemos caminhar para a compreensão de que nossas dificuldades de hoje serão a solução para o amanhã que já bate à porta.

Metodologia: Pensando os roteiros de estudos para o ensino remoto em espaços de privação de liberdade e internação

É preciso analisar a história da educação nas prisões e nos centros de atendimento socioeducacional no Estado de São Paulo a partir de suas práticas pedagógicas e da ação docente que se inter-relacionam com esse processo formativo de forma ampla e profunda. Refletir sobre o processo de estruturação formativa do sujeito histórico é contextualizar sua prática no mundo do qual faz parte, um lugar repleto de contradições, mas também aberto à transformação por meio da ação humana. Para construir um mundo menos desigual, é necessário pensar sobre a dimensão das relações humanas.

Percebe-se que atuar na educação no sistema prisional ou na socioeducação não é tarefa fácil, porém, é algo que se constitui a partir do efetivo planejamento, tanto da parte da unidade prisional ou unidade de internação, que precisam pensar seus espaços e estruturas, quanto por parte dos professores e equipe gestora da unidade vinculadora, que necessitam repensar suas estratégias pedagógicas.

Nesse sentido, percebemos desde o início da pandemia as inúmeras dificuldades impostas aos educandos e educadores durante o período de distanciamento social, uma vez que os espaços de internação ou privação de liberdade não iriam dispor do acesso e do aparato tecnológico oferecido em grande escala para os estudantes da rede pública estadual em São Paulo. Não obstante, a educação destes sujeitos não poderia ser renegada. A partir desta premissa, se pensou em estratégias para atender aos sujeitos privados de liberdade por meio de uma metodologia de trabalho e organização direcionadas por um projeto de intervenção pedagógica em uma situação limite. Nessa perspectiva, buscou-se trabalhar as

possibilidades do diálogo para a construção de novas formas de conhecimento e reconstrução da dimensão educacional, das formas do fazer pedagógico e do ser professor.

O processo de construção do conhecimento é permeado pela ampliação do diálogo porque o ser humano é um ser de relações. Constantemente ele se relaciona com o seu meio, com os outros, consigo mesmo e o ato de estudar resulta dessa ação do ser humano com o mundo, com seu próprio ser e com sua história. Como um ser concreto, consciente, inteligente o ser humano está inserido num mundo também concreto e, para além de uma relação de pura causalidade, as relações que estabelece com o mundo demandam significação e ação. (PADILHA, MACIEL, 2015, p. 9).

Considerando a necessidade de se criar estratégias para atender de forma significativa àqueles que já não mais poderiam ter o contato diário com os professores, os gestores, junto com os membros de suas equipes pedagógicas foram amplificando os processos dialógicos em direção a ressignificação da realidade vivenciada. Como estratégia para atender a demanda formativa dos educandos internados ou em privação de liberdade foi pensado, conforme o Documento Orientador, na utilização de roteiros impressos, que deveriam ser construídos pelos docentes, impressos pelas Escolas Vinculadoras, e enviados aos estudantes por meio dos agentes socioeducativos e dos agentes penitenciários responsáveis por acompanhar o setor escolar das unidades prisionais.

Assim, percebeu-se que a articulação entre as equipes das escolas vinculadoras, professores e das unidades prisionais ou Fundação CASA mais do que nunca necessitava estar afinada, na perspectiva de se pensar a questão do tempo para a produção de roteiros de estudos, impressão, preparação, quarentena do material, envio para a unidade, tempo para que os educandos pudessem estudar e se apropriar dos conceitos apresentados, tempo de recolhimento das atividades realizadas, organização, separação, período de quarentena do papel, retirada pelos professores, correção e retorno para a unidade vinculadora. Neste sentido, foi necessário se estabelecer uma logística, pensando que os roteiros deveriam ser enviados semanalmente para a Fundação CASA e quinzenalmente para as unidades prisionais.

Nessa perspectiva, ouvir os educadores em suas propostas e articulá-las à formação propiciada pela SEDUC foi importantíssimo para a boa organização do trabalho pedagógico. Fato relevante a se destacar é o papel essencial a ser construído a partir da relação entre a formação docente, propiciada de forma remota, e a produção dos roteiros de estudos. Ressalta-se que o trabalho dos professores nestas modalidades de ensino se dá de forma interdisciplinar por área do conhecimento a partir de projetos temáticos. Porém, como realizar toda essa articulação sem a presença do professor junto aos estudantes?

Um primeiro passo adotado foi a exploração do material disponível no Documento orientador do Replanejamento (SEDUC, 2020), em especial nos conceitos e *links* referentes à educação para espaços de privação de liberdade. Não obstante, também foi necessário se pensar na formação contínua dos docentes quanto à utilização dos recursos tecnológicos disponíveis, tanto para os momentos de ATPC quanto para o aprofundamento dos estudos, reflexões e interação entre os materiais produzidos. Assim, os momentos de ATPC e outros encontros virtuais foram utilizados não só para a orientação quanto ao uso da tecnologia,

como também para a interação entre os pares, no sentido de compartilharem as estratégias utilizadas na construção de seus roteiros, bem como para a avaliação não só da realização das atividades pelos estudantes, como também para a análise dos resultados quanto ao quantitativo de estudantes participantes e o qualitativo das atividades, discutindo-se questões didático-pedagógicas.

As questões básicas quanto ao uso dos meios tecnológicos por parte daqueles docentes que apresentavam alguma dificuldade foram sendo sanadas mas, ainda assim, outra problemática se apresentava, que era a análise profunda sobre o retorno destas atividades produzidas pelos professores e enviadas pela Escola vinculadora para as unidades prisionais ou da Fundação CASA. Se o estudante deixou de responder ou realizar alguma questão ou se entendeu o que se estava se propondo a partir do roteiro, foram questões que conduziram a reflexão docente ou ainda se o tempo disponibilizado aos estudantes foi realmente suficiente para que pudessem realizar a leitura dos textos e resolução das questões de cada roteiro de estudo. É necessário pensar que os tempos e lugares na prisão ou nos espaços de internação são diametralmente diversos de uma escola convencional. Desta feita, os roteiros elaborados pelos docentes não poderiam ser densos demais a ponto do estudante não ter tempo suficiente para sua execução, mas também não poderiam ser elaborados de forma superficial, era necessário articular a apresentação e o aprofundamento de conceitos essenciais, com um processo de acolhimento, motivação e incentivo para que os educandos pudessem se conscientizar da importância do desenvolvimento de sua autonomia formativa e da análise reflexiva sobre o itinerário percorrido a partir das habilidades cognitivas essenciais e do processo socioemocional.

Resultados: o papel da formação docente e os roteiros de estudos

Para sanar as dificuldades apresentadas anteriormente, o diálogo com a unidade prisional ou centro de atendimento socioeducativo foi essencial para de vital relevância, no sentido de se perceber as dificuldades apresentadas por cada unidade ou centro, para a entrega do material, acompanhamento de sua realização, recolhimento, período de quarentena e retorno à vinculadora, para que após a quarentena do papel e separação do material, pudesse retornar aos professores.

Cabe salientar que toda logística envolveu a participação dos funcionários das escolas vinculadoras, que se organizavam, respeitando os protocolos de distanciamento social, para realizarem as impressões e demais procedimentos para que as atividades pudessem chegar até os estudantes, com a intermediação dos funcionários do setor educativo da Fundação CASA e das unidades prisionais.

Nesse sentido, percebe-se que os roteiros se constituíam basicamente na única forma de interação dos docentes com seus estudantes. Por isso, necessitavam ser elaborados da forma mais significativa possível, cada palavra precisava ser bem escolhida. O roteiro não poderia ser extenso demais, nem superficial em demasia. Era necessário comunicar de forma significativa os conceitos que estavam

planejados para serem trabalhados em sala de aula com os estudantes. Não existia uma fórmula pronta a se seguir, mas, a partir da avaliação da própria prática docente, fora possível se fazer um diagnóstico de cada turma, verificando suas dificuldades de aprendizagem e, também, suas potencialidades.

Nesse diapasão, a formação docente construída nos momentos de encontro coletivo foi sendo aprofundada na percepção e no estudo da prática interdisciplinar, não só das disciplinas em suas áreas do conhecimento como das áreas do conhecimento entre si, considerando que a área de exatas e ciências da natureza poderiam dialogar com as áreas de linguagem e ciências humanas a partir de uma releitura da realidade. O conhecimento fora sendo ressignificado pelos próprios docentes, que perceberam a importância em se estabelecer uma parceria mais profunda na inter-relação entre suas áreas de atuação, com o objetivo de atender de forma mais profícua aos educandos na construção de suas aprendizagens.

Outro ponto observado no processo de formação a partir do estudo e da construção dos roteiros de estudos fora a necessidade de se diversificar os tipos de atividades propostas, pensando-se em trabalhar questões dissertativas, de múltipla-escolha, de verdadeiro ou falso, resolução de problemas práticos do dia a dia, leitura de imagens, associação de palavras e conceitos, contextualização dos textos, objetivando tornar os conteúdos ou temas propostos mais interessantes e possibilitando aos estudantes a chance de serem avaliados a partir de diferentes formas de questões ou atividades. Trabalhando nesse cenário a concepção da avaliação contínua e formativa, pautada nos princípios da autonomia e da valorização do conhecimento prévio dos estudantes. É importante observar que, nesse processo, se percebeu que alguns estudantes se identificavam e conseguiam realizar com maior destreza atividades dissertativas, enquanto outros apresentavam maior interesse e facilidade em realizar atividades de múltipla escolha, leitura e interpretação de imagens ou associação de conceitos chaves de cada disciplina.

Para a alfabetização dos jovens e adultos privados de liberdade ou em internação provisória, os desafios se agigantaram, porém, a partir da articulação e diálogo dos docentes alfabetizadores, foi se pensando estratégias para atender esses estudantes, criando-se atividades contextualizadas com sua faixa etária e ligadas ao mundo do trabalho e à temática da própria vida, fora tecendo a linha do conhecimento, mesmo que de forma mais lenta, mas sem parar ou esmorecer. A escola foi se reinventando em suas formas de construção do conhecimento, discutindo os pressupostos do letramento e oferecendo aos estudantes o contato com formas significativas de aprendizagem mediadas por meio dos roteiros de estudos.

Assim, foi se constituindo a formação tanto dos docentes quanto dos estudantes, articulando-se, mesmo que de forma remota, toda a trajetória construída na educação em espaços de privação de liberdade (ONOFRE, 2009; RANGEL, 2007; PASSOS, 2012). A partir da narrativa dos docentes e da escrita dos estudantes foi se repensando a forma de se fazer educação nos espaços privativos. Percebeu-se que a realidade da educação desenvolvida em espaços privativos de liberdade, além dos desafios cotidianos que já se conhecia no processo da educação nesses campos, havia o novo desafio imposto pelo distanciamento

social presente a partir do contexto da pandemia.

Logicamente que tais condições não são as mais ideais, mas não se pode paralisar frente aos desafios, se existe uma esperança da educação contribuir no processo emancipatório dos sujeitos, esta deve ser seguida, principalmente processo de emancipação do ser humano a partir das perspectivas de igualdade e desigualdade:

A igualdade é fundamental e ausente, ela é atual e intempestiva, sempre dependendo da iniciativa de indivíduos e grupos que, contra o curso natural das coisas, assumem o risco de verificá-la, de inventar as formas individuais ou coletivas, de sua verificação. Essa lição, ela também, é mais do nunca atual. (RANCIÈRE, 2018, p. 16).

Nesse caminho, segue-se, não só acreditando como quem espera por tempos melhores, mas acreditando e agindo, fazendo-se e refazendo-se a partir das incertezas que a condição humana e as intempéries naturais e sociais nos apresentam. A educação em espaços privativos é um processo que se constrói dialogicamente em suas contradições e incertezas, mas, também, em suas esperanças e certezas. Uma formação docente alicerçada na realidade pedagógica que ousa reconstruir-se diante de seus limites, pensando e agindo de forma significativa na reconfiguração de sua prática. Certamente que quando for possível o retorno presencial nessas escolas haverá muito a se fazer, mas, com certeza, os docentes e as equipes gestoras, pedagógicas e administrativas das escolas vinculadoras, estarão transformados em sua maneira de perceber e lidar com os desafios que se apresentaram diante do “novo normal”.

Considerações Finais

Pensar a educação em suas diferentes manifestações é uma grande possibilidade de perceber a potencialidade do ser humano. A educação planejada para jovens e adultos privados de liberdade ou em cumprimento de medida socioeducativa apresenta suas próprias peculiaridades. O desafio apresentado pela pandemia considerando-se os protocolos de distanciamento social trouxe à voga inúmeros entraves. Não obstante, o movimento de formação dos docentes e a articulação entre inúmeros sujeitos das escolas vinculadoras, unidades prisionais e centros socioeducativos possibilitou a construção do ensino de forma adaptada por meio dos roteiros de estudos.

Esse movimento só foi possível pelo comprometimento de tantos com a história que se constituiu a partir dos marcos legais e da reflexão sobre o que é educação. Com certeza, há muito a se avançar, e a formação que se deseja construir precisará ser repensada quando houver o retorno presencial nesses espaços privativos de liberdade. Porém, percebemos que os docentes irão voltar mais engajados, conhecendo mais seus estudantes e as estratégias possíveis para atender seus processos de aprendizagem. Essa prática necessitará estar pautada no contexto de temáticas de ressignificação do ser social, dos direitos humanos em educação, da saúde, do cuidado de si e com o outro. De fato, pode-se falar em um

movimento de reinvenção da escola e dos processos formativos do fazer pedagógico. Esse movimento de construção coletiva se materializa a partir da presença e atuação de diferentes atores, na composição do cenário educacional. Percebe-se que essa manifestação só é possível por meio do mútuo apoio entre esses diferentes sujeitos, que fazem parte dessa realidade biopsicossocial.

Referências Bibliográficas

- FOUCAULT, Michel. **A sociedade punitiva**. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2015.
- MALHEIROS, Antonio. **Desembargador Malheiros fala sobre drogas para novos juízes**. Jusbrasil, 2012. Disponível em: <https://stj.jusbrasil.com.br/noticias/100390704/desembargadorantonio-malheirosrogasparaovosjuizes#:~:text=Tem%20um%20livro%20que%20n%C3%A3o,%C3%A9%20o%20livro%20da%20vida>. Acesso em: 10 ago. 2020.
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Trad. Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 2 ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2011.
- MUSZKAT, Malvina Ester. **Guia prático de mediação de conflitos em famílias e organizações**. São Paulo: Summus Editorial, 2005.
- ONOFRE, Elenice Maria Cammarosano. **Educação escolar na prisão na visão dos professores: um hiato entre o proposto e o vivido**. In: Educação e Ação, v.17, n.1, 2009, p. 1-13, Santa Catarina, SC, Brasil. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/836#:~:text=Entre%20o%20discurso%20oficial%20e,%C3%A0%20mostra%20seu%20lado%20reverso>. Acesso em: 10 jul. 2020.
- PADILHA, Regina Celia Wipieski; MACIEL, Margareth de Fátima. **Fundamentos da pesquisa para projetos de intervenção**. Paraná: UNICENTRO, 2015.
- PASSOS, Thais Barbosa. **Educação prisional no Estado de São Paulo**. Universidade Estadual Paulista. Dissertação de Mestrado. Marília: Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília., 2012. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/91168>. Acesso em 15 ago. 2020.
- RANCIÈRE, Jacques. **O Mestre Ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual**. Trad. Lílian do Valle. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.
- RANGEL, Hugo. **Estratégias sociais e educação prisional na Europa: visão de conjunto e reflexões**. In: Revista Brasileira de Educação, v. 12 n. 34 jan./abr. 2007. São Paulo, SP, Brasil. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/v12n34/a07v1234.pdf>. Acesso em: 20 out. 2020.
- SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO (SEDUC). **Documento Orientador: atividades não presenciais**. São Paulo: Seduc, 2020. Disponível em: <http://www.escoladeformacao.sp.gov.br/portais/Portals/84/docs/pdf/documento-orientador-atividades-escolares-nao-presenciais.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2020.

RESSIGNIFICANDO PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO ENSINO REMOTO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS ASSENTADOS

Daniela Aparecida Ferreira Arfeli²⁴

Marcelo Alves do Nascimento²⁵

Marcio Cleber Toledo Jardin²⁶

Resumo

Este estudo busca descrever como se dá a abordagem na Educação de Jovens e Adultos, da Escola Estadual Assentamento Santa Clara, no município de Mirante do Paranapanema – SP, com aulas não presenciais. Evidencia o estudante assentado da EJA como protagonista da aprendizagem. Apresenta breve discussão sobre o ensino a distância, no contexto pandêmico, em uma escola de assentamento, com uso de metodologias ativas e o desenvolvimento das competências socioemocionais. Para tanto, destaca-se também a inserção desta modalidade de ensino na era digital. Conclui-se que o uso de aulas diferenciadas no ensino remoto, possibilita à Educação de Jovens e Adultos assentados mais autonomia, garantindo um aprendizado efetivo, significativo e humanizado.

Palavras-chave: Metodologias Ativas; Competências Socioemocionais; Ensino Remoto.

Introdução

A Escola Estadual Assentamento Santa Clara está localizada na região Sudoeste, no Pontal do Paranapanema, extremo Oeste do Estado de São Paulo, no Assentamento Che Guevara, município de Mirante do Paranapanema. A região apresenta maior número de assentamentos e presença ativa de movimentos sociais, como o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST). A escola é uma conquista de luta por direitos, para os moradores do assentamento.

Salienta-se, nesse sentido, que, a comunidade assentada, em que a escola está relacionada, é constituída de 200 famílias em torno de 840 habitantes, dividida em seis assentamentos. A renda familiar provém das atividades realizadas no lote: agricultura familiar e pecuária leiteira. Essa instituição de ensino integra-se à rede pública de ensino estadual. Atende trezentos estudantes (sendo 260 estudantes da rede estadual e 40 da rede municipal) de toda educação básica: Educação Infantil, Anos Iniciais, Anos Finais, Ensino Médio e Educação de Jovens e adultos – EJA; funciona em três períodos: matutino, vespertino e noturno. A escola municipal e estadual trabalha em parceria na utilização do prédio.

A maior problemática foi reestruturar o trabalho pedagógico da EJA, no contexto de ensino remoto, pois devido às medidas de afastamento social, as aulas somente poderiam ser remotas. As indagações foram constantes tendo em vista as especificidades, os diferentes saberes, a faixa etária, as questões sociais, financeiras e o pouco letramento digital dos estudantes. Diante do contexto, ministrar aulas para este público foi, de fato, muito desafiador, uma vez que a maioria dos estudantes não estavam

²⁴ Professora coordenadora pedagógica dos Anos Finais e Ensino Médio. Formada em Letras, Pedagogia e Mestre em Letras pela UEM.

²⁵ Diretor de Escola, formado em Letras e Pedagogia.

²⁶ Professor titular de cargo da disciplina Ciências da Unidade Escolar.

acostumados a usar as ferramentas digitais para estudar.

A partir da pandemia da COVID-19 iniciou-se, na Escola Estadual Assentamento Santa Clara, a reconstrução de práticas pedagógicas para o ensino remoto, com foco na EJA, que aproximasse ainda mais o estudante da realidade e as expectativas de aprendizagem. A gestão escolar na busca de solução coletiva realizou formações pontuais, com os dez professores, de diferentes áreas, que lecionam nas turmas da EJA, na busca de dinamizar estratégias de trabalho remoto.

Salienta-se que se faz necessário ressignificar o trabalho docente para estudantes assentados da EJA. Diante de tal realidade, repensamos como trabalhar com a EJA através do ensino não presencial, em uma escola de assentamento, na perspectiva de metodologias ativas, o desenvolvimento de competências socioemocionais e o uso da tecnologia digital como mecanismo de comunicação.

Metodologia

Os sujeitos deste estudo são quarenta e sete estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA), de nível fundamental e médio. Estão na faixa etária entre 18 e 75 anos, sendo vinte e duas mulheres e vinte e cinco homens. São ex - sem-terrás que ficaram acampados, debaixo de lonas, em média de seis a oito anos para conquistarem a posse de pequenos lotes de terra, por meio do programa da Reforma Agrária. A grande maioria dos estudantes teve suas vidas marcadas por uma profunda desigualdade econômica e social e, não puderam realizar o ensino regular na idade apropriada. Muitos tiveram que escolher entre a sobrevivência ou a escola. Porém, na vida adulta, amparados pela Lei de Diretrizes e Bases, 9.394/1996 e garantidos pela Constituição Federal de 1988, têm direito à educação pública, gratuita e de qualidade.

Este trabalho apresenta uma breve discussão sobre o significado da inserção das tecnologias digitais à prática pedagógica da EJA, atrelado ao desenvolvimento das competências socioemocionais e a implantação de Metodologias Ativas de Ensino, de uma escola de assentamento, que em consonância com a Resolução SEDUC, de 18-3-2020 teve as aulas presenciais suspensas para prevenir o contágio pelo coronavírus (COVID-19).

Diante do contexto pandêmico, especificamente, entre os meses de maio a novembro de 2020, analisou-se as possibilidades e os desafios de dez professores, das áreas de Ciências Humanas, Linguagem, Ciências da Natureza e Matemática a darem continuidade à aprendizagem de jovens e adultos no ensino não presencial; além da percepção do estudante assentado da EJA frente a novas formas de ensino-aprendizagem.

O presente artigo se refere a uma pesquisa de campo qualitativa, uma vez que busca compreender os fenômenos educativos no contexto da EJA, cujo método proposto é a coleta de dados através de observação, a fim de discutir estratégias pedagógicas usadas durante o ensino remoto. Foram observadas o desenvolvimento das aulas pelo *WhatsApp* e *GoogleMeet*, conversas informais com estudantes da EJA,

além de análise de áudios e vídeos enviados pelos estudantes e professores pesquisados. O desenvolvimento do trabalho apoia-se nos pressupostos teóricos de Kenski (2010); Berbel (2011), Pereira (2012), Freire (1994; 2007), entre outros. O tema central que orientou essa pesquisa foi a ação (posicionamento ativo) dos professores e estudantes durante o desenvolvimento das aulas remotas. Logo, o fazer pedagógico remoto na EJA com estudantes assentados foi uma perspectiva relevante para esse estudo.

A Educação de Jovens e Adultos

A Educação de Jovens e Adultos – EJA é amparada pela Constituição Federal (1988), LDB 9.394/96 e as Diretrizes Curriculares Nacionais. Tem como referência a pedagogia de Paulo Freire, um dos grandes educadores brasileiros, atendendo pessoas que não tiveram acesso na idade própria por algum motivo. É uma modalidade de ensino criada a fim de combater a exclusão e a desigualdade social, constituindo-se o segmento de ensino da rede escolar pública brasileira que recebe jovens, adultos e idosos que não completaram os anos da Educação Básica em idade apropriada e querem voltar a estudar. A Constituição Federal, promulgada em 1988, garante importantes avanços no campo da EJA. Conforme consta no artigo 208: “O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: I – ensino fundamental obrigatório e gratuito, assegurada, inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ele não tiveram acesso na idade própria (CONSTITUIÇÃO FEDERAL, 1988).

Pode-se perceber claramente que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional também faz referência sobre a Educação de Jovens e Adultos, apropriada às necessidades e condições peculiares desse grupo, conforme constam no título V, capítulo II, Seção V, dois artigos relacionados especificamente: “Art. 37 - A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria”.

Lecionar na EJA requer do educador metodologias ativas. De acordo com Barbosa; Moura, (2013, p.55) “aprendizagem ativa ocorre quando o estudante interage com o assunto em estudo – ouvindo, falando, perguntando, discutindo, fazendo e ensinando – sendo estimulado a construir o conhecimento ao invés de recebê-lo de forma passiva do professor”. Diante disso, a função do docente é mediar a aprendizagem com aulas dinâmicas, com objetivo primordial de preparar para o mercado de trabalho, como está previsto nas Diretrizes Curriculares da EJA: a função é de reparar, qualificar e equalizar o ensino.

Acredita-se que o desenvolvimento de ações pedagógicas efetivas colabora para a melhoria da autonomia de jovens, adultos e idosos assentados da EJA. Sob essa lógica, concordamos com as afirmações de Kenski (2010, p. 93) “Em um mundo que muda rapidamente, professores procuram auxiliar seus estudantes a analisar situações complexas e inesperadas; a desenvolver a criatividade; a utilizar outros tipos de “racionalidade”: a imaginação criadora, a sensibilidade tátil, visual e auditiva, entre outras”.

Mollica (2009) confirma que devem ser incorporadas novas propostas pedagógicas que valorizem os conhecimentos prévios dos estudantes e suas dificuldades. A despeito disso, o docente necessita “construir um fio condutor para interligar as vivências comuns com as práticas de sala de aula. (MOLLICA, 2009, p.59).

Dado o exposto, concordamos com Arfeli (2017, p.14) de que “o educador do assentamento tem papel crucial no ensino/aprendizagem dos estudantes”. Ressignificar a prática pedagógica da EJA, durante o ensino remoto, busca efetivar o fortalecimento do letramento digital dos estudantes, oferecendo-lhes oportunidades de desempenhar um papel ativo na construção do próprio aprendizado.

Resultados e Discussão

Partimos do princípio de que os estudantes que integram a EJA necessitam de convívio social, do diálogo, do acolhimento e, principalmente, da interação com as outras pessoas. No entanto, a escola estadual Assentamento Santa Clara foi fechada por determinações do Ministério da Saúde e da Secretaria da Educação de São Paulo no período pandêmico.

De acordo com o relato da estudante assentada, (M. S, 54 anos) “durante o período de recesso e férias escolares, a noite se tornou triste, não tinham escola para ir, então ficava assistindo os noticiários da pandemia pela televisão. Só via notícias de mortes. O silêncio, o medo e a falta de conversa com as pessoas me deixavam muito angustiada. Não via a hora de voltar a estudar.”

Diante do exposto, concordamos com as ideias de Freire (2007, p.20), “o respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético”. Assim, as aulas remotas da EJA vêm ao encontro dos anseios, das necessidades e promove a melhoria da saúde dos estudantes, principalmente, dos mais idosos.

Dessa forma, ressignificar as práticas pedagógicas da EJA fizeram-se necessário. Segundo a professora de Língua Portuguesa, os gestores da unidade nos motivaram a reconstruir novas práticas neste cenário. “O diretor destacou a importância de usar recursos tecnológicos, como ferramenta de apoio didático. Tivemos que aprender, rapidamente, a usar aplicativos e plataformas que atendessem às reais necessidades dos estudantes. Foram múltiplos desafios para que não ocorresse a evasão e a retenção dos estudantes da EJA”.

Durante a pesquisa, uma das conclusões formuladas foi que, professores motivadores, com aulas diferenciadas proporcionam a aprendizagem e, consequentemente, um bem enorme para esse público “(...) o papel do educador problematizador é proporcionar, com os educandos, as condições em que se dê a superação do conhecimento”. (FREIRE, 1994, p. 40)

No bojo das reflexões aqui desenvolvidas, o estudo confirma que existem vários pontos positivos e inúmeros desafios para promover o desenvolvimento das competências socioemocionais durante as aulas remotas. Analisamos as atitudes dos professores que atuam na EJA e percebemos que demonstram

interesse em trabalhar, principalmente, a empatia, autonomia e a confiança com a população de jovens e adultos e, que sabem da responsabilidade do professor dessa modalidade de ensino, diante da perspectiva da formação do letramento digital e do uso das metodologias ativas.

A despeito disso, a professora de História, ao mediar as aulas pelo *WhatsApp*, envolveu os estudantes na perspectiva de cidadania, destacando o valor da empatia, da solidariedade através do diálogo socrático. De acordo com a docente “Foi um momento de catarse e de terapia para muitos. A corresponsabilidade pelo desenvolvimento das competências socioemocionais pelos educadores durante as aulas remotas se intensificou e proporcionou um clima positivo e melhor aprendizado”.

Nas palavras da professora de Ciências, “o que sintetizou este momento foi mudança, pois o contexto exigiu transformações de práticas pedagógicas, com novo perfil de professor, necessitando desenvolver metodologias diferenciadas. Usei no desenvolvimento das aulas o *Quiz* e desenvolvi oficina de sabão de forma remota²⁷”. Os docentes, através de formação continuada, fundamentaram-se com estudos sobre os recursos tecnológicos digitais atrelados às metodologias ativas “todo o processo de organização da aprendizagem (estratégias didáticas) cuja centralidade do processo esteja, efetivamente, no estudante”. (PEREIRA, 2012, p.6).

À vista disso, comprehende-se o uso da metodologia ativa *Quiz/test Questions* (Teste com questões conceituais), como complemento de ensino, usada pelos professores de Ciências, Biologia e Matemática, favoreceu o processo de ensino/aprendizagem na construção de conhecimentos, confirmando as proposições apresentadas no livro de Paulo Freire, *Pedagogia da Autonomia*, (2007, p.12) “educar não é transferir conhecimentos, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. De acordo com a coordenadora pedagógica, a escolha por documentar a prática docente da EJA justifica-se pelos *feedbacks* dos próprios estudantes no término das aulas, seja pelos depoimentos no grupo de *WhatsApp* da sala ou por relatos nas redes sociais dos professores ou da gestão pedagógica. Os elogios e entusiasmos dos estudantes suscitaram rumores na comunidade assentada. A propagação das boas práticas dos professores tem se disseminado nos assentamentos ao redor da escola. Nesse momento pandêmico, gestores, professores e estudantes estão se reinventando, se redescobrindo na era digital.

Nesta perspectiva, considerou-se que letrar digitalmente os estudantes não seria tarefa fácil; principalmente estudantes da EJA, moradores rurais, com pouco acesso à internet, computadores e celulares. Embora sabendo das dificuldades dos estudantes para a inserção de aulas remotas, iniciou-se a busca ativa fundamentado nas contribuições de Kenski (2010, p. 21), que o “homem transita culturalmente mediado pelas tecnologias que lhe são contemporâneas. Elas transformam suas maneiras de pensar, sentir e agir. Mudam também suas formas de se comunicar e de adquirir conhecimentos”.

Assim, a primeira etapa foi o levantamento dos números de telefones dos estudantes, a organização

²⁷ Disponível em: <https://youtu.be/nlP9EHr6AMI>

do grupo de *WhatsApp* da sala da EJA; convencer todos os estudantes a participar das aulas remotas no formato síncrono e assíncrono. O segundo momento, foi a reestruturação dos horários das aulas, das metodologias e estratégias que seriam usadas. As aulas iniciaram através da plataforma de comunicação *WhatsApp*, com uma escala diária por disciplina.

A priori, a equipe pedagógica, de acordo com os pressupostos da andragogia “a arte e a ciência de auxiliar adultos a aprenderem” (KNOWLES, 2009, p. 66), não mediou esforços para ajudar. Seja pessoalmente, por ligação telefônica ou por *WhatsApp*, foram explicadas, detalhadamente, como acessar e acompanhar a *lives* pelo *Facebook*, como usar as funcionalidades do *WhatsApp*, como fazer o download e acessar à sala do *GoogleMeet*, participar de *Quiz* por aplicativos, entre outros.

É preciso esclarecer que foram muitas mediações para conseguirmos “iniciar” as aulas remotas. Podemos exemplificar os grandes desafios para introduzirmos o ensino remoto com esta faixa etária. Estudantes idosos com pouco ou nenhum acesso a recursos e ferramentas digitais para o desenvolvimento das aulas e o pouco acesso à internet. Uma das estudantes, quando foi convidada para participar do grupo do *WhatsApp* da sala, pontuou para a coordenação pedagógica “não darei resposta neste momento se posso ou não participar, mas amanhã eu falo, pois vou pedir à vizinha do sítio se posso usar a internet dela para assistir às aulas”. Outras situações também ocorreram: estudante estudando com o celular da filha, do neto, da nora e da esposa. Fomos remodelando nossa prática, respeitando as inúmeras especificidades para dar andamento ao nosso trabalho pedagógico. A busca ativa dos estudantes foi bem pontual. Após dois meses de trabalho, começamos a ter resultados positivos: trinta e três participantes no grupo do *WhatsApp*.

O professor de Biologia, fundamentado nos princípios do uso das metodologias ativas, enfatiza que os estudantes interagiram através da ferramenta do *GoogleMeet* para discussões sobre a biodiversidade da região do Pontal do Paranapanema. Segundo o professor “É gratificante perceber o progresso deles, que, mesmo nos momentos de dificuldades, permanecem motivados de segunda a sexta-feira esperando os professores e as aulas. Acredito que a interação no grupo de *WhatsApp*, articulado com as metodologias ativas e o desenvolvimento das competências socioemocionais é o diferencial nas aulas da EJA da nossa escola”.

Diante disso, é primordial enfatizar que a escola, como instituição educativa, articule ações que impulsionam o uso de metodologias ativas, pois “Em um ambiente de aprendizagem ativa, o professor atua como orientador, supervisor, facilitador do processo de aprendizagem, e não apenas como fonte única de informação e conhecimento” (BARBOSA; MOURA, 2013, p.55). Assim, comprehende-se que o professor é o grande responsável pela mediação no espaço educativo.

Corroborando com as ideias de Berbel (2011, p. 28) “As metodologias ativas têm o potencial de despertar a curiosidade, à medida que os estudantes se inserem na teorização e trazem elementos novos, ainda não considerados nas aulas ou na própria perspectiva do professor”. Diante disso, percebe-se que o

professor teve autonomia para planejar qual seria a temática, a estratégia a ser usada nas aulas remotas. Cada professor preparou o roteiro, os materiais a serem usados, encaminharam à coordenação pedagógica que, prontamente apresentou devolutiva, com base nos princípios de Malcolm Knowles. É possível afirmar que foram alcançados resultados satisfatórios quanto aos objetivos principais das aulas remotas: dar continuidade ao trabalho pedagógico, letrar digitalmente o estudante, desenvolver metodologias ativas e competências socioemocionais. Percebemos a participação efetiva dos estudantes, por meio das interações no *WhatsApp*, no *GoogleMeet*, no desenvolvimento do *Quiz* e do protagonismo perante o primeiro fórum temático. De acordo com o estudante E.A. (50 anos), o horário das aulas facilitou: “ficamos mais centrados. Os professores são bem bacanas e fazem de tudo para nos ajudar nesse momento. Além da matéria, aprendemos a usar o *WhatsApp* e participar da interação nas aulas. É bem legal. Eu gosto de ver meus colegas e os professores”.

Diante da análise dos dados obtidos é notório que os estudantes assentados da EJA não tiveram atividades de integração social nos assentamentos durante o período de pandemia a que esse estudo se refere. O diferencial na pesquisa se deu pelo fato de alguns estudantes da EJA terem grande interesse em participar das aulas. As atividades escolares remotas foram imprescindíveis para enfrentarem conflitos nas relações interpessoais, principalmente a ansiedade e o estresse causado pelo afastamento social. Com a implementação de novas práticas pedagógicas e com a realização de atividades que ajudam a desenvolver a capacidade autônoma, a autoestima, o pensamento crítico e empático pelo outro, além do compromisso na construção de uma sociedade mais igualitária, como podemos observar no link <https://cutt.ly/Hd3EG83> (acesso em 13-08-2020).

A despeito disso, acreditamos que a escolha das metodologias ativas facilitou a compreensão dos conteúdos. Foi perceptível o resultado dos estudantes quanto aos avanços referentes à melhoria na utilização dos recursos tecnológicos digitais, à apreciação estética, à criticidade e ao processo de tornarmos mais humanos perante as fragilidades do momento, conforme verifica-se em vídeo produzido e disponível no link: <<https://www.YouTube.com/watch?v=p5VeRaklutU> (acesso em 13-08-2020).

Em nossa primeira experiência com o ensino remoto da EJA obtivemos resultados satisfatórios, tanto na participação quanto no interesse dos estudantes. Percebemos o quanto os estudantes foram sensibilizados pelas temáticas estudadas e, principalmente, pelo desenvolvimento da macrocompetência resiliência emocional²⁸, composta por três competências socioemocionais: tolerância ao estresse, tolerância à frustração e autoconfiança, ligadas a comportamentos que podem favorecer melhor adaptação ao ambiente. Tanto esses resultados quanto a importância dessa vertente de inserção digital legitimam o aprofundamento do fazer coletivo dos docentes e gestores. O desenvolvimento de práticas pedagógicas no ensino remoto por meio de metodologias ativas (*Quiz*, debate e *lives*²⁹), o desenvolvimento

²⁸ <https://institutoayrtonsenna.org.br>, acesso em 27 nov. 2020.

²⁹ Live: Arrai Arraiá Virtuá” da E.E. Assentamento Santa Clara - link: <https://cutt.ly/BhgzbQm>, acesso em; 28 nov. 2020. Live SertanEJA – Acolhimento da EJA: <https://cutt.ly/NhhZtBr>

de competências socioemocionais foram extremamente importantes para a modalidade da EJA, uma vez que amenizaram este momento tão difícil. Portanto, esperamos ansiosamente que essa proposta da EJA, também disponibilizada no link <https://www.YouTube.com/watch?v=j3fC9k3cV2g&feature=youtu.be> (acesso em 13-08-2020), sirva de ponta pé inicial para a melhoria do ensino remoto nas escolas, contribuindo, assim, para o processo de ensino e aprendizagem no que tange à melhoria social dos estudantes, numa dimensão prática e ressaltando a viabilidade de se realizarem ações reais que invistam na formação da comunidade assentada.

Considerações Finais

Na acepção em foco, este estudo apresenta sugestões de trabalho possível para o educador da EJA no ensino remoto, através de proposta de intervenção significativa e integrada à vida dos estudantes. Assim, pela escola atender há mais de doze anos esta modalidade de ensino e, conhecer a comunidade assentada, facilitou todo o processo. O desenvolvimento das aulas remotas valorizou e respeitou as experiências e os conhecimentos dos estudantes; possibilitou o fortalecimento de ações de prevenção da saúde por amenizar a ansiedade e cuidar do emocional. A equipe escolar, neste momento de excepcionalidade, não se preocupou apenas com o desenvolvimento do currículo, mas teve responsabilidade social de acolher, evidenciando esforços para que todos os estudantes da EJA fossem amparados, garantindo a função reparadora e equalizadora.

Quando um estudante adulto e idoso é despertado para o uso das tecnologias digitais, nada tira dele o prazer de viajar por caminhos da conectividade. Para Kenski (2010, p. 19), as tecnologias “invadem as nossas vidas, ampliam a nossa memória, garantem nossas possibilidades de bem-estar e fragilizam as capacidades naturais do ser humano”. É por meio das aulas interativas, portanto, que a identidade do estudante da EJA se reconstrói, estabelecendo a compreensão de si, do outro e ressignificando sua vida através da tecnologia. Antes do ensino remoto, a maioria dos assentados da EJA não tinham muito acesso e conhecimento ao uso do *WhatsApp*, mas com as aulas não presenciais este aplicativo tornou-se fundamental para o acompanhamento dos roteiros das aulas. Os professores da turma contribuíram para a compreensão da funcionalidade da ferramenta. Assim, o uso desta ferramenta não serviu apenas para estudar, mas para integração de novas maneiras de comunicação, amenizando o impacto do isolamento social.

Conclui-se, portanto, que o ensino remoto ressignificou e fortaleceu novas concepções. Os estudantes da EJA compreenderam que a aprendizagem não ocorre apenas entre as paredes da sala de aula. É através da mediação do professor, seja presencial ou por meio de ferramentas digitais, e bons

recursos pedagógicos que a aprendizagem se efetiva. Portanto, esperamos ansiosamente que este trabalho sirva de um pontapé inicial para a melhoria do ensino da EJA nas nossas escolas, contribuindo assim, para o processo de ensino/aprendizagem, no que tange à melhoria dos relacionamentos interpessoais, qualidade de vida e inserção ao mercado de trabalho.

Referências Bibliográficas

- ARFELI, Daniela Aparecida Ferreira. **Proposta de leitura e letramento literário para estudantes da EJA.** 2018. 166 f. Dissertação (mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Maringá, 2018, Maringá, PR. Disponível em:< <https://cutt.ly/phhBKsw>>, 25 de fev. de 2021.
- BARBOSA, E. F. & MOURA, D. G. **Metodologias ativas de aprendizagem na Educação Profissional e Tecnológica.** B. Tec. Senac, Rio de Janeiro, v. 39, n.2, p.48-67, maio/ago. 2013.
- BERBEL, N. A. N. **As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes.** Semana: Ciências Sociais e Humanas, Londrina, v. 32, n. 1, p. 25-40, jan./jun. 2011.
- BRASIL, **Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação de Jovens e Adultos.** Parecer CNE/CEB nº 11/2000, aprovado em 10 de maio de 2000.
- _____. BRASIL. **Lei nº 9394. Diretrizes e Bases para a Educação Nacional.** Brasília, 1996.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia.** São Paulo, Editora Paz e Terra, 2007.
- _____. **Pedagogia do oprimido.** 11^a.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
- KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação.** 7. ed. Campinas, SP: Papirus, 2010.
- KNOWLES, M. S. **As raízes da Andragogia.** In: KNOWLES, M. S.; III, E. F. H.; SWANSON, R. A. **Aprendizagem de resultados: uma abordagem prática para aumentar a efetividade da educação corporativa.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.
- MOLLICA, M. C; LEAL, M. **Letramento em EJA.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- PEREIRA, Rodrigo. **Método Ativo: Técnicas de Problematização da Realidade aplicada à Educação Básica e ao Ensino Superior.** In: VI Colóquio internacional. Educação e Contemporaneidade. São Cristóvão, SE. 20 a 22 setembro de 2012.

A ERER E AÇÕES ENTRECRUZADAS EM TEMPOS DE PANDEMIA: INOVAÇÕES NECESSÁRIAS

Emanoela Roberto³⁰
 Mariana Roncada³¹
 Vitor Hugo Pissaia³²

Resumo

Este artigo contempla apreender acerca das ações pedagógicas entrecruzadas desenvolvidas em unidades escolares e DER Taquaritinga que dialogam com a temática transversal Educação das Relações Étnico-Raciais – ERER. Em busca de compreender o itinerário e a lógica dessa implementação, foram encontrados resultados importantes no fomento dessa temática, mesmo em tempos de distanciamento social, desde Março de 2020, devido à pandemia da COVID-19. Revela que ações integradas e integradoras propiciam um movimento dialético e protagonista e, portanto, um maior acesso às informações e práticas pedagógicas de maneira sustentável, bem como um caráter perene e contextualizado no combate ao preconceito racial e a busca efetiva da democracia racial.

Palavras-chave: ERER; COVID-19; Ações Entrecruzadas; Ensino Remoto.

Introdução

O mundo contemporâneo, se de um lado, já vem demandando por mais apropriação de conhecimentos acerca de temáticas educacionais da atualidade, do outro, novas demandas vêm se constituindo no período em que estamos vivenciando desde início de 2020, como o distanciamento social, reflexo da pandemia da COVID-19.

Nesse contexto, a temática transversal Educação das Relações Étnico-Raciais – ERER – não é exceção, na medida em que, além de ter um embasamento legal instituído, nos deparamos com diversas atitudes racistas e de intolerância veiculadas pelos meios de comunicação de massa que vão de encontro e, portanto, contrariam a sua lógica à luz da democracia racial.

As novas necessidades, impostas por esse novo cenário que experienciamos, nos conduzem a refletir na construção de ações pedagógicas articuladas/articuladoras e integradas/integradoras na perspectiva de uma sociedade de fato igualitária e equitativa, especialmente em tempos de ensino remoto.

Antes de adentrarmos na descrição da prática entrecruzada em questão, é salutar mencionar que a consolidação dessas ações até então, transcendem os muros da escola e estreitou relação entre outras escalas da educação pública estadual, como por exemplo, propiciaram a união de duas diretorias regionais de ensino (Pirassununga e Taquaritinga) em *live* de ATPC (Aulas de Trabalho Pedagógico Coletivo) de Ciências Humanas intitulada “*Educação Antirracista: o que é e como se faz*”³³, com o Prof. Ms. Raimundo Nonato da Silva Filho.

³⁰ Professora Coordenadora da EE "Dr. Antonio Moraes Barros" (Itápolis - SP).

³¹ Professora Coordenadora da EE "Profa. Iracema de Oliveira Carlos" (Ibitinga - SP).

³² PCNP de História e Sociologia da DER Taquaritinga.

³³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DhlJh1ZesE>. Acesso em 21 out. 2020.

No oportuno, à luz de ações entrecruzadas no fomento à temática ERER, a referida *live* implicou em uma extensão do periódico construído e organizado pelos interlocutores³⁴ da ERER da Diretoria de Ensino Região Taquaritinga (DER Taquaritinga), com a participação e colaboração de diversos parceiros e atores externos e da própria Diretoria de Ensino e unidades escolares sob sua jurisdição, materializando-se no periódico “*ERER em foco: espaço de ensaio e reflexão*” (1ª. Ed.³⁵), lançado em 11/09/2020 com *live*³⁶ realizada pela DER Taquaritinga.

No contexto de apresentar de que maneira o periódico ERER em foco (1ª. Ed.) dialogou com outras ações, convidamos os leitores a conhecer relatos das ações desenvolvidas pelas unidades escolares, demonstrando significativa contribuição e socialização de práticas pedagógicas de combate efetivo da intolerância e preconceito racial, como por exemplo, a EE Profa. Iracema de Oliveira Carlos, com a ação intitulada “*A Educação para Relações Étnico-Raciais: o uso de lives e projetos didáticos, em tempos de pandemia*”³⁷ e a ação da EE Dr. Antônio Moraes Barros, com o título “*Diálogos sobre o Racismo: um papo necessário em todos os cantos da sociedade*”, do Projeto “*Narrativas Digitais – Racismo: precisamos falar sobre isso*”³⁸.

No sentido de buscar sistematizar a descrição das práticas desenvolvidas em diversas dimensões, apresentaremos o relato em três momentos: o primeiro, as ações da EE Profa. Iracema de Oliveira Carlos, o segundo, da EE Dr. Antônio Moraes Barros e, por último, da DER Taquaritinga.

- EE Profa. Iracema de Oliveira Carlos - A Educação para Relações Étnico-Raciais: o uso de *lives* e projetos didáticos, em tempos de pandemia”

Para a Escola Estadual Professora Iracema de Oliveira Carlos, situada na cidade de Ibitinga- SP, Diretoria de Ensino Região Taquaritinga, o tema retratado sempre foi muito presente nas práticas docentes, principalmente nos componentes curriculares da área de Ciências Humanas. Além de contarem com objetos de estudo presentes no Currículo Paulista e em seus materiais de suporte - livros e apostilas que utilizam -, os professores desta unidade sempre trouxeram a temática “à tona” por meio de bons questionamentos e propostas de discussões em sala de aula. Em 2020, não seria diferente.

Cabe aqui, referenciar que a Educação das Relações Étnico-Raciais, nas últimas décadas, passou a fazer parte das preocupações educacionais, com o estudo sobre políticas de reparação e valorização, a superação das desigualdades, o enfrentamento da discriminação racial, a xenofobia, a não normalização a

³⁴ Supervisora Gláucia Bertelli dos Reis e PCNP de História e Sociologia Vitor Hugo Pissaia.

³⁵ Disponível em: <https://mídiasstoragesec.blob.core.windows.net/001/2020/09/erer-em-foco-1a-edio.pdf>. Acesso em 22 de out. 2020.

³⁶ Disponível em: <https://www.Facebook.com/detaquaritinga/videos/3452159604840221/> . Acesso em 22 out. 2020.

³⁷ Disponível em: <https://dertagnpe.blogspot.com/2020/06/roteiro-de-atividades-historia-profa.html?m=1> . Acesso em: 22 out. 2020.

³⁸ Disponível em: <https://dertagnpe.blogspot.com/2020/10/projeto-narrativas-digitais-racismo.html> . Acesso em: 22 out. 2020.

qualquer tipo de intolerância. Evidencia-se também os debates em várias esferas de nossa sociedade, através de declarações, pactos, convenções, cartas e legislações que regulamentam o aprendizado da ERER.

Um exemplo a ser apresentado é a Lei 10.639/03³⁹, considerada um marco nas relações étnico-raciais, que estabelece que os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros devem ser ministrados no âmbito de todo o currículo escolar.

Assim, apesar de estarmos vivenciando a pandemia do novo Coronavírus (Sars-CoV-2), onde o isolamento social fora implantado em nossas escolas com suspensão das aulas presenciais (como mencionado no início deste artigo), a E.E. Profª. Iracema de Oliveira Carlos procurou novas alternativas para garantir o aprendizado remoto. À vista desse cenário e da necessidade de algum projeto que aproximasse os estudantes, seus responsáveis e os professores, a escola iniciou seu projeto de *lives* organizando os temas e pensando em necessidades detectadas.

A organização de cada *live* seguiu uma metodologia estabelecida pela Comissão Organizadora (composta pelo Diretor Mateus Sebastião da Silva, a Professora Coordenadora Mariana Roncada, os professores Mário Celso Corrêa Junior, Marielli Franceschini Semeghini, Jardel Belo e Gislaine Erba Secfém Rodrigues) e envolvendo os seguintes procedimentos norteadores: reuniões de escolha de tema; reunião prévia com os convidados escolhidos; elaboração de pauta; divulgação; o evento propriamente dito; reunião de avaliação final e *feedback*. Para a escola, o maior desafio fora escolher os temas mais importantes e significativos para o público-alvo e, entre variadas temáticas, a ERER não ficaria de fora.

Assim, dentre várias *lives* realizadas, deve-se mencionar a décima segunda *live*⁴⁰, na qual fora tratado o tema migração com enfoque em identidades e desafios. Os convidados foram Jorge Luis Torres Cuicapusa, natural do Peru, formado em Teologia e Antropologia Religiosa e, Gaelle Pierre, natural do Haiti - Porto Príncipe, formada em curso técnico de Administração e que também cursa Farmacologia e Designer Gráfico. Gaelle é fluente em francês, creolle e estuda alemão e inglês, além da língua portuguesa. Eles participaram da *live* junto às professoras Érica Leandra Marques Batista e Lenita Senapeschi Turco Roncada e com o Diretor Mateus Sebastião da Silva, que atuou como mediador. Foram discutidos os temas preconceito, diferenças entre línguas, acolhimento e identificação com nova comunidade e como é a visão de nossos convidados, hoje, a respeito dos seus países de origem. Nesta *live*, pode-se afirmar que a ação mobilizou mais do que a comunidade escolar, pois ultrapassou-se 2000 visualizações no *Facebook*,

³⁹ "Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.
§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras. (BRASIL, 2003).

⁴⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ClyqhZly4U>. Acesso em 22 nov. 2020.

alcançando grande visibilidade com esta temática.

Além desta, realizou-se também a vigésima primeira *live*, no mês de novembro, com a temática: “*Além da Consciência*”. Contou-se com os profissionais na área da beleza Stefanie Rosa, cabeleireira especializada em tranças e Bruno Ribeiro, cabeleireiro e maquiador profissional, além da estudante do 9º ano do Ensino Fundamental Nátally Raíssa Cerqueira Cruz, em companhia das mediadoras Professora Alexandra de Paula Santos e a Profa. Coordenadora Mariana Roncada. Neste momento, houve a oportunidade à reflexão sobre a Consciência Negra, ressaltando também a importância da beleza afro, da quebra de estereótipos e padrões, da valorização da cultura, dos costumes, enaltecedo a beleza, e, reconhecendo a importância de sua valorização. Como resultado, além das devolutivas positivas de nossa comunidade escolar, a ação alcançou mais de 1000 visualizações no *Facebook*, afirmindo o êxito da temática.

Ainda no mês de novembro, realizou-se um projeto interdisciplinar sobre a Consciência Negra, através de vídeos elaborados pelos professores e estudantes da unidade escolar, divulgados nas redes sociais (*Facebook*, *Instagram* e *whatsapp*), apresentando legislações e diretrizes sobre a ERER, importantes personalidades negras, além de denunciar injustiças ainda presentes em nossa sociedade. Nesta ação, o resultado quantitativo não pode ser mensurável, visto que com o uso de variadas mídias, a dimensão torna-se ilimitada.

Outro trabalho exitoso na E.E. Profª Iracema de Oliveira Carlos, envolvendo aqui o componente curricular de História, foi o projeto “*Desafio: diálogos com Gobineau, o suposto ‘desaparecimento’ do Brasil*”. A iniciativa da Profa. Alexandra de Paula Santos, direcionada aos discentes das 3ª. séries do Ensino Médio, resultou em maravilhosas reflexões, apresentadas por meio de vídeos.

Por meio de suas aulas e dos roteiros de atividades, Profa. Alexandra iniciou o projeto apresentando aos seus estudantes Joseph Arthur de Gobineau e suas ideias do século XIX. Nascido na França, Joseph exerceu atividades como filósofo, escritor e diplomata, onde suas teorias sobre o racismo foram consideradas as mais importantes entre estudiosos do tema. Ele inventou uma genealogia falsa que o colocava como parte de uma família da alta aristocracia, conseguindo tornar-se um funcionário do governo em um alto cargo.

Após escrever o livro “*Ensaios sobre a desigualdade das raças humanas*”, conseguiu o reconhecimento que tanto almejava. Aqui, os estudantes puderam refletir sobre esse ensaio e compreender que esta obra é considerada um dos estudos pioneiros sobre temas como racismo e eugenia com publicação no século XIX.

Após discussões e muito estudo, o desafio estaria lançado: “*como Gobineau reagiria ao Brasil atual, visto que sua ideia de eugenia não se cumprira?*”. Os estudantes dessa unidade escolar aceitaram o desafio e através de seus vídeos problematizaram e reforçaram a não aceitação de práticas, ideias e discursos racistas.

Para a EE Profª. Iracema de Oliveira Carlos, a iniciativa de realização de *lives*, de projetos e trabalhos envolvendo a temática ERER, tem sido uma escolha assertiva da equipe escolar, pois tem proporcionado momentos para construção de conhecimentos e provocado reflexões importantes para nossa comunidade escolar.

Deve-se mencionar também que apesar do êxito obtido com as iniciativas apresentadas, são muitos os desafios a serem superados e que o ensino remoto está distante de suprimir todas as demandas educacionais, mas também pode-se afirmar que muito se foi descoberto, muito se foi superado, muito se foi apreendido e que esta unidade escolar, assim como todas as escolas, busca diferentes estratégias (mesmo com o isolamento social) para o efetivo ensino da Educação das Relações Étnico-Raciais.

- EE Dr. Antônio Moraes Barros – “Diálogos sobre o Racismo: um papo necessário em todos os cantos da sociedade”

Com relação à EE Dr. Antônio Moraes Barros, situada na cidade de Itápolis, para que as práticas fossem realizadas, e suas ações planejadas e implementadas, seria preciso levantar fatos cotidianos que ao menos instigassem a curiosidade ou até mesmo a indignação dos estudantes, como por exemplo, acontecimentos que ocorreram no ano corrente: a morte do adolescente João Pedro no dia 19 de maio de 2020 durante uma ação policial no Rio de Janeiro; a morte de George Floyd que foi asfixiado pelo joelho de um policial em Nova Iorque no dia 25 de maio de 2020; em 02 de junho de 2020, a morte do menino Miguel, que caiu do prédio em que a mãe trabalhava como empregada doméstica no centro de Recife.

Assim, os questionamentos em relação aos efeitos que tais ações violentas e racistas desencadearam, provocaram nos estudantes e na comunidade escolar da EE Dr. Antônio Moraes Barros a necessidade de se discutir sobre o tema.

No período de 06/06/2020 ao dia 30 do mesmo mês surge a ação aqui relatada, com base em uma análise multidisciplinar que transcende objetos do conhecimento e toca o currículo oculto, com vista a influenciar um posicionamento crítico e justo a saber-se em diferentes áreas da sociedade. A primeira manifestação parte da análise provocativa *“O que essas mortes têm em comum?”*. Nesse sentido, mesmo vivenciando o distanciamento social devido a Pandemia COVID-19, acontecimentos concretos como esses suscitam uma reflexão mais aprofundada acerca dos fatores que os geraram.

Na perspectiva de responder à questão a pouco apresentada, o que os torna comuns é porque eram pretos, o que já os classifica como minoria, não porque são em menor número, mas porque sofrem com a desigualdade de direitos, apesar dos inúmeros textos legais de garantia de direitos.

Com o intuito de apreender mais sobre os acontecimentos veiculados dia após dia pelos meios de comunicação em massa, a equipe da EE Dr. Antônio Moraes Barros buscou transcender as discussões num exercício de estranhamento e desnaturalização do real; ou seja, superar os comentários baseados no senso comum, muitas vezes sensacionalistas, a partir do fomento de diálogos acerca do tema, não em um tom

de julgamento. O intuito era construir pontes e não provar pontos, falar em direitos humanos, estereótipos e preconceitos racistas, em busca de diferentes conhecimentos que embasem não só a conscientização, mas escolhas que nos levam a uma sociedade democrática, justa e igualitária, a qual o outro é uma extensão de mim e não uma parte separada. Afinal, o todo se faz de todas as partes, e sem uma delas, este fica desfeito, falho.

É essa a indagação que nos leva a pensar as relações étnico-raciais na sociedade, assim como na escola; o que é natural, o que não o é, e o que foi “naturalizado” devido a estrutura social em que os privilégios e meritocracia são evidentes. Afinal, tal tema deve ser parte imprescindível e integrador das práticas educacionais e sociais, e não só em datas com objetivos específicos, pois as injustiças não marcam horário e data, ocorrem em meio ao cotidiano atropelado. Há que se criar uma relação de cidadania e justiça não só para observar atos próprios, mas também para intervir a partir dos Direitos Humanos, integrando toda a diversidade em princípios éticos respeitosos e dialógicos.

A construção de ações concretas de reparação, (re)conhecimento e valorização é um desafio e demanda reflexão crítica e humana, pautada em princípios éticos, políticos e igualitários. Nesse contexto, a educação tem a função de instigar os diferentes conhecimentos, (re)educação das relações a fim de superar ideologias, desigualdades, preconceitos e estereótipos racistas, em busca da fundamentação de uma cultura de paz, não só no ambiente escolar, e sim em quaisquer contextos sociais, em especial naqueles que os atos de violência são mais frequentes.

Em tempos de pandemia, a escola, como mediadora do processo de ensino-aprendizagem e responsável pela formação cidadã e ética, bem como protagonista do estudante, encontrou um caminho que trouxesse um produto final a ser usado como meio de veiculação da informação na sociedade: o ensino remoto. Nesse contexto e para que se posicionasse de maneira crítica e dialógica, explicitando a estrutura racista e como enfrentá-la, nasce, na EE Dr. Antônio Moraes Barros, o Projeto "*Diálogos Sobre o Racismo*"⁴¹.

Professores de diferentes componentes curriculares nas áreas de Humanas, Linguagens e Códigos e Inova Educação (Tecnologia, Projeto de Vida) promoveram uma profunda reflexão sobre os diferentes fatos da atualidade e do passado através da aula coletiva pelo aplicativo *Teams* para todos os estudantes que quisessem, assim como membros da comunidade escolar.

Na área de Humanas, o professor de história Fabio Torre trabalhou com o tema “*Trans (parentes)*” falando do racismo em uma perspectiva histórica, enquanto o Prof. José Antônio de Araújo, do componente curricular de Geografia, explorou o tema “*Preto ou negro? Eis a questão*”, com discussão acerca das nomenclaturas e expressões racistas, naturalizadas na sociedade.

Na área de Linguagens e Códigos, a professora de Língua Estrangeira Moderna – Inglês, Profª. Larissa

Rondelli Costa, discutiu a publicação “*The last 8 minutes*”, analisando a notícia veiculada no jornal *The New York Times* e o movimento “*Black lives Matter*” e seus efeitos no mundo. Já a Profª. Marília Campos Arruda, de literatura e projeto de vida, trouxe análise detalhada da obra “*Quarto de despejo*”, livro-diário que traz o cotidiano de uma das tantas mulheres negras que lutaram, incansavelmente, para sobreviverem através do questionamento “*Quantos preconceitos cabem no diário de uma favelada? Carolina de Jesus*”, instigando os estudantes a refletirem não só o racismo e seus desdobramentos como também a desigualdade social e as habitações informais que nascem da falta de oportunidades enraizadas na escravidão. A Profª. Viviane Assis explorou o tema “*Vagas Escarlates- Navio Negreiro*”, incitando uma conversa sobre Castro Alves e a 3ª Geração Romântica da escola literária da poesia brasileira, também chamada de Condoreira, fase literária que se inicia no Brasil com o interesse pelos problemas sociais brasileiros, sobretudo a escravidão dos negros. A Professora Liliana de Godoy Brumatti falou sobre “*A figura do Negro através da Arte*”, trazendo as influências africanas nas produções brasileiras, e o componente curricular como a manifestação humana comunicativa das injustiças atreladas a emoção, em um viés provocativo para aprender a aprender, na perspectiva da observação e intervenção, a linguagem como expressão de quem sou e de denúncia de realidades.

No componente Inova Educação (Tecnologia, Projeto de Vida), além da Profª. Marília Campos Arruda e seu tema já supracitado, a Professora Kauana Mercaldi, do componente de Tecnologia, orientou os estudantes em relação aos programas e a curadoria de conteúdos da internet. O produto, como já mencionado, foram narrativas digitais publicadas e compartilhadas no *Facebook*⁴² da escola e os resultados se apresentaram positivos.

A intenção de apresentar dados que constatam a ação articulada entre os diversos componentes curriculares e suas respectivas áreas do conhecimento e das mesmas em um trabalho, traz uma dimensão maior e desafiadora em tempos de pandemia causada pela COVID-19 e isolamento social. As narrativas digitais tiveram em média 200 visualizações e entre três e cinco compartilhamentos cada uma, trazendo uma visibilidade expressiva dos produtos finais produzidos pelos estudantes da unidade escola.

Baseados nas discussões e conversas com os professores das diferentes áreas, nota-se uma ligação entre o que lhes foi apresentado, uma vez que houve a aprendizagem e a réplica desta através de arquivos

⁴² Disponível em: <https://www.Facebook.com/100009546485977/videos/2636664596661731>; Acesso em 25 nov. 2020.

Disponível em: <https://www.Facebook.com/100009546485977/videos/2640421379619386>; Acesso em 25 nov. 2020.

Disponível em: <https://www.Facebook.com/100009546485977/videos/2640424166285774>; Acesso em 25 nov. 2020.

Disponível em: <https://www.Facebook.com/100009546485977/videos/2630982207229970>; Acesso em 25 nov. 2020.

Disponível em: <https://www.Facebook.com/100009546485977/videos/2629778700683654>; Acesso em 25 nov. 2020.

Disponível em: <https://www.Facebook.com/100009546485977/videos/2634047126923478>. Acesso em 25 nov. 2020.

multimídias, consolidando um projeto transdisciplinar e rompendo com os padrões tradicionais de ensino em um calendário de datas instituídas. Ou seja, vinculando à escola como espaço de debate e reflexão sobre as diferentes demandas sociais, observando questões éticas, estéticas e ambientais e voltadas para a produção de vídeos que externalizem e possibilitem a construção de mais pontes, favorecendo assim, uma sociedade ética, estética e acima de tudo humana, focado na ERER - Educação das Relações Étnico-Raciais com um espaço privilegiado na instituição escolar.

- Diretoria de Ensino Região de Taquaritinga - “Periódico ERER em foco: espaço de ensaio e reflexão”

A prática desenvolvida pela DER Taquaritinga “*Periódico ERER em foco: espaço de ensaio e reflexão*”, contou com diversos atores e uma sequência de ações desenvolvidas. Coadunando com a questão de distanciamento social, o periódico utilizou-se de ferramentas digitais (aplicativo gratuito Canva) para a sua elaboração e diagramação, bem como do uso da internet para postar no Site Oficial da DER Taquaritinga e disponível a todos os que tivessem interesse.

A pertinente ação teve como ponto inicial o diálogo entre os interlocutores da ERER na DER Taquaritinga, do qual foi se construindo um rol de ações, como a criação de dois personagens através do aplicativo (Emoji) – Iarinha (homenagem a grande guerreira indígena Iara) e Ganguinha (homenagem ao grande líder do Quilombo dos Palmares). O intuito foi apresentar a temática numa perspectiva lúdica e de sensibilização, bem como veicular um vídeo⁴³ animado produzido que foi enviado por *E-mail* e *WhatsApp* às equipes gestoras de todas as unidades escolares sob jurisdição da DER Taquaritinga, para que pudesse ser replicado aos profissionais da educação.

No sentido de subsidiar a construção da 1ª. Edição do periódico, os interlocutores da ERER copilaram diversas informações de ações desenvolvidas pelas unidades escolares e veiculadas por *lives* e diálogos com os docentes da Área de Humanas e com Professores Coordenadores, estreitando e consolidando parcerias.

Vale ressaltar que a 1ª. Edição do periódico buscou contextualizar a temática ERER em sua construção histórica, embasamento legal, como está posta na BNCC e no novo Currículo Paulista e apresentando estudos acadêmicos, promoção de espaços de cambiar e de socializar indicações de diversas referências bibliográficas, vídeos, *live*, entre outras.

Com o intuito de socializar o periódico, a DER Taquaritinga realizou o lançamento com *live*⁴⁴ no dia 11/09/2020, tendo 1.600 visualizações. Tal feito propiciou a consolidação de parceria entre duas Diretorias Regionais de Ensino – Taquaritinga e Pirassununga, com a realização da *live*⁴⁵ “*Educação Antirracista: o que*

⁴³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OWR2u4719pA&feature=youtu.be>. Acesso em 30 out. 2020.

⁴⁴ Disponível em: <https://www.facebook.com/detaquaritinga/videos/3452159604840221>. Acesso em 30 de out. 2020.

⁴⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DhlJh1ZesE> (DER Pirassununga) e

é e como se faz” no dia 29/09/2020 com o Prof. Ms. Raimundo Nonato da Silva Filho, contando com participação de aproximadamente 400 pessoas e 1.270 visualizações pela DER Pirassununga até o dia 14/11/2020, além de 1.600 visualizações pela DER Taquaritinga até o dia 14/11/2020.

No sentido de dar prosseguimento às proposições suscitadas pela *live* mencionada acerca de realizarmos ações efetivas de compreendermos como a questão étnico-racial está presente nas instituições educacionais (DER Taquaritinga e unidades escolares estaduais de sua jurisdição), foi realizada a pesquisa “*A questão étnico-racial e DER Taquaritinga: um olhar para si*”, com o uso de formulário *online* e encaminhadas por meios digitais (*E-mail* e *WhatsApp*) a todos os profissionais da educação dessas instituições. Contando com 904 profissionais que participaram da pesquisa (78,1% dos profissionais lotados), os dados coletados foram tabulados e analisados e elaborado um Relatório⁴⁶ com todas as informações pertinentes (justificativa, objetivos, desenvolvimento, estratégias e cronograma de execução, considerações finais, referências, anexos).

Coadunando com a 1ª. Semana “Iguais pela diferença: sonhos e direitos possíveis”, organizada pela DER Taquaritinga, os resultados desta pesquisa foram apresentados através da *live*⁴⁷ no dia 19/11/2020 às 13h30, bem como a *live* “*Conectando vidas de mulheres negras: da ancestralidade à luta*”⁴⁸, ministrada por Helô Silva⁴⁹ (15h), com a participação, ao vivo, de 392 e 328, e até o dia 24/11/2020 com 2.400 e 1.947 visualizações, respectivamente.

Portanto, considerando o universo educacional, amplo e complexo e o distanciamento social, ações educacionais entrecruzadas de viés inovador, como o uso da *live* e do periódico (disponibilizado no formato *online*), constata a concretização de uma articulação ampla e de considerável alcance.

Metodologia

Esse trabalho teve como abordagem a pesquisa qualitativa, caracterizada como uma investigação que visa abordar como a temática transversal Educação das Relações Étnico-Raciais – ERER foi desenvolvida e tratada nas ações entrecruzadas de gestão educacional e práticas pedagógicas nas dimensões unidade escolar (equipe gestora, docentes e estudantes), DER Taquaritinga interlocutores da ERER, Núcleo Pedagógico, Supervisão) e profissionais educadores/pesquisadores.

Diante desse contexto, a coleta de dados foi realizada junto aos documentos publicados (boletins, periódico, vídeos, roteiros de estudo) no site oficial da DER Taquaritinga e no Blog do Núcleo Pedagógico

⁴⁶ https://www.facebook.com/watch/live/?v=255540542435357&ref=watch_permalink (DER Taquaritinga).

Acesso em 30 de out. 2020.

⁴⁷ Disponível em: <https://www.facebook.com/336329519841094/videos/842882139781651/>. Acesso em: 25 nov. 2020.

⁴⁸ Disponível em: <https://www.facebook.com/detaquaritinga/videos/380830759855288>. Acesso em: 25 nov. 2020.

⁴⁹ Disponível em: <https://midiasstoragesec.blob.core.windows.net/001/2020/11/projeto-erer-e-relatrio-.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2020.

⁴⁹ Coordenadora Nacional de Mulheres Negras e Vice Presidenta da UNEGRO/ES.

– NPE da DER Taquaritinga, bem como em redes sociais das escolas parceiras, que abordaram a temática ERER no período de distanciamento social e com o uso do ensino remoto.

Nesse trabalho foram analisados os aspectos relevantes que dialogaram com a temática ERER, que oportunizaram aos educadores o acesso às informações contextualizadas sobre tal temática e que propiciaram aos educandos a possibilidade de acesso alternativo às informações (*live, Blog, Site Oficial*), verificando assim seu efetivo protagonismo e apreensão positiva (envolvimento e participação em *live* e produções de vídeos) em prol de uma sociedade possível mais justa, igualitária e equitativa.

Resultados

A aplicabilidade do projeto se deu por meio de ações integradoras entre as unidades escolares e a DER Taquaritinga. As ações pertinentes foram registradas por meio de diversas formas (*Blog, Site oficial, periódico, YouTube, Boletins etc.*). Tal aplicabilidade considerou e utilizou-se de adaptações necessárias em atendimento ao momento em que vivenciamos no distanciamento social.

Nesse contexto, a visualização dessas mídias permitiu não só o estreitamento entre as ações e seus respectivos atores envolvidos direta e indiretamente, mas também o acompanhamento da interação entre estes e o estudo e reflexões sobre a temática ERER.

Após essas observações, os interlocutores da DER Taquaritinga e os Professores Coordenadores das unidades escolares mencionados articulavam-se entre si, e estes com seus pares em nível de unidade escolar. Posteriormente, a análise sistemática dessas ações veiculadas propiciou condições concretas para compilar essas informações e construir o periódico, obtendo seu *feedback* com o uso da live. Ou seja, um processo contínuo de retroalimentação no fomento à temática ERER.

Nesse sentido, as ações desenhadas, desenvolvidas e implementadas implicaram em resoluções propositivas e positivas, como: vínculos estreitados e fortalecidos em diversas dimensões institucionais (unidades escolares, DER, COPED etc.), de profissionais (docentes, equipes gestoras, colaboradores, PCNP, Supervisores etc.) e estudantes, sendo possível observar o protagonismo desses atores, mesmo em condições inusitadas.

Afirma-se que o presente trabalho buscou demonstrar o alinhamento dessas ações entrecruzadas e sua lógica com a intencionalidade de práticas docentes noutras instituições escolares, possibilitando revisitar materiais produzidos e obter subsídios concretos e possíveis de implementação, respeitando suas especificidades. Portanto, tais procedimentos apresentaram evidências comprobatórias e assertivas no tratamento eficaz da temática transversal tão importante e necessária: a Educação das Relações Étnico-Raciais – ERER.

Considerações Finais

As ações que dialogam com a temática transversal Educação das Relações Étnico-Raciais – ERER

apresentadas neste artigo demonstram que, por convivermos em tempos de distanciamento social, se faz necessária a utilização de novas estratégias para consolidação das práticas pedagógicas, implicando na necessidade do aumento de tecnologias digitais da informação, da qual, é possível conectar ainda mais o mundo físico e o virtual, proporcionando assim projetos educacionais que ultrapassam as barreiras físicas, ampliando sua dimensão, tornando-se global, bem como em busca de atingir a Competência Geral 5 da BNCC⁵⁰.

Assim, por meio das ações pedagógicas planejadas e entrecruzadas apresentadas até aqui, demonstraram postura resiliente, colaborativa e articulada entre as instituições e os atores envolvidos. Portanto, numa espécie de contramão das notícias veiculadas de vieses discriminatórios, excludentes e intolerantes, os trabalhos desenvolvidos e entrecruzados corroboraram com o estreitamento e não afastamento frente à temática ERER, na medida em que utilizaram de estratégias que superaram os obstáculos do distanciamento espacial e social, ou seja, um exercício dialético de ressignificação e possibilidades diante a um novo cenário conjuntural posto.

Referências Bibliográficas

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em 22 nov. 2020.

_____. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.** Brasília: MEC, 2004. Disponível em: <http://www.uel.br/projetos/leafro/pages/arquivos/DCN-s%20-%20Educacao%20das%20Relacoes%20Etnico-Raciais.pdf>. Acesso em 22 nov. 2020.

_____. **Lei 10.639 de 9 de janeiro de 2003.** D.O.U. de 10 de janeiro de 2003.

_____. **Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais.** Brasília: MEC, 2006. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/orientacoes_etnicoraciais.pdf. Acesso em 22 nov. 2020.

GOBINEAU, Joseph Arthur. **Ensayo sobre la desigualdad de las razas humanas.** Barcelona: Editorial Apolo, 1937.

PISSAIA, Vitor Hugo Pissaia. REIS, Gláucia Bertelli dos. (Org). **Periódico ERER em foco: espaço de ensaio e reflexão.** Periódico. 1ª. Edição, Núcleo Pedagógico – Diretoria de Ensino da Região de Taquaritinga, 2020. Disponível em: <https://midiasstoragesec.blob.core.windows.net/001/2020/09/erer-em-foco-1a-edio.pdf>. Acesso em 22 de out. 2020.

⁵⁰ “Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.” (BNCC, 2018. p. 9).

**DESAFIOS DO PROFESSOR NA IMPLEMENTAÇÃO DE PROJETOS CULTURAIS MEDIADOS POR
TECNOLOGIA: O SARAU INDÍGENA DIGITAL REALIZADO NA ESCOLA ESTADUAL PROFESSOR VICTOR
MIGUEL ROMANO**

Bianca Regina de Oliveira⁵¹
Fernanda Mota de Oliveira⁵²
Solange Damião⁵³

Resumo

No terceiro bimestre de 2020 o corpo docente e a equipe gestora da Escola Estadual Professor Victor Miguel Romano organizaram um projeto multidisciplinar e interdisciplinar *online* que mobilizou a participação de um número alto de estudantes em torno da visibilidade da questão indígena no país. O Projeto Cultural “Sarau Indígena Digital” teve aderência das diferentes faixas etárias que a escola atende, bem como contou com a participação da maioria dos professores, de todas as áreas do conhecimento. Utilizamos como estratégias principais a articulação dos professores em reuniões *online*, o contato com os estudantes por meio dos grupos no *WhatsApp*, das salas de aula digitais do *GoogleClassroom*, da página da escola no *Facebook* e sobretudo por meio do blog da escola. E como meio de exposição do trabalho realizado e apresentação à comunidade escolar dos frutos desse trabalho, os recursos oferecidos pelo *Padlet* e pelo programa de webconferência *Teams*, onde o sarau *online* foi de fato realizado.

Palavras-chave: Cultura Indígena; TIC; Interdisciplinaridade; Multidisciplinaridade.

Introdução

O presente artigo apresenta-se como um relato crítico-reflexivo acerca das práticas pedagógicas conduzidas no projeto cultural “Sarau Indígena Digital”, realizado com o Ensino Fundamental Anos Finais e o Ensino Médio da Escola Estadual Professor Victor Miguel Romano. O projeto teve como temática a cultura indígena, conscientizando os estudantes a respeito da riqueza cultural das diversas etnias indígenas e da importância em respeitá-las e salvaguardá-las.

Atualmente, as metodologias de ensino-aprendizagem se reinventam, pois estamos cada vez mais informatizados e é preciso se adequar a uma realidade tão fortemente marcada pelo uso da tecnologia. As escolas estaduais de São Paulo pretendiam seguir com esses planos de modernização do currículo escolar, dos materiais didáticos e das práticas pedagógicas e haviam incluído o curso de Tecnologia e Inovação na grade escolar como parte desse processo. Porém, a pandemia fez com que esse processo se intensificasse e com que os professores tivessem que se adaptar às metodologias ativas e possibilidades do ensino

⁵¹ Bianca Regina de Oliveira é Especialista em Docência no Ensino Superior pela Universidade Paulista, biancaroliveira@prof.educacao.sp.gov.br

⁵² Fernanda Mota de Oliveira é licenciada em História pela Universidade Federal de São Paulo, fmotaoliveira@prof.educacao.sp.gov.br

⁵³ Solange Damião é especialista em Linguística aplicada em língua portuguesa pela Universidade Nove de Julho, solangedamiao@prof.educacao.sp.gov.br

remoto.

A Escola é uma instituição que reflete as mudanças na sociedade, portanto, pode-se afirmar que nada é definitivo na Educação e o processo de ensino-aprendizagem deve se adequar às circunstâncias. O profissional da educação deve ser adaptável e buscar constantemente se atualizar e estar sintonizado com as mudanças e tendências sociais, para que possa oferecer um ensino de qualidade e relevante, e até mesmo como uma estratégia para facilitar um bom desempenho entre os estudantes, já que esses respondem melhor a uma aprendizagem significativa, que dialogue diretamente com a realidade social em que vivem e/ou que parte dos seus repertórios iniciais. Assim, a validade da escola como instituição permanece e como é uma instituição obrigatória e tão importante para a socialização e formação das pessoas da nossa sociedade, é preciso lidar com um extenso currículo social e com questões pertinentes a nossa realidade. O Sarau Virtual que organizamos atingiu esses objetivos, tanto na escolha da temática como nos procedimentos adotados.

No Brasil há 817.963 indígenas, de acordo com o Censo Demográfico realizado pelo IBGE em 2010. São uma parcela significativa da população e que são parte da nossa herança sanguínea e cultural. Por isso, a pertinência em colocar como temática a preservação e transmissão da cultura indígena, assim como pontuar questões sociais que se relacionam com a identidade e sobrevivência indígena. Cabe destacar que o senso de que a população indígena não é um bloco homogêneo permeou todo o processo, pois de acordo com o Censo supracitado, há 305 etnias indígenas diferentes e 274 línguas indígenas.

Em relação aos procedimentos adotados, optamos por utilizar algumas TICs (Tecnologias da informação e Comunicação) como ferramentas para atingir o máximo de estudantes possíveis e para a própria viabilidade do evento via ensino remoto. Combinamos que algumas etapas seriam assíncronas, pois seriam dedicadas ao preparo do sarau e à confecção das atividades pelos estudantes, mas que a etapa final seria síncrona, se tratando da realização do próprio sarau em si, por meio de webconferência pelo aplicativo *Teams*.

Um projeto sobre a cultura indígena na Educação

Apesar dos índios serem povos originários do Brasil e de serem uma parcela expressiva da sociedade, são perceptíveis a falta de compreensão e o estranhamento, às vezes, até mesmo traduzidos em preconceito, com que grande parcela da sociedade brasileira os enxerga. A cultura (ou as culturas) indígena (s) realmente tem suas próprias especificidades, se fundamentando na oralidade, por meio da qual cada indivíduo aprende os saberes relacionados ao seu povo diretamente com os seus ascendentes.

A educação indígena também é uma forma de socialização, que não incorpora somente valores e conhecimentos formais, mas também influencia na conduta, na representação e na continuidade da cultura, disseminando ações, crenças e costumes necessários à sobrevivência e identidade da comunidade.

Segundo Luciano (2006, p.130):

Os pais e avós são responsáveis por transmitir aos seus filhos ou netos, desde a mais tenra idade, a sabedoria aprendida de seus ancestrais. Assim, as crianças desde cedo vão aprendendo a assumir desafios e responsabilidades que lhes permitem inserir-se na vida social e o fazem, principalmente, por meio da observação, da experiência empírica e da autorreflexão proporcionados por mitos, histórias, festas, cerimônias e rituais realizados para tal fim. Os bons exemplos dos pais, dos irmãos mais velhos e dos líderes comunitários são fundamentais para o desenvolvimento do caráter, das atitudes, dos comportamentos, das virtudes e das habilidades de uma pessoa, indispensáveis para a vida individual e boa convivência social.

Apesar de algumas etnias indígenas se manterem isoladas, e de outras preferirem que a educação seja inteiramente dentro da aldeia, algumas outras têm um contato maior e mais frequente com os não-indígenas e acabaram se adequando a lutar por suas pautas e pela sua cidadania dentro do território brasileiro, estudando também dentro de escolas como as nossas ou em escolas semelhantes às nossas (em território indígena). Apesar de a princípio a ideia de estudar com uma educação não-indígena ser rejeitada como forma de aculturação, para esses povos ela significa uma forma de preservação e de fortalecimento da identidade indígena.

E por isso, é imprescindível que haja o respeito à diferença bem como a noção de empatia e alteridade sejam trabalhadas em sala de aula, visto que o indígena não apenas faz parte da população brasileira, mas ocupa também seu lugar junto aos centros urbanos e pode até mesmo ser estudante e colega de classe. Contudo, observa-se que esta prática é bastante falha quando se trata da pedagogia tradicional, por ser autoritária, vislumbrando apenas um tipo de prática educativa e se utilizando de metodologias ortodoxas e muitas vezes, ultrapassadas, que não estimulam e nem facilitam o ensino-aprendizagem.

Assim, se destaca a legitimidade da socialização como função da escola, que deve ser orquestrada da maneira mais tolerante e inclusiva pela escola, pois nem todos os estudantes são reconhecidos como parte integrante da sociedade (FREIRE, 1996). O escritor e professor brasileiro indígena, Daniel Munduruku, compartilha do mesmo pensamento e expressa isso em sua narrativa:

As pessoas evitam o preconceito com o conhecimento. Todos excluem menos quando convivem com a diferença. Em tudo que faço ressalto o fato de os povos indígenas serem muito diferentes da maioria da população brasileira, mas que essa diferença precisa ser aprendida para ser respeitada (MUNDURUKU, 2004).

Para tratar da questão indígena na Educação é preciso também responsabilidade para não cair nos perigos de tratar de modo caricato, superficial e simplista, tais como costumam ser tratadas no “dia do Índio” em diversas escolas. Segundo relato de uma estudante de licenciatura (BONIN, 2015):

Tenho uma filha, de 7 anos e hoje resolvi olhar o caderno dela para ver o que a professora havia feito no dia 19 de abril. Fiquei surpresa quando vi a folha de xerox colada no caderno dela, com uma figura de índio numa oca, de arco e flecha, no meio de árvores, e escrito “para colorir”, e mais abaixo, em letras grandes, “19 de abril: Dia do Índio!”. Parecia que eu havia voltado no tempo. Era

só uma imagem, mas fiquei pensando que é esse o índio que ficará guardado na memória das crianças, como ficou na minha. Aquela figura, nua, com peninhas na cabeça, que vive com os animais e mora em uma oca.

É assim que boa parte de nós se lembra de ter visto a questão indígena na escola, com exotismo e simplicidade e como se a cultura indígena e os seus modos de vida fossem os mesmos para todos os grupos e etnias indígenas. Porque essas informações sobre os índios são ensinadas de maneira descontextualizada e pouco significativa para os estudantes, o que faz com que se crie imagem de um índio genérico, que nem mesmo existe e silencia a existência real de diversos povos indígenas. É preciso também, ao abordar a questão indígena, não negligenciar o sofrimento e a violência praticada contra os povos indígenas no passado e no presente (BONIN, 2015).

O uso de recursos tecnológicos como ferramentas pedagógicas

A sociedade de nosso tempo é marcada por um grande fluxo de informação e de inovações tecnológicas. Longe de serem apenas ferramentas técnicas, as tecnologias da informação e comunicação vêm provocando alterações profundas no mundo, na educação, na cultura, na forma que nos relacionamos com o tempo e o espaço, dentre outras (ARANTES, 2007). Em decorrência disso, os meios de comunicação digitais vêm sendo cada vez mais utilizados, o que faz suscitar preocupações acerca de como tais ferramentas atuam no cotidiano das crianças e adolescentes, já que esses passam cada vez mais tempo utilizando essas mídias (BARROSO, 2009).

Segundo pesquisa realizada pelo Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação (Cetic.br) em 2018: “A presença constante da Internet na vida dos estudantes, aspecto da realidade cotidiana na maior parte das escolas, é confirmada pelos dados da pesquisa, indicando que 86% das crianças e adolescentes de 9 a 17 anos são usuários de Internet no Brasil, o que equivale a mais de 25 milhões de crianças e adolescentes”.

Esse tipo de pesquisa e a observação do cotidiano faz com que questões surjam, tais como: de que maneira nós educadores podemos nos posicionar a respeito da realidade atual, em que existem tantos recursos *online* disponíveis e fazendo parte de nossas vidas? Por que não os utilizar então no processo de ensino-aprendizagem? Segundo a professora e pesquisadora Circe Bittencourt (2008, p.108):

As mudanças culturais provocadas pelos meios audiovisuais e pelos computadores são inevitáveis, pois geram sujeitos com novas habilidades e diferentes capacidades de entender o mundo. Para analisar essas mudanças, há a exigência de novas interpretações aos atuais meios de comunicação que ultrapassem aquelas que os consideram degenerescência ou involução. Interpretações permeadas de preconceitos não possibilitam um entendimento das configurações culturais emergentes e, portanto, dificultam todo diálogo com nossos estudantes. Por outro lado, e este é o mais importante desafio para os professores, não se pode ser ingênuo em relação a essa nova cultura.

Logo, a incorporação dos recursos digitais nas salas de aula é uma necessidade independentemente das reflexões e mudanças geradas pela adoção do ensino remoto adotado esse ano. O ensino totalmente à distância é um estado de exceção, já a presença crescente e cotidiana das TICs não. Brasil (2009) explica que “*recursos ou tecnologias educacionais*(...) são todo e qualquer recurso utilizado em um procedimento de ensino, visando à estimulação do estudante e à sua aproximação do conteúdo”. E como é de conhecimento geral, os estudantes ficam mais estimulados e interessados quando o professor utiliza materiais didáticos e recursos diferentes dos tradicionais nas aulas (como audiovisuais, músicas, jogos e outros), sendo esses então ferramentas facilitadoras ao processo de ensino-aprendizagem.

Nós defendemos a hipótese de que é possível se utilizar dos diversos recursos didáticos disponíveis, pautando-se na reflexão crítica e na construção coletiva. O processo de aprendizagem deve extravasar as paredes da sala de aula. Também somos entusiastas das metodologias ativas, cremos que devemos estimular a autonomia do estudante em construir o próprio conhecimento e que as tecnologias são aliadas desse processo, embora também acreditemos que o professor deve ser o responsável por direcionar o estudante e conduzir o processo de ensino-aprendizagem, sendo peça essencial nesse processo. E foi com essa mentalidade que organizamos nossas aulas na unidade escolar e que estruturamos e realizamos o Sarau Indígena Digital.

Metodologia

O método de pesquisa utilizado foi o qualitativo (DENZIN; LINCOLN, 2006), apoiando-se na pesquisa-ação mais elaborada que traz em si elementos de estudo de caso, uma vez que sua aplicação é possível no contexto educacional, pois segundo Thiollent (2011, p.14): “A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo”.

Deste modo, a pesquisa-ação como estratégia de pesquisa qualitativa, também estará focada no aprofundamento e contará com o instrumento da etnografia. Por isso, para Denzin e Lincoln (2006, p. 17), “a pesquisa qualitativa é uma atividade situada que localiza o observador no mundo”, por meio de uma coleta de materiais que nos permite a interpretação e a compreensão do mundo social (TRIPP, 2005).

Assim sendo, essa forma de pesquisa possibilita ao docente desenvolver práticas, para solucionar problemas apresentados no momento em que a ação está acontecendo, permitindo assim, ao profissional refletir e agir de maneira reflexiva. Diante disso, o professor tem como foco, contribuir para o desenvolvimento dos estudantes, possibilitando a eles, uma melhor aprendizagem e autoestima que contribuirá na estimulação do interesse e da autonomia (TRIPP, 2005, p. 457).

O trabalho foi desenvolvido a partir do instrumento de coleta de dados, ou seja, questionário

formulado com questões semiabertas, de natureza exploratória, permitindo a análise das informações levantadas, no sentido de buscar respostas acerca do uso das TICs pelos professores e como ocorre essa utilização: se de maneira fragmentada (distantes da proposta pedagógica interdisciplinar) ou de maneira eficaz e significativa. A análise permitiu também vislumbrar os desafios que os docentes enfrentam em compreender e responder às questões advindas de um trabalho interdisciplinar e da utilização das TICs.

O Sarau Indígena Digital

Este artigo aborda a estruturação e realização de um projeto cultural que foi uma prática pedagógica bem-sucedida durante a quarentena: o Sarau Indígena Digital. Esse projeto foi realizado pela equipe gestora e pelo corpo docente junto aos estudantes da Escola Estadual Professor Victor Miguel Romano, situada no bairro de Sapopemba, na Zona Leste da cidade de São Paulo, no terceiro bimestre de 2020. O projeto contemplou os três períodos em que ocorrem as aulas na unidade escolar: manhã (Ensino Médio), tarde (Ensino Fundamental Anos Finais) e noite (Ensino Médio).

Tendo por base o Currículo do Estado de São Paulo, a escola precisou remodelar o seu Projeto Político Pedagógico (PPP) para se adaptar à nova proposta de trabalho pedagógico do ano de 2020. Essa nova proposta pedagógica é interdisciplinar e visa a integração dos conteúdos, tendo por objetivo facilitar a aprendizagem dos estudantes nas aulas remotas. Inicialmente, a escola já contava com abordagens interdisciplinares previstas em seu programa, porém, constatou-se que não eram o suficiente para o contexto da quarentena e que não integravam as TICs. Tivemos como ponto de partida as dificuldades no ano anterior (2019) em realizar atividades integradas entre os professores.

O projeto cultural Sarau Indígena Digital foi idealizado a princípio pelos professores de Arte, Eletivas, História, Língua Inglesa e Língua Portuguesa, a partir das ATPCs (Aulas de Trabalho Pedagógico Coletivo) e reuniões de alinhamento. Eles escolheram o tema Fundamentados na Lei 11.645/2008, que determina a inclusão de História e Cultura Afro-Brasileira Indígena nos currículos da Educação Básica, prioritariamente, nas áreas de educação artística, de literatura e história brasileira. Logo, esses professores apresentaram suas ideias aos outros e houve aderência quase total.

À vista disso, após a definição do tema, os professores iniciaram suas pesquisas e começaram a definir a leitura base, bem como a realizar discussões a respeito da importância de desconstruir conotações pejorativas e distorções a respeito dos povos indígenas e de suas culturas, pautando também, como estas informações poderiam ser utilizadas na produção e desenvolvimento do evento.

Foi criado então, coletivamente, um roteiro interdisciplinar e multidisciplinar, à medida que, algumas áreas do conhecimento foram agrupadas: primeiro, Arte, Educação Física, História e Sociologia; depois, Ciências, Química e Biologia; a Eletiva de Culinária Brasileira e a de Geografia também foram agrupadas. Língua Portuguesa, Língua Estrangeira Moderna (Inglês) e Matemática também compuseram o

roteiro. Optamos por organizar atividades que pudessem ser realizadas por todas as faixas etárias envolvidas. E trouxemos também sugestões de fontes para pesquisa, pois algumas atividades envolviam pesquisa e como complemento.

Em Língua Portuguesa, as atividades propostas eram sobre interpretação de texto, de imagem, reflexão, criação e interpretação de poemas e de repertório acerca de contribuições indígenas na nossa própria cultura. Em Língua Estrangeira Moderna foram problematizados estereótipos criados em torno dos indígenas, colocando perguntas em inglês que poderiam ser respondidas em português e solicitando a criação de uma charge crítica (em inglês). Em Matemática, foi trazido um excerto a respeito das construções indígenas e moradias indígenas, e as orientações para a criação do “Jogo da Onça”, em que são trabalhados conceitos geométricos, tais como: quadrado, linha, diagonal, triângulo, ângulos, raciocínio lógico e noções de estratégia.

No agrupamento de Arte, Educação Física, História e Sociologia foram trazidos fragmentos de textos acerca de tradições culturais indígenas bastante famosas e comuns às diversas etnias indígenas, como a prática da pintura corporal. Os estudantes foram encorajados a escolher uma etnia indígena, a fazer uma pesquisa e relatório curto acerca do significado das pinturas corporais para aquela etnia específica, tais como o sentido da sua utilização e o porquê das cores, formatos e desenhos. E logo depois, fizeram uma representação de uma pintura corporal dessa etnia, em seu próprio corpo. Foi ponderado, no entanto, que não existe “fantasia de índio” e que o contexto em questão era o didático.

No agrupamento de Ciências, Química e Biologia foi abordada a medicina e conjunto de conhecimentos sobre o mundo natural de diversos grupos indígenas, com destaque para as contribuições no campo medicamentoso. Houve questões de reflexão e pesquisa acerca dessas práticas. Já no agrupamento de Eletivas em Culinária Brasileira e Geografia, as questões giraram em torno das contribuições da culinária indígena na gastronomia brasileira. Os estudantes produziram cartazes acerca de diversos tipos de alimentos indígenas e significados especiais que eles podem ter, especialmente para a etnia tupi-guarani. E houve a confecção de histórias em quadrinhos sobre o mito tupi da origem da mandioca. Alguns estudantes também prepararam alguns pratos que incorporaram a culinária indígena para apresentar no sarau.

Na etapa assíncrona, fizemos a divulgação do evento, por meio do blog da escola, do *Facebook* e em grupos do *WhatsApp*, apresentando um cronograma em que os estudantes teriam cerca de 15 dias para realizar as atividades propostas no roteiro. Foi programada, ao final desses 15 dias, uma reunião de webconferência pelo aplicativo *Teams*, em que se realizaria o sarau. Segundo a Wikipédia, um sarau é um evento cultural onde as pessoas se encontram para se expressar ou se manifestar artisticamente. Um sarau pode envolver dança, poesia, leitura de livros, música acústica e também outras formas de arte como pintura (...). A proposta para esse sarau síncrono, marcado para o dia 15 de outubro de 2020, envolveu diversas modalidades artísticas: representar, cantar, declamar, expor e também, apenas apreciar.

No dia do sarau digital, após ampla divulgação e a criação e disponibilização do *link* da sala no *Teams* em dias anteriores, houve novamente o compartilhamento do *link* nos grupos da escola no *WhatsApp* e no *Facebook*, próximo ao horário do sarau. Iniciado o horário, já havia muitos estudantes, professores e funcionários da escola, assim como a equipe gestora. Ao todo, cerca de 80 estudantes participaram do evento e 200 entregaram as atividades propostas no roteiro interdisciplinar.

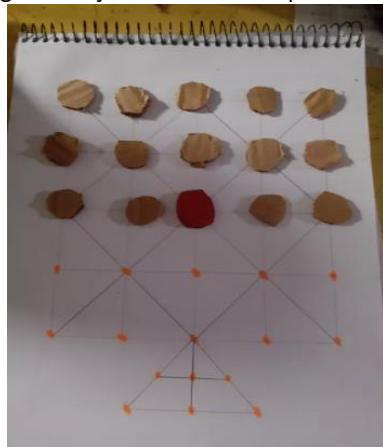
A abertura do sarau ocorreu com uma contação de história por meio de canto e representação, uma homenagem à prática da transmissão da memória indígena e de sua organização sociocultural por meio da história oral. A história escolhida foi a lenda indígena amazônica do “Uirapuru”, que também nomeia um pássaro da fauna da região. Na sequência, foram apresentadas as exibições: curiosidades (origem da palavra Sapopemba), palestra (a cultura indígena), contação de história II (a lenda do Guaraná), atividade lúdica (*Quiz* sobre a cultura indígena), apresentação dos trabalhos no *Padlet* (pintura corporal, gastronomia indígena, etc.), apresentação dos poemas em *podcasts* no *Padlet* (gravações das criações dos poemas realizadas pelos estudantes) e pôr fim, a votação e reconhecimento dos que foram considerados os melhores trabalhos e *podcasts*.

Figura 1 – História em quadrinhos retratando o mito do povo tupi acerca da origem da Mandioca criados pela estudante Sarah Nicoly do 1º C



Fonte: Autor, 2020.

Figura 2 – Jogo da onça confeccionado pelo Alisson do 2ºD.



Fonte: Autor, 2020.

Figura 3 – Canjica da estudante Bianca do 8º B.



Fonte: Autor, 2020.

Resultados

Em todos os momentos de construção do sarau a participação dos estudantes foi muito produtiva e significativa. Eles aderiram à proposta, realizaram as atividades em tempo hábil e compareceram à webconferência, expondo seus trabalhos e conferindo o de seus colegas. A votação também foi um momento importante do evento em que houve interação, protagonismo e ludicidade. Os estudantes ficaram bem estimulados com o evento como um todo, pois foi uma oportunidade de exercitar outra função da escola, que com o ensino remoto estava em segundo plano: a socialização.

Segundo a estudante Júlia Ramos de Azevedo do 1º ano B, “o sarau foi bem organizado, bem programado, gostei bastante e ganhei uma categoria (...) gostei das atividades que os professores passaram nesse sarau, foram bem atrativas”. A Professora Coordenadora do Núcleo Pedagógico, Bianca, parabenizou a equipe pelo trabalho realizado, considerando um trabalho pertinente e bem realizado. Todos os professores destacaram o quanto o trabalho foi gratificante, bem executado e integrado.

Foi confeccionado um espaço digital de caráter mais permanente para a divulgação de alguns dos

trabalhos realizados pelos estudantes para serem apresentados no sarau, um mural eletrônico no padlet. Esse espaço foi essencial para a difusão entre a comunidade escolar, atingindo também aqueles estudantes, familiares e até mesmo outros professores que não conseguiram participar da webconferência. E também é um registro para que outras unidades escolares possam apreciar e se inspirar.

O encerramento do evento foi marcado pela avaliação do processo – a reflexão sobre a reflexão-nação – o que deu certo e o que pode melhorar, porque a aprendizagem se dá por meio do fazer (SCHÖN, 2000), pois o estudante: “Ele tem que enxergar, por si próprio e à sua maneira, as relações entre meios e métodos empregados e resultados atingidos. Ninguém mais pode ver por ele, e ele não poderá ver apenas ‘falando-se’ a ele, mesmo que o falar correto possa guiar seu olhar e ajudá-lo a ver o que ele precisa ver” (DEWEY apud SCHÖN, 2000, p.25).

Desta maneira, a criticidade é importante não apenas para o estudante, mas também para o professor em relação a sua prática (FREIRE, 1996), pois o pensamento é condutor da nova forma do que é realizado na prática e no momento em que a prática é realizada, possibilita a interferência na situação em desenvolvimento. Logo, participar da organização do sarau contribuiu para o desenvolvimento de técnicas de organização, além de trazer a reflexão sobre transmissão de conhecimento da cultura indígena frente aos novos desafios da educação digital e possibilitou aos professores terem um maior repertório e experiência em como realizar trabalhos interdisciplinares e multidisciplinares bem-sucedidos.

Em relação aos estudantes, as atividades fizeram com que competências socioemocionais muito importantes fossem exercitadas como a empatia histórica, a alteridade, a criatividade, a cooperação com os colegas (houve trabalhos coletivos), a autonomia e responsabilidade no preparo das atividades e respeito aos prazos. A confiança e autoestima também foram desenvolvidas, no exercício de apresentar seus trabalhos à comunidade escolar. Também houve o desenvolvimento de habilidades cognitivas, tais como o foco, a atenção e em especial, o pensamento simbólico.

Considerações Finais

Concluímos que a nossa hipótese de que ações interdisciplinares e multidisciplinares seriam mais eficazes em termos de aderência e motivação entre os estudantes, se mostrou correta. O sarau foi o exemplo mais exitoso, mas também houve os provões e aulões, que também agregaram maior participação dos estudantes nesse período em que está mais difícil contatá-los. Também acertamos em nossa estratégia para incorporar o uso de TICs em nosso projeto, se destacando o uso da webconferência e do mural digital como ferramentas.

A webconferência se mostrou uma ferramenta muito importante, pois além de permitir que todos pudessem se ver e ouvir simultaneamente, ela apresenta ferramentas para organizar essa reunião social digital. E apresenta também como um diferencial, além da videoconferência, ferramentas para

compartilhamento de tela e outros recursos importantes. Foi possível compartilhar imagens, mensagens e estruturar melhor todo o funcionamento do sarau. E para isso, foi importantíssimo a dedicação e treinamento dos professores, que se prepararam e aprenderam a mexer nas funcionalidades da ferramenta.

O mural digital também foi uma ferramenta bem útil, à medida que os próprios estudantes queriam ver seus trabalhos expostos. E também para posteriormente haver um controle maior de quem entregou as atividades, já que foram entregues aos professores-coordenadores de cada sala ou diretamente para a coordenação, assim os professores de todas as disciplinas puderam ter acesso aos trabalhos, independentemente de terem participado sincronicamente do sarau, já que alguns têm acúmulo e não puderam participar. No final, o mural pôde se estender à toda comunidade acadêmica, uma vez que a partir do momento em que os trabalhos estavam todos lá expostos, eles poderiam ser compartilhados com os familiares dos estudantes, com os colegas de outras escolas, nas redes sociais e até mesmo entre os docentes e equipes gestoras de outras unidades escolares.

Não dá para desprezar também a importância dos meios de comunicação nesse contexto todo, seria impossível o empreendimento de qualquer atividade escolar remota se não houvesse canais de comunicação *online* adotados como oficiais: tais como a página do *Facebook* da escola e o *blog*. E também, se não houvesse o mensageiro instantâneo *WhatsApp*, como um canal um pouco mais informal e por isso mesmo, tão poderoso, à medida que chega atinge uma amplitude maior de estudantes e responsáveis.

Por fim, nas reflexões posteriores à prática, que se realizaram nas ATPCs e nas reuniões de alinhamento, consideramos a experiência uma lição em termos de aplicação de recursos digitais em contexto escolar, a se levar até mesmo para a retomada das aulas presenciais, em ações híbridas. E também nos entendemos melhor sobre como trabalhar em equipe, para coordenar mais projetos e ações interdisciplinares e multidisciplinares, mesmo presencialmente. Concluímos também que a temática indígena é multidimensional e deve ser tratada com muito respeito, pesquisa e aprofundamento, mas que deve ser tratada, não pode ser escamoteada. Ficamos até mesmo surpresos com a recepção e maturidade dos estudantes ao tratar do tema.

Referências Bibliográficas

ARANTES, Priscila. **Tudo que é sólido, derrete - da estética da forma à estética do fluxo.** XVI Encontro da Compós, na UTP, em Curitiba, PR, em junho de 2007.

BITTENCOURT, Circe. **Ensino de História - Fundamentos e Métodos.** 2a Edc. São Paulo: Ed Cortez, 2008.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana.** Brasília, DF: MEC, 2005. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm. Acesso em: 06 nov. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Equipamentos e materiais**

didáticos – Curso Técnico de Formação para os Funcionários da Educação. Brasília, DF, 2009.

BONIN, Iara Tatiana. **Culturas Indígenas na sala de aula: como a temática indígena se faz presente na escola?**. Porantim: Em defesa da causa indígena. [S. L.], fev. 2015. Encarte Pedagógico, Suplemento 1, p. 2. Disponível em: https://cimi.org.br/wp-content/uploads/2020/01/Porantim372_JanFev_Encarte-2015.pdf. Acesso em: 15 nov. 2020.

Daniel Munduruku debate cultura indígena no ‘Leitura em Ação’ desta quinta no Ação da Cidadania. O Globo Online, [S. l, 28 maio de 2008. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/daniel-munduruku-debate-cultura-indigena-no-leitura-em-acao-desta-quinta-no-acao-da-cidadania-3615902> . Acesso em: 13 nov. 2020.

DENZIN, Norman Kent.LINCOLN Yvonna Sessions. **Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa.** In: DENZIN, Norman K; LINCOLN, Yvonna Sessions. (Orgs.). O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. 15 - 41 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2001 (Coleção Leitura).

FUNAI, Fundação Nacional do Índio. **Índios no Brasil: Quem são.** [S. I.]. Disponível em: <http://www.funai.gov.br/index.php/indios-no-brasil/quem-sao?limitstart=0#> . Acesso em: 13 nov. 2020.

LUCIANO, Gersem S. **O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje.** Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/ Museu Nacional, Brasília, 2006.

PESQUISA SOBRE O USO DA INTERNET POR CRIANÇAS E ADOLESCENTES NO BRASIL. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 05 nov. 2019. Anual. Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto Br. https://cetic.br/media/docs/publicacoes/216370220191105/tic_kids_online_2018_livro_eletronico.pdf. Acesso em 15. Nov.20.

SCHÖN, D.A. **Educando o Profissional Reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem.** Trad. Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2000, p.256.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação.** 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, 2005. -443-466 p. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira.

Roda de samba virtual: uma possibilidade do educar-se nas relações étnico-raciais nas aulas remotas
Fábio Carvalho Rodrigues⁵⁴

Resumo

Este relato de experiência foi realizado em período de quarentena em uma escola estadual do Programa de Ensino Integral – Anos Iniciais do Ensino Fundamental, evidenciando as aulas remotas. O objetivo deste trabalho é descrever uma experiência de aula virtual como efetivação da lei 10639/03, que versa sobre o ensino da cultura africana e afro-brasileira na escola. Foi realizado em três etapas: num primeiro momento houve a escolha do meio de comunicação, num segundo momento a memória da roda de samba na escola e num terceiro, novos sambas e finalização do projeto. Como resultados, obtivemos relatos dos(as) estudantes(as) em forma de roda de conversa virtual, vídeos com eles e elas tocando e cantando, mostrando que é possível construir processos de aprendizagem por meio virtual, mesmo ressaltando a fundamental importância das aulas presenciais.

Palavras-chave: Aula Remota; Samba; Cultura; Aprendizagem.

Introdução

Este relato de experiência é parte do Projeto Roda de Samba na Escola, que é desenvolvido na Escola Estadual do Programa de Ensino Integral Narciso da Silva Cesar, nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental desde agosto de 2015. Esta iniciativa surgiu a partir do interesse dos(as) estudantes(as) pelos instrumentos do samba, logo após a apresentação de uma música - o samba intitulado “A amizade⁵⁵” – por duas turmas de 4ºs anos, fechando uma atividade semestral. A partir desta apresentação, desde o segundo semestre de 2015 a roda de samba começou a acontecer nos recreios da escola, estendendo-se ao tocar, cantar e dançar - elemento pulsante da cultura afro-brasileira - e promovendo a efetivação da lei 10.639/03, que traz a obrigatoriedade do ensino da cultura africana e afro-brasileira dentro da escola.

Ao pensar o samba como potencializador de aprendizagem ou um elemento constituído da cultura afro-brasileira, parte-se também da experiência pessoal do professor de Educação Física desta escola. O Projeto Samba na Escola serviu de estudo de pós-graduação no Programa de Mestrado Profissional em Educação da UFSCar São Carlos. A pesquisa realizada teve como objetivo analisar e compreender os processos educativos emergentes desta prática não-formal dentro do espaço formal. Assim, acreditamos no potencial deste tema no ambiente escolar e seus benefícios educacionais para os(as) estudantes(as).

Na escola colaboradora, o espaço é usado coletivamente sem restrições a nenhum integrante da roda que, de forma livre, pode participar conforme sua vontade e opção. Ao compormos o “Programa Ensino Integral” do estado de São Paulo, em comparação das escolas regulares, temos um diferencial com desenvolvimento do currículo integrado (SEE-SP, 2014b), buscando a superação do paralelismo entre turno

⁵⁴ Professor PEBII de Educação Física na Escola PEI Anos Iniciais de Araraquara Narciso da Silva Cesar, responsável pelo projeto Samba na Escola. Mestrando no Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Educação da UFSCar, estudo defendendo em 07/2020 com o tema **Roda de Samba na Escola: processos educativos emergentes**.

⁵⁵ Música gravada originalmente pelo Grupo Fundo de Quintal, composição de Djalma Falcão / Bicudo / Cléber Augusto.

e contraturno escolar, e tendo como base o “Projeto Convivência”, que se baseia em uma:

[...] estratégia metodológica que concorre para assegurar a organicidade pretendida do currículo das escolas de ensino integral anos iniciais. O Projeto Convivência pretende oferecer as condições necessárias para que os estudantes possam ter ampliadas as suas oportunidades de aprender a conviver e respeitadas as suas especificidades quanto a interesses, necessidades, visões de mundo, culturas diferentes e, principalmente, valores (SÃO PAULO, 2014b, p. 58-59).

A roda de samba acontecia de forma presencial nos momentos de recreios, podendo participar qualquer estudante(a), professor(a), ou funcionário da escola. As atividades eram diárias em dois períodos, manhã e tarde.

Neste ano de 2020 fomos surpreendidos com o estado de quarentena devido à pandemia de COVID-19 oriunda do novo coronavírus. Por determinação dos órgãos públicos, as aulas presenciais foram suspensas, e surgiu a proposta de desenvolver nossas aulas de forma remota. Para o Projeto Samba na escola, buscamos organizar encontros semanais utilizando plataformas virtuais.

Por fim, sabemos das limitações já existentes se compararmos aulas remotas com aulas presenciais. Mas aqui, neste trabalho, propomos uma possibilidade alternativa para este período não imaginável de pandemia. As atividades aqui realizadas dão uma luz sobre o apagão educacional momentâneo no início de quarentena, em que nós, professores, tivemos que criar alternativas para alcançar os estudantes.

Metodologia

A metodologia utilizada neste trabalho, que ainda está em andamento, faz parte de nossa práxis docente. A partir de um ciclo de reflexão-ação-reflexão, elaboramos nossas aulas evidenciando a problematização de temas pertinentes à aprendizagem. Para nós foi um grande desafio adaptarmos nossas aulas de forma remota e conseguir resolver conflitos nunca vistos.

Essa nossa prática contou com 16 aulas desenvolvidas nos últimos cinco meses de aula remota, de julho a novembro de 2020. Foram divididas em 3 etapas: primeiro momento a escolha do meio de comunicação, segundo momento a memória da roda de samba na escola e terceiro momento novos sambas e finalização do projeto. A cada uma dessas etapas avaliamos nosso processo constantemente, em roda de conversa remota, vídeos dos(as) estudantes(as), mensagens, presença dos(as) estudantes(as), tudo observado nas aulas e apontado como conhecimento adquirido.

Os registros destas aulas ficaram a cargo do professor em um “diário de bordo virtual” na plataforma *GoogleMeet*, sempre em momento oportuno após a aula, que serviram para melhor ilustrar os resultados deste trabalho.

Resultados

Neste item iremos descrever as aulas virtuais pensadas como uma aproximação das nossas rodas de

samba presenciais, utilizando as possibilidades *online*. Realizamos também uma discussão sobre os resultados que foram acontecendo desta prática educacional, desde a escolha de qual ferramenta ou aplicativo para atendimento dos(as) estudantes(as) até o produto final destes encontros. Junto aos estudantes (as) formamos uma construção coletiva com diálogo aberto entre todos(as), sendo que toda sugestão ou apontamento foi válido para este trabalho.

- Primeiro a escolha do meio de comunicação

Nosso primeiro encontro ocorreu após o professor, com a ajuda de uma estudante, organizar um grupo pelo aplicativo *WhatsApp*. Através do grupo eram deixados recados em forma de perguntas. Foram estas: qual a melhor forma, pela qual poderíamos promover nossos encontros? Há um aplicativo ou plataforma que você tenha conhecimento e é possível e fácil para todos usarem? Após estes questionamentos serem respondidos, agrupamos as propostas mais relevantes e apresentamos ao grupo três possibilidades, desta forma:

1. Utilizarmos a plataforma *Zoom*, com aulas no período da manhã, pois muitos já tinha utilizado e gostado.
2. Continuarmos com as aulas pelo aplicativo *WhatsApp* somente, sendo que alguns estudantes achavam que não conseguiriam manter um dia fixo semanal para um encontro.
3. Utilizarmos tanto o grupo do aplicativo *WhatsApp* e a plataforma *GoogleMeet* durante a semana no melhor horário para todos, assim acolheria os dois grupos anteriores e todos poderiam participar conforme a possibilidade de cada um.

Destas três propostas todas foram testadas e a que melhor funcionou foi a plataforma *GoogleMeet* e o grupo do aplicativo *WhatsApp*. O aplicativo *Zoom* não funcionou bem, demorava para abrir, e poucos conseguiram acessar, inclusive o professor, pois seu aparelho esquentava muito e não conseguia permanecer por muito tempo na reunião. Já os recados de *WhatsApp* funcionaram bem, os participantes deixavam suas respostas conforme conseguiam acesso. Passamos a testar o *GoogleMeet*, que também teve boa aceitação, talvez por estar sendo usado também por outros professores da escola. Vale ressaltar que a escola deixou livre para que cada professor escolhesse qual a melhor forma de acesso aos estudantes(as).

Queremos ressaltar que não ocorreu uma formação específica para uso de determinado recurso tecnológico, mas sim orientações gerais para utilizar o que melhor os envolvidos se adaptassem. Inclusive a Secretaria de Educação do Estado de São Paulo implantou um aplicativo próprio, o CMS⁵⁶. Este aplicativo começou com acesso pelos celulares *Android*, abarcando depois também celulares com sistema *iOS* e por fim também computadores, buscando alcançar o maior número possível de estudantes(as).

⁵⁶ Centro de Mídias do Estado de São Paulo-Aplicativo no qual são ministradas aulas para todos os níveis de educação escolar infantil ao ensino médio. As aulas são organizadas por ano-série com horários específicos coordenados pelo núcleo de educação do Estado de São Paulo.

Conseguimos definir todo esse processo em três semanas, com um encontro por semana de uma hora mais ou menos cada. Foram aulas complexas, pois quando solucionávamos um problema aparecia outro que impedia uma progressão mais rápida. Um problema muito comum foi que não tínhamos o domínio das funcionalidades dos aplicativos ou plataformas, pois eram recursos desconhecidos para todos, já que não tínhamos habitual uso destas ferramentas para aula. Somente o *GoogleDrive* era conhecido pelo professor, mas apenas como ferramenta de armazenamento de documentos, e passamos a usá-la para registrar todas as nossas ações, tanto como um diário de bordo, como um documento de planejamento futuro.

Um outro ponto que dificultava nosso progresso foi a organização da conversação virtual, pois todos queriam falar ao mesmo tempo, o que impedia entender o que falavam. Tivemos que estipular algumas regras (combinados) para que nossos encontros tivessem mais fluidez. Assim, propomos a espera pelo seu momento de fala, onde o(a) estudante(a) poderia pedir apenas levantando a mão com câmera aberta para que pudéssemos ver ou através do *chat* deixando seu recado.

Para organizarmos melhor o tempo de fala de cada um, foi combinado que todos mantivessem seu microfone desconectado (fechado) enquanto uma outra pessoa falava, assim evitava microfonia e ecos. Pelo olhar do professor, esta etapa demonstra um processo de aprendizado efetivo, sendo que a construção destes combinados criou uma nova linguagem nas aulas virtuais e possibilitaram um melhor entendimento de todos.

- Segundo momento: A memória da roda de samba

Logo após estes três primeiros encontros, realizamos a nossa primeira roda de samba virtual. Propomos o tema de Memória da Roda de samba, sugerindo um resgate de como era nossa roda de samba presencial e quais músicas estavam nas lembranças dos estudantes. Primeiro lembraram de como nos organizávamos e dividíamos os instrumentos, em que cada um podia pegar o instrumento que quisesse, e trocar a cada música conforme o(a) outro(a) aceitasse. Os(As) estudantes(as) lembraram também que sempre tinha um convidado externo à escola, para ensinar algo novo na roda de samba.

Ainda sobre lembrança os(as) estudantes(as) comentaram sobre a saudade da escola, relataram a preocupação com os colegas que não estavam conseguindo acessar as aulas remotas. Neste momento o professor explicou para os(as) estudantes(as) que a escola tinha uma ação chamada “Busca Ativa”, que a toda semana era realizado busca por estes(as) estudantes(as) que não tinham acesso à internet, levando a eles(as) uma rotina de estudo semanal, e este material era impresso o que facilitaria para o(a) estudante(a).

As conversas sobre as músicas que tocávamos na roda de samba ativou a memória dos(as) estudantes(as) que lembraram de “Tiro ao Álvaro”, “Não deixe o samba morrer”, “Sorriso negro”, “Bolo de Fubá” e “Tiririca”, músicas que trabalhamos na época anterior à pandemia, de forma presencial. Encerramos com uma proposta de tarefa para o grupo: eles e elas deveriam registrar, por vídeo ou áudio,

eles(as) mesmos cantando ou tocando alguma música que estava escutando em casa e enviar para o professor via *WhatsApp*. O prazo para esta atividade ficou aberto, sem prazo definido, mas foi solicitado que se esforçassem já para entregar algo nos próximos 15 dias, pois teríamos uma convidada para nosso encontro depois disso.

Nesta aula, trouxemos o tema tambores africanos no Cacuriá, com a convidada Professora Dra. Vivian Parreira. A professora se apresentou falando de sua trajetória na cultura popular e especial ao Cacuriá⁵⁷. A convidada explicou sobre o tambor utilizado, que tem o nome de “caixa do divino”. Explicou como era fabricado o instrumento, a utilização de couro de cabrito, além de toda a simbologia, a relação religiosa com a festa do divino, e elementos comuns à cultura afro-brasileira.

Os estudantes ficaram curiosos com o som do tambor e fizeram comparações com tambores que temos na escola. O professor explicou que não temos este instrumento na escola e que o que mais se aproxima é o surdo pequeno, mas é de som e forma diferente e também se toca de forma diferente do que a caixa do divino. Nesta discussão surgiu um estudante que quis expor sua religiosidade, mostrando um livro com figuras do candomblé (religião afro-brasileira), e que se sentia muito à vontade com o som da caixa do divino.

Ainda sobre esta aula a professora convidada falou sobre a dança do Cacuriá e que ia tocar e cantar, assim, aqueles que quisessem poderiam dançar. A princípio alguns estudantes comentaram que não gostavam de dançar. Para nossa surpresa, quando fomos analisar as fotos deste encontro, vimos que todos dançaram e tinha até mães participando. Esta é uma nova realidade das aulas remotas, pois como todos estão em casa, muitas famílias não têm um espaço próprio para aula, que acaba ocorrendo na sala, quarto, varanda, cozinha etc. e, assim, mesmo que de forma indireta, a família acaba participando da aula ou atividade.

Para fechar este encontro a professora propôs um jogo de rima musicado com os(as) estudantes(as). Eles(as) tinham que completar a rima que ela iniciava e continuar rimando. Foi um momento muito participativo e divertido. Foram várias rimas completadas pelos(as) estudantes(as), que ao final elogiaram as atividades propostas e pediram mais aulas assim.

Nos próximos dois encontros utilizamos para as devolutivas dos(as) estudantes(as) da atividade proposta na primeira Roda de Samba Virtual. O professor perguntou aos estudantes se poderia apresentar alguns dos vídeos enviados por eles mesmos, para posteriormente conversarmos sobre os vídeos. Prontamente os(as) estudantes(as) aceitaram e demonstraram gostar de assistir.

Sobre os vídeos enviados pelos estudantes, quero destacar um onde a música gravada não foi trabalhada na Roda de Samba na escola. Com o nome “Conselho”, tem uma mensagem positiva de não

⁵⁷ O **Cacuriá** é uma dança típica do estado do Maranhão, no Brasil, surgida como parte das festividades do Divino Espírito Santo, uma das tradições juninas. A dança é feita em pares com formação em círculo, o "cordão", acompanhada por instrumentos de percussão chamados caixas do Divino (pequenos tambores). O cacuriá surgiu no município de Guimarães e era praticada após a derrubada do mastro.

desistir e deixar de lado o baixo astral. Esta observação também foi apontada pelos(as) estudantes(as).

Recebemos alguns vídeos em que a família participava cantando e tocando, corroborando nossa observação desta situação das atividades serem feitas em casa e que todos da família se sentem pertencentes a este ambiente, tornando, assim a atividade de todos que quisessem participar. Um outro destaque é de uma estudante que enviou um vídeo com um poema feito por ela:

O Samba

*O samba me deixa muito mais feliz
Instrumentos, danças, tudo o que ele diz
Toda cor e alegria andam em pura sintonia
E fazem com que eu me sinta em uma grande família.*

Este poema traz o que a estudante sente pelo samba, e os elementos que ela identifica como os instrumentos e a dança. Ela ainda demonstra o lado musical em que compara com a cor e a deixa alegre. Acreditamos que este poema descreve o olhar que é demonstrado no projeto sobre o samba, através da historicidade, da cultura, da resistência e do fazer musical que envolve o samba.

Encerrando esta atividade, os(as) estudantes(as) fizeram colocações sobre como foi para realizar os vídeos e que acharam divertido fazer com a família, além de, junto deles, ser bem mais fácil de realizar. Comentaram também que foi desafiador, mas foi bom para relembrar sobre o samba.

- Terceiro momento: Novos sambas e finalização do semestre

Pensando no encerramento do projeto no final deste semestre, tivemos a temática: “Novos Sambas”, que se desdobrou em duas etapas distintas. A primeira etapa foi a que os(as) estudantes(as) trouxeram sugestões de música. Complementamos com uma busca rápida na internet durante a aula, em que o professor apresentava e o grupo decidia a mais adequada para trabalharmos. A música escolhida foi “Diversidade”, entendida pelo grupo como uma música de fácil assimilação e mensagem rápida e bem explicativa sobre o respeito ao outro. Ficou combinado que cada um fizesse um vídeo com música como base para editarmos como produto final.

Na segunda etapa organizamos também nossos próximos encontros, com novos temas musicais. Foi pedido aos estudantes que trouxessem opiniões sobre novas músicas e até histórias de sambistas. O professor apresentou ainda duas novas músicas, e pediu a opinião dos(as) estudantes(as) sobre essas músicas que poderiam ser estudadas em outras ocasiões.

Considerações Finais

Em nossas considerações finais queremos ressaltar que as aulas remotas não substituem as aulas presenciais. Este trabalho mostra uma possibilidade de manter o contato com o(a) estudante(a), como forma alternativa e complementar no processo de aprendizagem. Como apontado ao longo do texto, os(as)

estudantes se mostraram empenhados com este contato e possivelmente se sentiram acolhidos nesta forma remota.

Ainda sobre este formato de aula houve avanços na aprendizagem de novas tecnologias, agregando mais conhecimentos para todos os participantes. É possível perceber que demanda tempo para uma boa escolha de plataforma de comunicação e adaptação a esta nova linguagem virtual. Talvez formações mais específicas aos professores e estudantes possam direcionar melhor o uso dessas tecnologias.

Sobre as discussões ocorridas nas aulas virtuais, foram problematizados: a historicidade do samba, a resistência negra contra o preconceito racial, o envolvimento cultural e o fazer musical. Esses temas dialogam com as possibilidades de efetivação de habilidades exigidas no Currículo Paulista⁵⁸ (2018) no que tange sobre o ensino da cultura afro-brasileira dentro da escola. Tratamos, através da roda de samba, questões pertinentes à população Brasileira, tanto aos negros como aos não negros.

Acreditamos que esta temática promove um movimento de equidade, em que a cultura brasileira e afro-brasileira se descoloniza da cultura europeia e branca como a principal a ser tratada, dando espaço a novas vozes, saberes e conhecimentos que foram tanto negligenciados historicamente.

Compreendemos ainda que os participantes da roda de samba acrescentam elementos à cultura da roda de samba, assim alojando as suas vivências próprias na prática, como ativos contribuintes. Esta contribuição ocorre de forma orgânica e fluente, com todos intervindo de forma coletiva.

Por fim, acreditamos que foi positiva as aulas remotas com o tema da cultura afro-brasileira. As limitações virtuais não impediram que os estudantes construíssem novos conhecimentos para sua formação pessoal. Esperamos que esta prática pedagógica sirva de base para futuros trabalhos.

Referências Bibliográficas

OLIVEIRA, E. **Práxis Docente.** Pedagogia. Infoescola, 2006. Disponível em : <https://www.infoescola.com/pedagogia/praxis-docente/>. Acesso ao site em 24/11/2020.

RODRIGUES, F. C.; GALIZIA, F. S. . **Roda de samba na escola:** o educar-se em relações étnicos raciais em uma escola do Programa de Ensino Integral de Ensino Fundamental anos iniciais. In: In: Leocardia Cristina Reginaldo da Cruz. (Org.). (Org.). Educação das Relações Étnico-Raciais: histórias e culturas afro-brasileira e africana.. 1ed.Veranópolis: Diálogo Freiriano, 2020, v. 1, p. 100-116.

SÃO PAULO (Estado). **Secretaria da Educação.** 2014a. Disponível em : <https://centrodemidiasp.educacao.sp.gov.br/#:~:text=O%20Centro%20de%20M%C3%ADDias%20SP,%C3%A0s%20demandas%20do%20s%C3%A9culo%20XXI>. Acesso em 25/11/2020.

_____ (Estado). Secretaria da Educação. Versão Preliminar; **Programa de Ensino Integral anos Iniciais do Ensino Fundamental - Modelo Pedagógico**, v.1, 2014b, p.1-100.

_____ (Estado). Secretaria da Educação. Competências específicas de Educação Física para ensino fundamental. **Currículo Paulista.** São Paulo. v.1, 2018. p. 253-254. Disponível em: <<https://efape.educacao.sp.gov.br/curriculopaulista/wpcontent/uploads/site/7/2019/09/curriculo-paulista-26-07.pdf>> Acesso em 24/11/2020.

⁵⁸ Currículo Paulista - Documento baseado na BNCC nacional que evidencia as habilidades e competências necessários aos educandos, conforme seu estágio de aprendizagem e ano/série.

PROTAGONISMO DOS ESTUDANTES EM MEIO À PANDEMIA: COMO ENGAJÁ-LOS?

Daiane Ferreira de Souza⁵⁹

Lucilene S. Silva⁶⁰

Resumo

No início do ano, todos foram tomados de surpresa com a pandemia do COVID-19 e o isolamento social; de repente as pessoas foram obrigadas a ficar em suas casas e se distanciar de seus empregos e escola. Houve mudança na rotina da população, não só dos adultos, como também das crianças e adolescentes. Os estudantes tiveram que se adaptar com os estudos em casa através do ensino remoto, para aqueles que não possuem um aparelho de celular, ficou um pouco mais complicado, porém não foram esquecidos. A nossa escola, E.E Engenheiro Orlando Drumond Murgel, fornece material impresso para os estudantes. Nesse contexto, queremos mostrar que é sim possível alcançar o protagonismo dos estudantes mesmo que de maneira remota; ao longo desse período de isolamento obtivemos ótimas produções de alguns deles. Vale ressaltar que para que, isso aconteça, é importante que o professor esteja sempre buscando estratégias para motivar os estudantes.

Palavras-chave: Estudantes; Pandemia; Distanciamento Social; Ensino Remoto; Aprendizado.

Abstract

At the beginning of the year, everyone was taken by surprise with the pandemic of COVID19 and social isolation, suddenly people were forced to stay in their homes and distance themselves from their jobs and school. There was a change in the population's routine, not only for adults, but also for children and adolescents. The students had to adapt to their studies at home through remote teaching, for those who do not have a cell phone, it got a little more complicated, but they were not forgotten. Our school, E.E Engenheiro Orlando Drumond Murgel, provides printed material for them. In this context, we want to show that it is possible to achieve the protagonism of the students, even if in a remote way, throughout this period of isolation we obtained excellent productions from some of them. It is worth mentioning that for this to happen it is important that the teacher is always looking for strategies to motivate them.

Keywords: Students; Pandemic; Social distance; Remote Teaching; Learning.

Introdução

Na escola E.E Orlando Drumond Murgel, trabalhamos o projeto “Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER)”. Tendo em vista que a Lei 10.639/2003, que trata do ensino da história das culturas afro-brasileiras e africanas, deve ser trabalhada o ano todo e não numa data específica, pois trata-se de uma temática extremamente importante e que deve focar na construção de uma consciência para o respeito à diversidade, esse trabalho foi orientado por ela e permeou o currículo. Por isso, o desenvolvimento desse projeto não se concentrou em apenas atividades específicas no mês de novembro, mas durante todo o ano desenvolvemos eventos e atividades reflexivas buscando fortalecer nos estudantes o respeito pela

⁵⁹ Licenciada em História pela Faculdade FAPREV, pós-graduada em Psicopedagogia Institucional pela FAVENI, atua como professora efetiva na rede pública estadual do Estado de São Paulo.

⁶⁰ Licenciada em Letras pela Uniesp, possui especialização em Gestão Escolar pela Unar e especialização em Ensino da Língua Espanhola pela UNB, Mestre em Educação pela Unoeste, professora efetiva da rede estadual do Estado de São Paulo.

diversidade e combater preconceitos e, principalmente, o racismo estrutural. Diante disso, podemos dizer que foi uma das experiências significativas que tivemos nesse período de atividades remotas, sendo um trabalho com boa participação da equipe escolar e, principalmente, dos estudantes. Para seu desenvolvimento, tivemos o apoio da Diretoria de Ensino da Região de Santo Anastácio (DER Santo Anastácio), até porque o projeto da ERER é de responsabilidade da DER. Reconhecer a matriz africana é uma reivindicação que se garante com a sanção da lei 10.639/03, como afirma Wânia Sant Anna:

É este espírito de reconhecimento, revisão e inclusão que a Lei 10.639, de 9 de janeiro de 2003, busca empreender ao tornar ‘obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira’ nas grades curriculares dos ciclos fundamental e médio ministrados nas redes oficiais e públicas do país’. Em detalhes a legislação prevê que o conteúdo programático inclua a ‘história da África e dos africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinente à História do Brasil’ e a inclusão, no calendário escolar, do dia 20 de novembro, aniversário de morte de Zumbi dos Palmares (1695), como ‘Dia Nacional da Consciência Negra’. (SANT ANNA, 2005:04).

Primeiro, escolhemos um interlocutor na escola. Esse interlocutor, ficou responsável por informar e orientar a comunidade escolar acerca das atividades a serem realizadas. Levando em consideração que essa temática não pode se restringir apenas ao Dia da Consciência Negra, realizamos alguns encontros através do *GoogleMeet*, primeiramente, no mês de maio para abordar o tema Lei Maria da Penha, e depois no mês de julho, em preparação ao projeto sobre Milton Santos realizamos um encontro pela mesma plataforma. Foi um encontro bem produtivo, com a participação de estudantes e professores, exploramos a vida desse grande geógrafo brasileiro e tratamos sobre regulamento do concurso promovido pela Secretaria da Educação, o que desencadeou a produção de um vídeo que foi escolhido para representar a Diretoria de Ensino no âmbito estadual.

Além dos eventos mencionados acima, tivemos uma roda de conversa sobre a problemática do racismo com participação de convidados. Foi uma atividade bem produtiva, pois teve boa participação da comunidade escolar. E, por fim, tivemos o nosso evento do Dia da Consciência Negra, contamos com a participação de alguns convidados que dialogaram com as situações de racismo vivenciadas por eles. Nesse evento, enfrentamos algumas dificuldades, porém, tivemos o engajamento dos estudantes que foi de extrema importância para a construção de uma consciência crítica acerca de um problema que assola a nossa convivência social, ou seja, o problema do racismo que, infelizmente, é estruturante na nossa sociedade.

Diante disso tudo, ficou a sensação de que, mesmo com todas as dificuldades que tivemos nesse período remoto, podemos fortalecer a ideia de que, de fato, é possível aprender significativamente, mesmo longe da escola. As dificuldades, nós superamos e obtivemos ótimos resultados. Prova disso foi o vídeo de nossa estudante Beatriz Silva do 9º A sobre Milton Santos, que fora selecionado para representar a Diretoria de Ensino em São Paulo.

Sabemos que estamos vivendo num momento atípico onde fomos obrigados a mudar

completamente a nossa rotina e, consequentemente nos distanciamos dos nossos estudantes. O que dificulta o ensino, pois é mais difícil ensinar a distância. O acesso do conteúdo pela internet não acontece de forma geral, muitos estudantes não têm um aparelho celular em casa, nem possuem computadores. Sem contar que, entre os estudantes que dispõe desse acesso, existem aqueles que apresentam dificuldades de aprendizagem, um fator que leva à desmotivação. O que fazer para engajá-los? Não é fácil, mas não é impossível.

É evidente que nada substitui o professor em sala de aula, pois o número de estudantes atingidos em sala é bem maior do que pelo ensino remoto. Estamos nos adaptando ao “novo normal”, pois sabemos que temos o compromisso de fornecer aprendizagens aos nossos estudantes. Partindo desse pensamento e em busca de soluções, devemos planejar e criar estratégias de acordo com a atual realidade, refletir sobre metodologias que instiguem os estudantes, não os deixando desanimar. Para que eles se sintam mais próximos de nós é preciso contato diário pelos canais de comunicação e não se esquecer que o aprendizado é essencial, o professor deve ser um facilitador, o instigador, orientar de maneira que possa alcançar os educandos e torná-los interessados, engajados e autônomos. Vale lembrar que cada um vive em um contexto diferente e, como educadores, devemos levar tudo isso em conta e buscar sempre nos adequar à realidade concreta dos estudantes.

De acordo Masschelein e Simons, devemos explorar o protagonismo dos estudantes, ajudá-los a descobrir o talento que está escondido ou desconhecem. O papel da escola é colocar o educando no centro, fornecer uma educação integral, com equidade e qualidade, levando-os a serem críticos e participativos.

[...] a escola deve se tornar mais centrada no estudante, se esforçar para desenvolver o talento, ser mais sensível ao mercado de trabalho e ao ambiente social de forma a motivar e atender ao bem-estar dos estudantes, oferecer educação baseada em evidência, o que é mais eficaz e pode contribuir para a igualdade de oportunidades de uma forma real, etc. (2017, p. 19).

O projeto ERER veio como mais um desafio, onde nos trouxe incentivo para buscar mais dos estudantes e partindo de temas tão presentes no nosso cotidiano, o que nos levou a percepção do quanto estávamos acomodados com situações como o racismo, preconceito e violência. Os estudantes tiveram a oportunidade de refletir e entender que é possível combater as desigualdades e vivermos numa sociedade mais justa, mas isso só acontecerá com a mobilização de todos.

Metodologia

Nas ferramentas digitais temos a possibilidade de ensinar e inovar. Educadores tiveram que se reinventar para ficar o mais próximo possível dos educandos. Nesse contexto, mais do que ser professores, somos também amigos, família e até ‘psicólogos’, pois os estudantes veem em nós um apoio que vai muito além de ensinar matéria. Eles são crianças e adolescentes que precisam de formação, mas como educadores devemos entender que essa formação vai muito além de ensinar um conteúdo; devemos

também ensiná-los a ter esperança em dias melhores, ter paciência, não desaninar com as dificuldades da vida, ensinar que podemos superar as fases ruins e que eles são capazes de desenvolver o que lhes foi confiado. Conforme Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva:

a Educação das Relações Étnico-Raciais é fundamental, pois: Persegue o objetivo precípua de desencadear aprendizagens e ensinos em que se efetive participação no espaço público. Isto é, em que se formem homens e mulheres comprometidos com e na discussão de questões de interesse geral, sendo capazes de reconhecer e valorizar visões de mundo, experiências históricas, contribuições dos diferentes povos que têm formado a nação, bem como de negociar prioridades, coordenando diferentes interesses, propósitos, desejos, além de propor políticas que contemplam efetivamente a todos. (SILVA, 2007:490).

Com esse pensamento e acreditando no potencial dos estudantes, algumas práticas exitosas foram desenvolvidas na escola. Obtivemos excelentes experiências e produções de alguns estudantes e podemos dizer que foi gratificante, mesmo tendo sido um trabalho árduo, mas que está dando resultados.

Para orientá-los sobre o projeto, tivemos aulas síncronas pelo *GoogleMeet*. Foram apresentados slides com objetivos, vídeos de cada um dos assuntos, ressaltando que esses temas foram trabalhados ao longo do ano. Sendo assim, os temas foram realizados em momentos diferentes e os estudantes que participaram também receberam orientações pelo *WhatsApp*. Ao trabalhar a Lei Maria da Penha, Projeto Milton Santos e a Consciência Negra, tivemos produções de vídeos, *challenge*, poesias e paródias, os estudantes se empenharam e mostraram o engajamento e autonomia. Durante a realização desse projeto, tivemos o envolvimento de aproximadamente 300 pessoas, incluindo pais, estudantes e a equipe da escola.

De fato, foram conquistas significativas. A nossa escola está num contexto social precário, no qual grande parte dos nossos estudantes são privados de condições adequadas para o ensino remoto. Mas, mesmo diante disso, conseguimos um forte engajamento deles e boa participação. O resultado disso é que saímos com a sensação de que realmente as dificuldades são enormes no estudo remoto, mas sim, é possível aprender de forma significativa, basta dedicação e empenho da equipe escolar.

Resultados

Através das produções avaliadas, é perceptível que os educandos desenvolveram muitas competências da BNCC, pois, através das pesquisas realizadas, exercitaram o lado investigador, para criação das paródias e poemas, trabalharam a formulação de texto, usando a imaginação, exercitaram o respeito à diversidade na sociedade, a autonomia e o protagonismo. Em suas produções de vídeos mostraram a criticidade, colaborando para a reflexão sobre a valorização e respeito ao outro.

O projeto ERER veio para contribuir na descoberta de novos talentos em nossa escola, a cada tema trabalhado, um resultado surpreendente foi obtido. A realização de atividades como essa, contribuiu não só para que o educando se tornasse o protagonista, mas também para torná-los cidadãos responsáveis, solidários, que exerçam a empatia, respeitando as diferenças do outro.

A cada estudante que fez sua produção, expressamos nossos agradecimentos, mostrando que seu

trabalho foi valorizado, evidenciando o quanto é importante a participação deles em cada atividade realizada. Ressaltamos o potencial de cada um, instigando-os para que estejam sempre dispostos, convidando também aqueles colegas que estão menos engajados a participarem das nossas atividades. Portanto, por ter sido significativo e obter bons resultado, esperamos que esse trabalho sirva de inspiração e motivação para outras práticas, visando sempre um processo de ensino e aprendizagem que seja significativo para todos os envolvidos.

Considerações finais

Levando em consideração as atividades desenvolvidas, saímos com a sensação de dever cumprido. Alcançamos um bom engajamento dos nossos estudantes nessas atividades significativas. No decorrer do ano, com o desenvolvimento do projeto ERER com essas várias atividades, entendemos que demos um salto muito grande, não só no engajamento dos estudantes, mas, principalmente, no processo de formação de uma consciência crítica voltada para o respeito à diversidade.

Parece até uma triste coincidência, mas essa é a realidade. No dia em que estávamos encerrando as atividades do Projeto, estávamos de luto por mais uma vida negra brutalmente ceifada. Estamos falando de João Alberto Silveira, agredido até a morte por seguranças de uma rede de supermercado na cidade de Porto Alegre. Diante disso, por que desenvolvermos atividades como essas? Primeiro, para combater a falsa ideia de que racismo não existe. Infelizmente, racismo é uma realidade dolorosa de nossa sociedade. E o pior de tudo, trata-se de um racismo velado, mas tão ou até mais violento do que o período da escravidão. Prova disso, são as vidas ceifadas diariamente simplesmente pelo fato de serem vidas negras. Vivemos num país em que a maior parte da população se autodeclara negros, mas, contraditoriamente, vivemos num país de desigualdades em que os negros são os que mais sofrem com os reflexos dessas desigualdades. O negro é estigmatizado como bandido, é sempre visto com um olhar suspeito, exemplos disso não faltam, basta vermos o fim de João Alberto, Marielle Franco, Rogério Ferreira da Silva e muitos outros brutalmente assassinados justamente por serem negros.

Diante disso, pensamos ter atingido os objetivos propostos, haja vista os resultados das produções realizadas pelos estudantes e o debate gerado. Ficamos satisfeitos com o que obtivemos. Se não atingimos o máximo, pelo menos plantamos uma semente, a semente da esperança, esperança de dias melhores e de uma sociedade mais justa e igual.

Referências Bibliográficas

- MASSCHELEIN, J.; SIMONS, M. **Em defesa da escola: Uma questão pública.** 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- SILVA, P. B. G. **Aprender, ensinar e Relações Étnico-Raciais no Brasil.** In: Revista Educação, Porto Alegre, 2007, p. 489-506.
- SANT'ANNA, W. **Marco Conceitual do projeto “A Cor da Cultura”.** Fevereiro, 2005. Disponível em www.acordacultura.org.br. Acesso em 09 de Fev. 2021.

**PROJETO “SENZALA LETRADA, SOCIEDADE TRANSFORMADA, IDENTIDADE FORMADA E HISTÓRIA
CONTADA”**

Cibele Cristina de Oliveira Jacometo⁶¹

Tânia Christina de Oliveira Ribeiro⁶²

Andreia Keila Marques Vieira Korch⁶³

Resumo

O presente trabalho apresenta práticas da Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER) relacionadas a execução do Projeto “**Senzala LETRADA, Sociedade TRANSFORMADA, Identidade FORMADA e História CONTADA**” que ocorreu no escopo de debatermos a fundo, com veemência e continuamente temas latentes como esse, que deixam a mostra a discriminação, o preconceito e a desigualdade social disseminada em nosso País, especialmente pelo povo negro que vivenciou o racismo e mesmo livres, ainda por muitos séculos, se subpuseram às leis do período e ao escravagismo existente, que permeou a História e sociedade por longos anos. O Projeto da área de Linguagens e Tecnologias, representando a disciplina de Língua Portuguesa, pretende, por meio da interdisciplinaridade, levar o estudante a conhecer e valorizar a história dos povos africanos e da cultura afro-brasileira, na construção histórica da identidade social e cultural do povo brasileiro. Isso se dará pelos questionamentos acerca da obra “**Quarto de Despejo**” e do ser humano **Carolina Maria de Jesus**, a posição social da mulher, o trabalho, a pobreza, o acesso à Educação, à marginalidade, o lugar de fala, sua Literatura e marca no mundo.

Palavras-chave: Desigualdade Social; Racismo; Cultura Afro-Brasileira; Identidade Social e Cultural; Interdisciplinaridade; Lugar de Fala.

Introdução

Este artigo descreve o Projeto “**Senzala LETRADA, Sociedade TRANSFORMADA, Identidade FORMADA e História CONTADA**”, desenvolvido ao longo das aulas de Língua Portuguesa e Literatura do Ensino Médio, em parceria com a área de Humanas, na Escola 18 de Junho, Município de Presidente Epitácio/ SP. O trabalho deu-se por meio de estudos realizados com as segundas séries, do caderno do estudante de Língua Portuguesa São Paulo Faz Escola (volume 2 especificamente nas páginas 114 a 118), em que, elucidando a *Terceira Geração do Romantismo*, iniciamos com texto introdutório intitulado “A Voz Silenciada”, que já instiga o estudante a refletir sobre o assunto. Na sequência, já temos a Literatura de Maria Firmino dos Reis com o capítulo de Úrsula “A preta Suzana”, que já insere o estudante ao contexto de cultura dos povos escravizados, remete a própria condição feminina nos dias de hoje, o papel da mulher negra na literatura brasileira, inaugurando uma relação entre o discurso literário e o histórico, refletindo

⁶¹ Professora Efetiva de Língua Portuguesa e Língua Inglesa na Unidade Escolar, responsável pela criação, elaboração e implantação do Projeto Senzala Letrada. Docente desde 2007, Pós-graduada em Comunicação: Linguagens e Literatura em 2012 e Educação Especial e Inclusiva pela UNESP em Transtorno Global do Desenvolvimento em 2014.

⁶² Professora Efetiva formada em Estudos Sociais Lic. Plena Habilitada para Geografia e correlatas como História e Sociologia. Também possui formação em Pedagogia. Docente desde 1985. Colaboradora que auxiliou na implantação e execução do Projeto Senzala Letrada.

⁶³ Professora Efetiva com Graduação e Licenciatura plena em História e Correlata Sociologia. Também é Bacharel em Direito. Docente desde 2003. Representante do movimento e responsável pelo ERER na Unidade Escolar, que auxiliou na implantação e execução do Projeto Senzala Letrada.

já um discurso das minorias no século XIX. Partindo daí e abrangendo essas leituras, o estudante é levado a pesquisar sobre Maria Firmina dos Reis, Conceição Evaristo, Carolina Maria de Jesus e em especial, nesse caso, afunilar uma pesquisa sobre uma obra desta última autora: “Quarto de Despejo”.

O que sustenta as linhas de trabalho deste Projeto, basicamente são estudos voltados para a situação do negro no Brasil, a pobreza, a fome, a alfabetização, o papel da mulher no século XIX, a sociedade da década de 60 e na atualidade. Intenta-se dar notoriedade a toda prática de racismo e preconceito, arraigada no contexto histórico e social, que permeiam a trama da personagem da obra e delineiam novos estudos e pesquisas. É sabido de todos que, desde a abolição da escravatura em 13 de Maio de 1888, a escravidão foi proibida em território brasileiro, porém, de lá para cá, não se investiu em políticas públicas para que os escravos libertos e seus descendentes fossem de fato parte integrante da sociedade, com direitos humanos básicos garantidos, como moradia, saúde e alimentação, além de estudo e trabalho.

O mesmo ocorreu com a mãe de Carolina Maria de Jesus, que negra analfabeta, segundo a filha Vera Eunice de Jesus Lima (em entrevista à Rede TTV no centenário de vida de Carolina), fora acusada em Sacramento (MG) em dada ocasião, de ter subtraído 10 ou 20 réis de um Frei, na ocasião foi presa e açoitada, mas não encontrando a quantia, prenderam também sua mãe (avó de Vera). Para que não visse sua mãe sofrer, conta Vera, que Carolina clamou a morte, contudo, encontraram o valor e a libertaram. Incomodada com a situação vivida, Carolina pede a mãe que saiam de Sacramento, a mãe se nega e Carolina decide ir sozinha para a Capital e a pé, não sabendo que lutas irá travar, ou que perigos irá encontrar.

Assim, como a mãe de Carolina Maria de Jesus e a própria personagem, como aprendemos com a obra, os muitos negros no fim do século XIX e a primeira metade do século XX do Brasil, foram habitar locais onde ninguém queria morar, como os morros, na costa da Região Sudeste, formando as favelas. Sem emprego, sem moradia digna e sem condições básicas de sobrevivência, foram marcados pela miséria, violência e marginalização. Essas ações sistêmicas promoveram a exclusão social em nosso País, mas Carolina, na contramão de todo esse processo e em meio ao início de um Golpe Militar, denuncia, aponta, relata, escreve, faz poesia da realidade, nua e crua, dura e voraz. O escritor e Jornalista Tom Farias, que acompanhou a trajetória de Carolina, enfatiza em artigo da “Fala! Universidades” que “*Carolina ainda se encontra amordaçada pela ameaça surgida em 1964. Sua voz se calou nos calabouços da consciência nacional. Falar, ler Carolina se tornou algo perigoso, arriscado, ameaçador. (...)*” Tubamoto, 2020. Tom Faria, completa e dá ainda uma perspectiva muito social e real da personagem, numa entrevista cedida ao Jornal Tribuna de Minas e comenta:

“Carolina de Jesus sobreviveu ao sistema porque também soube manipular este sistema. Em poucos anos, saiu da condição de totalmente invisibilidade e miserabilidade, para o cume da fama e do dinheiro. (...) Para quem até às vésperas do lançamento do seu livro famoso era vista como ‘mendiga e suja’. Era uma revolução”. Loures, 2019

Surge então, a necessidade de promover o diálogo da presente obra em âmbito escolar para tratar uma realidade precária, como a de Carolina, da favela do Canindé, da educação básica, que concerne na desconstrução de um currículo eurocêntrico e legitima a representatividade da cultura afro-brasileira, anunciando o protagonismo negro. Pois como ressalta LOPES (2018) logo na introdução de seu artigo sobre o Diário de uma favelada, de Carolina Maria de Jesus, a obra:

(...) retrata o cotidiano de miséria, fome, violência e marginalização que se fazem presentes na vida da escritora. A voz de Carolina configura-se como a marginal e é desse lugar que ela “lê” a cidade de onde mora: “[...] eu classifico São Paulo assim: o Palácio, é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos” (JESUS, 2000, p. 28 apud LOPES, 2018, p.01).

A redatora do artigo ainda salienta que *“O lugar de fala da autora, assim como sua condição feminina e étnica são de extrema importância para se pensar os papéis exercidos pela escrita e pela leitura no cotidiano de atribulações que a autora documenta.”* (LOPES, 2018, p.01), daí a necessidade de se partir da área de Linguagens em busca da interdisciplinaridade entre as relações étnico-raciais, pois é de uma leitura como essas que abstraímos conceitos sociais, culturais e morais de peso para formação do educando e cidadão, ao mesmo tempo singular por suas características peculiares e identitárias e plural, pela transculturação que o permeia como sujeito de seus discursos e atuações sociais.

Levar os estudantes a refletir sobre a maior necessidade humana que é a **FOME** e que no caso de Carolina ainda se sobressai a necessidade de escrever, relatar e denunciar, é dar lugar de fala ao negro, ao pobre, a criança, a mulher, a favela. É colocar o assunto em pauta no cerne da ESCOLA e polemizar com falas como a de Berenice Bento para Revista Cult em 03.02.2016, que no artigo “Quartos de Despejo da História” ressalta que em um Culto de Thanksgiving, quando morava no EUA, o pastor dizia, que temos que lembrar dos nossos passados, contar nossa história e de nossos ancestrais e enfatiza que “Quarto de Despejo” foi umas das obras feministas mais potentes que já leu e diz em dado momento: “(...) descobrimos que a medida da solidariedade humana é proporcional à fome. Nesses dois cenários marcados pela miserabilidade, os seres esfomeados jogam suas poucas energias vitais para obtenção de um pedaço de pão a fim de assegurar mais algumas horas de vida. Com fome, ninguém é solidário. (...)”. Depois, sobre Carolina Maria de Jesus, completa ao final:

Não tinha vergonha, mas orgulho de sua cor. “Eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rústico.” Mas ela sabia que “o mundo é como o branco quer”. Assim como o reverendo do Harlem, Carolina Maria de Jesus ousou contar sua história. E este talvez seja o seu ato de maior rebeldia. Com seu texto, ela atuou, tomou sua vida em suas mãos e nos disse: “**Minha vida importa**”. (BENTO, 2016) _ (grifo nosso)

Toda essa dinâmica conceitual embasa nosso Projeto e por si só o justifica, introduz nosso

pensamento como DUTRA&FIGUEIREDO (2013) abordam em seus estudos publicados no Geledès, cujo apontam que o estudo de Úrsula (1859), romance de Maria Firmino dos Reis (como explicitado no início e pautado pelo Caderno do estudante São Paulo Faz Escola) pode apresentar ao leitor, consequentemente ao estudante “(...) o ambiente social e histórico brasileiro do século XIX, cuja temática problematiza questões de gênero, raça, escravidão, etc., numa proposta de recuperação do patrimônio literário do país e de superação do ponto de vista usual sobre a representação dos negros e do feminino nos romances abolicionistas de seu tempo”. Isso nos coloca frente a análise de obras literárias de épocas diferentes, mas que se complementam se refletirmos com as de Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo, por exemplo, podendo assim, fornecer dados importantes e significativos para os estudiosos, abordando interfaces da Literatura e área de Humanas, além de tornar relevante e contextualizar o tempo e o espaço.

Em suma, João Pinheiro que é coautor com Sirlene Barbosa da versão *Pocket* cujo foram gravados os *podcasts*, também se posicionam a respeito e desmistificam a igualdade racial que ainda não chegou na sociedade, nos altos escalões de trabalho, no auditório das Universidades e tão pouco é discutida nas Redes de Ensino. João Pinheiro diz “*E a academia que é branca e não considera a importância de Carolina*”, referindo-se à Academia Brasileira de Letras que reverencia Machado de Assis, que também era negro, mas não Carolina, a “favelada”. E Sirlene Barbosa ressalta com bastante veemência:

“(...) Arroyo fala que currículo é espaço de luta. E, nesse sentido, também devemos compreender que foi a escola que inseriu a ideia de eugenio e de embranquecer a raça brasileira. (...) Quem define o que será ensinado e lido? Ainda é a elite. Elite branca e escravocrata. A gente também precisa descolonizar os currículos.” *Tubamoto, 2020*

O Projeto Senzala Letrada, pretende ampliar-se em vários sentidos, à ponto de acordar um levante: como o de Palmares, o dos Panteras Negras, movidos por Ali, King, Parks, Malcom X, Maria Firmino, Carolina Maria, Conceição Evaristo, Djamil Ribeiro, entre outros que foram, que são ou que virão a ser a representatividade do movimento de resistência contra a segregação de raças, contra a discriminação, porque enquanto nos EUA, existia um sistema oficial que levou o povo a lutar por seus direitos, contra o racismo, aqui no Brasil, predominou-se forte e silenciosamente, a custas de muitas vidas e sangue negro, o racismo estrutural, aquele tipo que faz vítimas como a avó, a mãe e a própria Carolina Maria de Jesus.

Descrição da Prática

As práticas deste Projeto, visaram o enfoque que a terceira geração do Romantismo no Brasil deram às denúncias sociais, a busca da independência e a libertação dos escravos. Além disso, frente aos temas que vivenciamos na atualidade, (incluindo a pandemia, com os casos impressionantes de racismo como o do menino **Miguel** no Brasil e de **George Floyd** nos E.U.A) reforçaram os questionamentos e críticas ao racismo estrutural, ao lugar de fala dos negros na sociedade atual e especialmente ao papel da mulher na

trajetória histórica, política e social, em que muitos de seus direitos foram negados, incluindo o da educação e o direito ao voto. Toda essa pesquisa, refletiu numa parceria de trabalho realizada com a área de humanas que já vinha abordando essas temáticas em debates virtuais, com os estudantes em aulas ao vivo no *GoogleMeet* e em seus Planos e Roteiros, tanto em História como em Sociologia, trabalhando obras como “**Pequeno manual antirracista**”, “**Quem tem medo do feminismo negro**”, “**Lugar de fala**”, obras da Djamila Ribeiro em História com a professora Andréia Keila e o próprio “**Quarto de Despejo**” da Carolina Maria de Jesus e “**Pobreza Urbana**” de Milton Santos em Sociologia com a professora Tânia Ribeiro. Todos esses estudos, leituras e reflexões projetaram a celeuma deste Projeto e resultados que referenciam os intentos precípuos deste trabalho.

Em Língua Portuguesa, a professora Cibele Jacometo, criou podcasts com o programa *Audacity* e depois publicou no *Soundcloud*. Para criação dos podcasts, tentou vivenciar a personagem em toda sua essência, personificando inclusive vivências experienciadas por ela mesma na infância, para dar um tom realista, a voz e interpretação do podcast. Isso trouxe muita verdade ao Projeto, pois a intenção era de que os estudantes sentissem e despertassem para a obra com tamanha sensibilidade, que fossem capazes de não só se solidarizar com Carolina, mas torcer por ela, se identificar com ela, viver a dor dela e sentir como ela a fome, a tristeza de habitar uma favela, em que presenciava a crueza da vida e ainda valorizar a leitura, os estudos e a educação, sendo ela ofertada em menor ou maior escala.

Seguindo processo norteador, do **Caderno do Estudante São Paulo Faz Escola**, os estudantes realizaram as pesquisas e depois aprenderam a fazer um podcast. Para a elaboração do *Podcast*, o material do governo trazia a informação de que o estudante deveria: 1. Organizar o trabalho em grupos, trios ou duplas. 2. Pesquisar o tema para o podcast, lembrando-se de fazer uma curadoria das informações e dados levantados, buscando sempre fontes confiáveis. 3. Elaborar o roteiro, criando uma sequência do que seria gravado, para orientar o trabalho e garantir que o podcast fique objetivo e claro. 4. Ensaiar para ajudar que não haja problemas no roteiro, resolvendo eventuais questões técnicas e permitindo treinar a oralidade, o respeito aos turnos da fala e a clareza na exposição de ideias. 5. Controlar o ambiente de gravação para que no espaço não exista maiores distrações ou intervenções sonoras e seja facilitada a edição. 6. Editar o material usando programas gratuitos ou aplicativos para que se tenha um bom trabalho ao final. 7. Publicar e divulgar a edição terminada, compartilhando o trabalho na internet ou em aplicativo, divulgando para o máximo possível de pessoas.

Frente a esse processo, os estudantes munidos do estudo no **Caderno São Paulo Faz Escola**, no **Fascículo Aprender Sempre Volume 1** e com base em textos motivadores sobre a cultura dos Países Africanos e suas próprias **pesquisas**, tiveram a primeira semana do Projeto, para além da realização de meras investigações acerca dos assuntos que permeavam a obra e a vida da autora. A audição dos podcasts confeccionados pela professora Cibele Jacometo, com **três partes da versão pocket do diário de Carolina Maria de Jesus “Quarto de Despejo”**, foi peça chave para o desencadear o Projeto, despertar

competências e habilidades socioemocionais várias e aguçar o olhar crítico e analítico sobre a realidade. O primeiro podcast, intitulava-se “**Muito bem, Carolina!**”, o segundo “**Escrevivências!**” e o terceiro “**Vedete de Favela!**”. Em cada podcast, o estudante era levado a vivenciar na pele, as experiências de Carolina frente à fome, a saga em busca do letramento e da escrita precária, mas lírica, refletindo sobre a pobreza, miséria e outras questões acerca da sociedade da época, que envolviam a marginalidade das pessoas, o racismo e a desigualdade social.

Além da audição dos *podcasts*, foram gravados três **PROGRAMAS** no *GoogleMeet* (encontros), intitulados “**Reflexão Social: Café com História**”, nos quais foram abordados, temas alusivos aos *podcasts* e consequentemente as correlatas áreas que trabalhavam a obra, os temas e outros aspectos. Assim, tivemos o **1º programa, abordando a visão Histórica da obra com a Professora Andréia** e convidados, com temas concernentes ao livro e transversais ao mesmo. No **2º programa, abordamos a visão Sociológica da obra com a Professora Tânia** e convidados, com assuntos pertinentes e temáticas que permeavam as disciplinas e referenciavam a obra. E, no **último programa, tivemos uma abordagem mais voltada para a Literatura e Biografia, da autora Carolina Maria de Jesus com a Participação da Professora Cibele, Professor Luiz Henrique Duran, da Sala de Leitura e a PCNP Marli Oliveira Geraldo de Língua Portuguesa**, enfatizando a luta da autora pelo reconhecimento, formação e identidade, além dos ganhos literários, que a mesma nos fomentou com sua obra “Quarto de Despejo” e outras que lançou ao longo da vida.

Concomitante a todo esse processo, ainda na semana seguinte, junto aos programas gravados, ainda foram ofertados textos de apoio por História e Sociologia. Na disciplina de História, foi ofertado o texto “**Mulheres em todas as cores**” – **Djamila Ribeiro**, além de ter sido proposto pela professora, visita ao site **Geledès** e ao **Museu Virtual Afro Brasil**. Em Sociologia, os textos foram um artigo da **Revistas Figas “Favela do Canindé”** e um artigo, do site **Teto Techo** intitulado “**A pobreza brasileira tem cor e é preta**”. Todos os textos, foram motivadores para a escrita base e norteadora, do projeto dos estudantes para confecção de seus *podcasts*.

A ideia era que, os estudantes tentassem associar Carolina Maria de Jesus, como importante escritora brasileira, pensando na literatura produzida por ela, como porta voz de mulheres silenciadas e reprimidas pela sociedade. O reflexo desse conhecimento iria para além disso, trazendo questionamentos acerca da identidade fragmentada em tempos modernos, resgatando discussões já iniciadas pela personagem e por outras citadas ao longo dos estudos. O Projeto em si, ampliaria de modo singular a maneira de se compreender a literatura produzida no País, seja frente a assuntos polêmicos, discutidos na área de humanas, em outros aspectos de suas próprias vivências humanas, ou talvez, experiências diante de uma atitude racista. Enfim, o escopo do Projeto, era para além de apenas conhecer o **Diário de Carolina** e/ou estudar sua relevância no contexto histórico-social, no qual estão inseridas, era mergulhar em questões humanizadoras e étnico-raciais, que levassem o estudante a pertencer e perceber, a relevância de inúmeras questões, ligadas a obra e imbricadas nesse trabalho.

Para socialização e divulgação dos trabalhos, a professora Cibele preparou uma vinheta de abertura do Programa, que foi utilizada ao longo da exibição do mesmo e em novos encontros, realizados via *GoogleMeet*, com o propósito inicial (inclusive), de participar do “Criativos 2020”, para realizar a audição dos *podcasts* e ler alguns textos, produzidos no mesmo escopo e intento do Projeto. A proposta ainda, era fomentar ideias, para levar todo aprendizado do Projeto, para Ações Práticas para dentro da Escola. Surgiram assim, sugestões formidáveis como: aproveitamento dos muros externos da escola e/ou paredes internas, para grafitar, (por meio dos Clubes) imagens e mensagens, de ícones ou personalidades afro-brasileiras ou negras que influenciaram a construção de nossa identidade e formação de nosso povo. Construir uma árvore dos desejos, sobre o Projeto dentro da Escola (segundo o suposto modelo do Programa do Luciano Hulk) e construção de uma galeria, de vultos de nossa afrodescendência, no Hall de entrada da Escola (Eletiva Afrikan House). Enfim, outros encontros estão previstos, assim como uma nova abordagem do Projeto, em âmbito escolar. Outras ações estão em vista, abrangendo ambas as áreas do conhecimento, de modo que o Projeto se dissemine, inclusive para outras vertentes e seja aplicado em 2021, em todo âmbito escolar.

Em todas as aulas, frente a este Projeto, houve questionamentos sobre a posição social da mulher, o trabalho, a pobreza, a fome (veementemente destacada pela personagem Carolina Maria de Jesus, principalmente nos *podcasts*), a maneira como o negro é tratado no Brasil, o acesso à Educação, especialmente dos que emergem da favela ou de uma tradição patriarcal assolada pela escravidão. Houve reflexão sobre a transformação da sociedade, por meio do letramento do ser humano e, a partir daí, a mostra de sua identidade real e a contação de sua história que perpetua por gerações. Os exemplos pauta de todo esse percurso, foram Carolina, Firmina, Evaristo. Foram identidades ocultas, numa história às avessas, sem lugar de fala e sem vez para se expressar, mas que agora ecoam de uma Literatura forte e marcante de um “**Quarto de despejo**” para um mundo inteiro.

LOCAL: Escola Estadual 18 de Junho

EQUIPES DE TRABALHO ENVOLVIDAS

ÁREA DE LINGUAGENS: Professora Cibele Cristina de Oliveira Jacometo

ÁREA DE HUMANAS: Professoras Tânia Christina de Oliveira Ribeiro e Andreia Keila Marques Vieira Korch

PERÍODO: Início em 13.06.2020 até o final do ano letivo.

PARTICIPANTES: ESTUDANTES DAS 2^a SÉRIES A, B e C

PROFESSORES: Cibele Cristina de Oliveira Jacometo, Tânia Christina de Oliveira Ribeiro e Andreia Keila Marques Vieira Korch

GESTORES: Diretor Eron Paulino Messias, Vice-diretor Renato Garcia Martines e PCG Gisele Ap^a Bonfim.

CONVIDADOS: PCA Elaine Silva de CNMT, PCA Solange Freitas de LT e a PCNP Marimeire Casanova de CHT, Professor Luiz Cláudio Pereira, PCNP de Linguagens Marli Geraldo e PCA Eleandro Depieri de CHT.

Metodologia utilizada na prática

A metodologia utilizada pautou-se, inicialmente, na audição de *podcasts* da obra *pocket*, de Carolina Maria de Jesus, intitulada “Quarto de Despejo” (Versão de Sirlene Barbosa e João Pinheiro- Premiada na França em Janeiro de 2020). Os estudantes, precisavam apenas ouvir os *PODCASTS* e explorar os materiais ofertados, pelas disciplinas de História e Sociologia, lendo os textos e realizando pesquisa, para formarem suas opiniões sobre o assunto abordado no livro e no Projeto.

Assim, as sequências se dão dessa forma:

- ✓ ABERTURA DO PROGRAMA PUBLICADA NO VÍMEO (PRIVADO SENHA 1818)
<https://vimeo.com/438009666>
- ✓ 1º *podcast* – “Muito bem, Carolina!”: <https://soundcloud.com/cibele-cristina-de-oliveira-jacometo/podcast-1-muito-bem-carolina/s-GPXLDDBCwU>. Depois, seguia o estudo do **Caderno São Paulo faz Escola** Páginas págs. 114 a 118 e Aprender Sempre (Língua Portuguesa) _ Textos Sobre a África págs. 7 a 10 e a **Leitura Motivadora (História)**: “Mulheres em todas as cores” – Djamila Ribeiro e pesquisa no Instituto da Mulher Negra e no Museu Afro Brasil.
- ✓ 2º *podcast* – “Escrevivências”: <https://soundcloud.com/cibele-cristina-de-oliveira-jacometo/2-parte-escrevivencias/s-Tu72ujQFHXC> . Depois, seguia a **Leitura Motivadora (Sociologia)**: Pesquisa na Revistas Figas “Favela do Canindé” e um artigo do site **Teto Techo** intitulado “A pobreza brasileira tem cor e é preta”;
- ✓ 3º *podcast* – “Vedete de Favela!”: <https://soundcloud.com/cibele-cristina-de-oliveira-jacometo/3-parte-vedete-da-favela/s-JSoNTMJj8sv> . Depois seguia a **Leitura Motivadora (Literatura/Biografia)**: “*Quem foi Carolina?*” _ Folha de Poesia de 15.06.2016 (Autora Contemporânea) e vídeos complementares nas referências bibliográficas com a “Poética da Diáspora”, “Carolina Maria de Jesus: da miséria à fama e de volta à pobreza”, “Carolina Maria de Jesus: filha fala sobre vida e obra da escritora” e “Quem foi Carolina Maria de Jesus?”.

Em seguida os estudantes deveriam assistir aos **PROGRAMAS “Reflexão Social: Café com História”**, que foram construídos, em três episódios via encontros no GoogleMeet. A partir deles, os estudantes, deveriam reiterar suas opiniões, acerca dos assuntos apresentados pelo Projeto e/ou formados ao longo das discussões, nas aulas da área de humanas, em consonância com o que aprenderam, com os materiais do Governo, as experiências acumuladas sobre confecção de *podcast* (pois já haviam elaborado um no 1º bimestre) suas pesquisas, leituras de mundo e experiências vivenciadas.

Deste modo, os programas se deram nessa sequência:

- ✓ **Programa “Reflexão Social: Café com História”** - Conversa com Convidadas Professora Andreia Keila de História, Profª Tânia Ribeiro de Sociologia, PCA Elaine Silva de CNMT, PCA Solange Freitas de LT e a PCNP Marimeire Casanova de CHT, além da apresentadora Profª Cibele de Língua Portuguesa sobre o 1º

podcast_ “Muito bem, Carolina!” Programa 1_ . Bate papo sobre os aspectos Históricos da obra. Segue link <https://drive.google.com/file/d/1ly1V42ZupDneI4ws0gMug4FBhJ34md6I/view?usp=sharing> .

✓ **Programa “Reflexão Social: Café com História”** - Conversa com os convidados Profº Luiz Cláudio de História, Geografia e Sociologia, Profª Tânia Ribeiro de História e a apresentadora Profª Cibele Jacometo de Língua Portuguesa sobre o **2º podcast_ “Escrevivências!”**

✓ **Programa 2** - Bate Papo sobre os aspectos Sociológicos e geográficos da obra. Assista o programa pelo link <https://drive.google.com/file/d/1CtXovDBBYXOuoGBYf0fMdTggAmMAfd6d/view?usp=sharing> .

✓ **Programa “Reflexão Social: Café com História”** _Conversa com os convidados PCG Gisele Bonfim, novamente Profº Luiz Cláudio de Humanas, Profª Andreia de História, PCNP de Linguagens Marli, o diretor da U.E 18 de Junho Eron Paulino Messias e participação do PCA Eleandro Depieri, além da apresentadora Profª Cibele de Língua Portuguesa sobre o **3º podcast_ “Vedete de Favela!”**

✓ **Programa 3_** Bate Papo sobre a Biografia e Literatura de Carolina Maria de Jesus. Assista o programa pelo link:<https://drive.google.com/file/d/1M8zE3OsacpalnrDV8YR0ciS9Jpv5Sn3T/view?usp=sharing>

Por fim, munidos de suas próprias conclusões e convicções, os estudantes deviam produzir um **PODCAST** sobre o tema, aliando as três disciplinas: Língua Portuguesa, Sociologia e História e a obra **“QUARTO DE DESPEJO”** de Carolina Maria de Jesus. O *Podcast*, devia ser feito de modo intertextual englobando a ótica das três disciplinas e os conhecimentos adquiridos e compartilhados ao longo das aulas.

Nas aulas do *GoogleMeet*, exploramos mais a obra, partindo de outros vídeos como os apresentados nos programas, para tirar dúvidas sobre o Projeto e trabalhos. Em várias ocasiões, utilizamos os *links* do *YouTube* citados nas referências, entre outros materiais, tanto de Língua Portuguesa, como de História e Sociologia.

Após, a elaboração dos *Podcasts*, realizamos a divulgação dos trabalhos dos estudantes, em Encontro no *Meet* e reuniões de ATPCG (Boas Práticas/Replicabilidade). Ainda estamos agendando outros encontros e desdobramentos, para ampliar o Projeto para que ele ganhe notoriedade, haja vista a importância de sua finalidade e tema de trabalho em âmbito escolar. Em 2021, no modo presencial (se assim for possível) e/ou virtual(remoto), pretendemos expandir o Projeto para mais disciplinas, incluindo mais obras Literárias e abordando outros assuntos, tão essenciais quanto os que abordam a diáspora dos negros no Brasil e no Mundo.

Resultados

Esperava-se o alcance de 80% da comunidade escolar, contudo, em vista do ensino remoto, talvez essa meta tenha sido reduzida, mas os resultados até então têm sido positivos e englobaram um bom número de estudantes engajados. Paulatinamente, os estudantes expressaram suas opiniões durante a realização de seus *podcasts* e refletiram sobre questionamentos e análises críticas, objetivando eliminar

conceitos e preconceitos, ideias, comportamentos veiculados pela ideologia do branqueamento, pelo mito da democracia racial que tanto mal fizeram aos negros e populações menos privilegiadas, especialmente pela fome e pobreza, pelo pertencimento à favela ou por estar à margem da sociedade, como Carolina esteve.

Outro ponto relevante, foi o combate ao racismo estrutural e ao preconceito latente em nossa sociedade, que permeiam as discussões escolares e devem estar em pauta em trabalhos, debates e cada vez mais propiciar a abordagem do assunto para que se possa vencer sistemas arcaicos, teorias falidas e se desmistifique pensamentos e ideologias. Almejamos que os resultados levem os estudantes a aprender a valorizar a cultura afrodescendente, as comunidades Quilombolas, para que os coetâneos se tratem com equidade e respeito e tenham os mesmos direitos à moradia, saúde, educação e lugar de fala, que os demais povos brasileiros. Ainda intentamos que o povo afrodescendente seja reconhecido em sua essência, literatura, cultura, identidade como agentes transformadores da sociedade, donos de suas próprias lutas, que merecem ser contadas e disseminadas, como exemplo e parte da história do Brasil.

Considerações Finais

Finalizamos este artigo mensurando que o Projeto cumpriu seus objetivos (apesar de não estar concluso ainda) e surtiu o efeito esperado no ensino remoto, porém não temos dúvidas de que, presencialmente, renderia excelentes resultados e talvez abarcasse um número maior de estudantes envolvidos e engajados. O projeto em âmbito escolar e de modo presencial, poderia ser expandido a outras disciplinas e até mesmo se tornar um macroprojeto escolar. Contudo, concluiremos o mesmo, com publicação na rede social da escola de alguns dos *podcasts*, vídeos do programa e depoimentos dos estudantes. Faremos a Replicabilidade deste trabalho, que pode ser divulgado a ponto de ganhar ainda mais adeptos dessa e de outras causas latentes da sociedade, que precisam ser discutidas, debatidas, ampliadas, para que se combatá de vez o racismo institucional, estrutural, se desmitifique a hierarquia das raças, a democracia pela miscigenação, entre outras questões base para o surgimento do preconceito tão fundamentais na atualidade.

Concluímos que houve uma reflexão por parte dos estudantes com o melhor de si, com sensibilidade e autonomia, imprimindo suas marcas autorais sobre a superação da indiferença, injustiça e racismo, vivenciado pelos negros. Isso impulsionou a referenciação pelos estudantes de outros aspectos nessa cota como os povos indígenas, as classes populares mais baixas, os miseráveis, os analfabetos, as crianças, as mulheres, que comumente também sofrem preconceito e são marginalizados. Deste modo, presumimos que o Projeto atingiu os resultados esperados nesse sentido, com êxito, apresentando trabalhos bem elaborados que refletem a sensibilidade e verdade que se esperava no sentido Literário e Humano, à medida que captaram e compreenderam as aulas das áreas de Linguagens e Humanas e captam a essência

do Projeto como um todo.

Referências Bibliográficas

- ABREU, Carolina. “**Mulheres em todas as cores**”, 2018. Blog colaborativo. <<https://mulheresemtodascores.tumblr.com/>>. Acesso em 09.06.20.
- BENTO, Berenice. “**Quartos de despejo da história**”. Revista Cult, 2016. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/quartos-de-despejo-da-historia/>. Acesso em 07.11.20.
- CARMO, Beatriz. “**A pobreza brasileira tem cor e é preta**”. In Techo. Org, 2017. Disponível em <https://www.techo.org/brasil/informe-se/a-pobreza-brasileira-tem-cor-e-e-preta/>. Acesso em 10.06.20.
- DANTAS, Aurélio. “**Favela do Canindé**”. In Revistas Figas, 2018. Disponível em: <http://www.editorafigas.com.br/revista/tag/favela-do-caninde/>. Acesso em 10.06.20.
- DUTRA & FIGUEIREDO, Robson Lacerda, Vanessa. “**Literatura afrodescendente: uma proposta de diálogo entre Maria Firmino dos Reis e Conceição Evaristo**”. E-Escrita (2013) apud in Portal Geledès, 2019. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/literatura-afrodescendente-uma-proposta-de-dialogo-entre-maria-firmino-dos-reis-e-conceicao-evaristo/>. Acesso em 09.11.20.
- FENSKE, Elfi Kürten (pesquisa, seleção e organização). “**Carolina Maria de Jesus - a voz dos não têm a palavra.**” Templo Cultural Delfos, maio/2014. Disponível no link. <http://folhadepoesia.blogspot.com/2016/07/carolina-maria-de-jesus.html>. Acesso em 11.06.20.
- LOPES, Elisângela Aparecida. “**A importância da leitura e da escrita para Carolina Maria de Jesus: uma análise do seu Quarto de despejo¹**”. Literafro, 2018. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/29-critica-de-autores-femininos/1024-a-importancia-da-leitura-e-da-escrita-para-carolina-maria-de-jesus-uma-analise-do-seu-quarto-de-despejo-elisangela-aparecida-lopes>. Acesso em 09.11.20.
- LOURES, Maria. **Tom Farias: “Carolina ainda continua assombrando a sociedade brasileira”**. Tribuna de Minas, 2019. Disponível em: <https://tribunademinhas.com.br/colunas/sala-de-leitura/25-06-2019/tom-farias-carolina-ainda-continua-assombrando-a-sociedade-brasileira.html>. Acesso em 07.11.20.
- MUSEU AFRO BRASIL. Portal do Governo do Estado. Parque do Ibirapuera. Disponível em: <https://artsandculture.google.com/partner/museu-afro-brasil>. Acesso em 09.06.20.
- PORFÍRIO, Francisco. “**Racismo**”. Brasil Escola, sem data. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/sociologia/racismo.htm>. Acesso em 07.11.20.
- RIBEIRO, Djamila. “**Mulheres em todas as cores**”. In Mulheres na Ciência, 2019. Disponível em: <https://mulheresnaciencia.com.br/mulheres-em-todas-as-cores-djamila-ribeiro/>. Acesso em 10.06.20.
- SILVIA, Maria Lúcia da. **Portal Geledès**, 1988. Instituto da Mulher Negra. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/>>. Acesso em 09.06.20.
- TUBAMOTO, Fernanda Tiemi. “**Negra, escritora e mãe solteira: A relevância de Carolina Maria de Jesus**”. Fala Universidades, 2020. Disponível em: <https://falauniversidades.com.br/negra-escritora-e-mae-solteira-a-relevancia-de-carolina-maria-de-jesus/>. Acesso em 09.11.20.

Referências em vídeos de *YouTube*

CURTA! Canal. “**Quem foi Carolina de Jesus**”. 14 de Jun. de 2018. 4min26s. Disponível em: <https://www.YouTube.com/watch?v=6P_q9O3VtIU>. Acesso em 09.06.20.

FAPESP, Pesquisa. “**Poética da Diáspora**”. Revista Pesquisa Fapesp, 2015. 24 de jun. de 2015. 9min35s. Disponível em: <<https://www.YouTube.com/watch?v=T0ncwWD1C9g&t=2s>>. Acesso em 11.06.20.

PAPPON, Thomas. “**Carolina Maria de Jesus: da miséria à fama e de volta à pobreza**”. BBC News Brasil. 27 de Março de 2019. 12min34s. Disponível em: <<https://www.YouTube.com/watch?v=OfzC36k1gio&t=1s>>. Acesso em 09.06.20.

TVT, Rede. “Carolina Maria de Jesus: filha fala sobre vida e obra da escritora”. 20 de Nov. de 2014. 4min05s. Disponível em: <<https://www.YouTube.com/watch?v=qRjDmmWAFEO&t=20s>>. Acesso em 09.06.20.

Anexos

VINHETA DO PROJETO SENZALA. [Locução de]: Vários artistas. [S.I.]: VIMEO (PRIVADO SENHA 1818), Disponível em: <https://vimeo.com/438009666>. Acesso em 13 de Julho de 2020.

ALGUNS PODCASTS DO PROJETO:

- **QUARTO DE DESPEJO/ VERSÃO RAFAELA.** [Locução de]: Rafaela Ghiraldello. [S.I.]:SOUNDCLOUD. Julho de 2020. Podcast Disponível em: <https://soundcloud.com/rafaela-ghiraldello/quarto-de-despejo-versao-rafaela/s-0GR0qlgVxgl>. Acesso em 28 de Julho de 2020.
- **FAIXAS DE TERÇA A TARDE.** [Locução de]: Kelly Alves. [S.I.]:SOUNDCLOUD. Julho de 2020. Podcast Disponível em: <https://soundcloud.com/kelly-alves-219756658/faixas-de-terca-feira-tarde?ref=clipboard>. Acesso em 28 de Julho de 2020.
- **MINHA OPINIÃO: OBRA DE MARIA CAROLINA DE JESUS.** [Locução de]: Sarah Garcia. [S.I.]:SOUNDCLOUD. Julho de 2020. Podcast Disponível em:<https://soundcloud.com/sarah-garcia-candido-150289204/minha-opiniao-obra-de-carolina?ref=clipboard>.Acesso em 28 de Julho de 2020.
- **TRABALHO DE PORTUGUÊS.** [Locução de]: Luiz Henrique. [S.I.]:SOUNDCLOUD. Julho de 2020. Podcast Disponível em: <https://soundcloud.com/luz-henrique-535553409/trabalho-de-portugues/s-4AfRoW8Nqv?ref=clipboard>. Acesso em 28 de Julho de 2020.
- **PODCAST: QUARTO DE DESPEJO, CAROLINA MARIA DE JESUS.** [Locução de]: Lara Carlucci. [S.I.]:SOUNDCLOUD. Julho de 2020. Podcast Disponível em: <https://soundcloud.com/lara-carlucci-ronchi/podcast-quarto-de-despejo-carolina-maria-de-jesus>.Acesso em 28 de Julho de 2020.

PODCASTS DO LIVRO:

- ✓ **MUITO BEM CAROLINA!** [Locução de]: Cibele Cristina de Oliveira Jacometo. [S.I.]:SOUNDCLOUD. QUARTO DE DESEPEJO, CAROLINA MARIA DE JESUS. Julho de 2020. Podcast Disponível em: <https://soundcloud.com/cibele-cristina-de-oliveira-jacometo/podcast-1-muito-bem-carolina/s-GPxLDBDIcWU> Acesso em 28 de Julho de 2020.
- ✓ **ESCREVIVÊNCIAS.** [Locução de]: Cibele Cristina de Oliveira Jacometo. [S.I.]:SOUNDCLOUD. QUARTO DE DESEPEJO, CAROLINA MARIA DE JESUS. Julho de 2020. Podcast Disponível em: <https://soundcloud.com/cibele-cristina-de-oliveira-jacometo/2-parte-escrevivencias/s-Tu72ujQFHXC>. Acesso em 28 de Julho de 2020.
- ✓ **VEDETE DE FAVELA.** [Locução de]: Cibele Cristina de Oliveira Jacometo. [S.I.]:SOUNDCLOUD. QUARTO DE DESEPEJO, CAROLINA MARIA DE JESUS. Julho de 2020. Podcast Disponível em: <https://soundcloud.com/cibele-cristina-de-oliveira-jacometo/3-parte-vedete-da-favela/s-JSoNTMjj8sv>. Acesso em 28 de Julho de 2020.

VÍDEO DEPOIMENTO: JACOMETO, Cibele Cristina de Oliveira. “**Projeto Senzala Letrada**”. YouTube. 10 de Novembro de 2020. 3min20s. Disponível em: <https://youtu.be/nsTB38Ctqxs>. Acesso em 30 de Julho de 2020.

GRAVAÇÃO DE ENCONTRO: JACOMETO, Cibele Cristina de Oliveira. “**Projeto Senzala Letrada**”. Encontro no GoogleMeet. 10.11.20. 1h09min43s. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/19Bb13CVP5DPznpRBOGJ1MMJ8WMFoNup/view?usp=sharing> Acesso em 15 de Novembro de 2020.

Considerações Finais

Considerações Finais

Propor uma ação com essa dimensão foi algo que contribuiu com todas as esferas das modalidades de ensino e nos fez enxergar que cada professora(o) em seu território e com o que estava em suas mãos compreendeu e levou adiante o desafio do ensino remoto no ano de 2020. Hoje, contemplar esses artigos nos faz ver o significado de cada ação e o quanto essas podem ampliar o campo do conhecimento de parceiros em outras escolas e regiões. Há ainda dezenas de artigos que desta vez não foram publicados, mas assim como estes, foram apreciados e futuramente serão compartilhados em outras ações quando necessário.

Em breve nos encontraremos, lembrando que a educação é um organismo vivo e que sempre há tempo para novas experiências.

Fica aqui o nosso agradecimento a todos os professores, gestores e equipes das diretorias de ensino que participaram ativamente e contribuíram para esta publicação.

Colocamo-nos à disposição e contem sempre com o nosso apoio.

Forte abraço!

Equipe DEMOD

Secretaria de Estado da Educação—SEDUC
Coordenadoria Pedagógica—COPED
Departamento de Modalidades Educacionais e Atendimento Especializado—DEMOP
Praça da República, 53, CEP 01045-903, sala 116, São Paulo—SP
coped.demod@educacao.sp.gov.br



| Secretaria de Educação